



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO - FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE**

DANILO STANK RIBEIRO

POR UMA EDUCAÇÃO SEM FUTURO

**FLORIANÓPOLIS
2023**

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Universitária Udesc,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Stank Ribeiro, Danilo
Por uma Educação sem Futuro / Danilo Stank Ribeiro. -- 2023.
195 p.

Orientadora: Ana Maria Hoepers Preve
Tese (doutorado) -- Universidade do Estado de Santa Catarina,
Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2023.

1. Futuro. 2. Educação. 3. Sem Futuro. 4. Fracasso. 5. Covid-19.
I. Hoepers Preve, Ana Maria. II. Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação. III. Título.

DANILO STANK RIBEIRO

POR UMA EDUCAÇÃO SEM FUTURO

Tese apresentada como requisito para obtenção do título de doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Hoepers Preve

BANCA EXAMINADORA

Orientadora:

Profa. Dr^a Ana Maria Hoepers Preve
(UDESC)

Membros:

Prof. Dr^a Amanda Maurício Pereira Leite
(UFT)

Prof. Dr^a Giovana Scareli
(UFSJ)

Prof. Dr. Guilherme Carlos Correa
(UFSM)

Prof. Dr. Luiz Guilherme Augsburger
(SED/SC)

2023

*Aos cuja memória já não mais nos faz partilha.
Aos sem futuro do mundo*

AGRADECIMENTOS

A Ana Maria H Preve, foram mais de dez anos nesse vai e vem de escritas, pesquisas, amizade e trocas. Por acreditar, persistir, teimar, permanecer e “ficar com o problema”.

Ana Godoy por todas as palavras certeiras, as confusas, as arrumadas, as proféticas, por ir até onde conseguimos ir e deixar que isso aqui tomasse seu rumo.

A minha família por todo o suporte, auxílio e acalento, por rotineiramente me cobrar que eu terminasse isso aqui.

As minhas filhas, é por abrir o futuro do qual vocês já são parte, que escrevo. Pelos seus desenhos, suas traquinagens, suas falas e sua relação com esse mundo estranho, por existirem assim, presentemente.

As minhas avós, tenho pensado um tanto em vocês.

Aos membros da banca que aceitaram ler, conversar e avaliar isso que fiz durante quatro anos.

Ao Luiz e a Lena por partilharem comigo essa estranha mania de oficinar, por cada troca, cada momento, cada palavra.

Aos pacientes-internos do Hospital de Custódia e Tratamento psiquiátrico (HCTP) por me cederem esse lá que me faz morada e partilharem o universo naquele agosto, e a equipe que nos acolheu.

A todos os amigos e companheiros do grupo de pesquisa Atlas - Geografia, Imagens e Educação, um efusivo abraço. Em especial a Larissa, pelo árduo trabalho de dar um pouco de ordem a esse caos.

Aquelas e aqueles que fazem parte da FAED e do Programa de Pós-graduação em Educação da UDESC, professores e servidores que eu tive oportunidade de conviver e ter aulas, forte abraço, todos habitamos esse espaço juntos.

Aos órgãos de fomento e aos recursos que disponibilizou como bolsa e que me proporcionaram dedicação integral para esse trabalho.

Aos que esqueci e de uma forma ou de outra por aqui passaram e fizeram parte, ando meio desmemoriado.

A você que lê e me conhece um pouco, pois muito de mim está aqui presente.

Aos sem futuro do mundo.

*Não vou buscar
a esperança
Na linha do horizonte
Nem saciar
A sede do futuro*

*Da fonte do passado
Nada espero
E tudo quero
Sou quem toca
Sou quem dança
Quem na orquestra
Desafina
Quem delira
Sem ter febre*

*Sou o par
E o parceiro
Das verdades
À desconfiança*

Secos e Molhados – Delírio

RESUMO

Essa tese parte da premissa que há uma vinculação intrínseca entre o Futuro e a Educação. O primeiro, como justificativa para o segundo, é para tê-lo ou torná-lo melhor, para si ou para os outros, que ela se assenta. O segundo, condição e aposta para fazer diferir o primeiro, esperança que através dela ele se possa garantir. Afirmo que é o excesso o que tal vínculo produz, mais futuro, mais educação, mais imagens, mais informação, mais... e que esse excedente, que induz a novidade, transforma o presente num tempo ansioso a espera e assentado no futuro. O que isso acaba produzindo é o fechamento de ambos a qualquer potência ligada ao novo como o que ainda não podemos nem medir, nem prever, nem controlar, aquilo que é impensado, o imprevisto, o não realizado, o fracasso, o inútil... Se quase tudo nela perpassa uma finalidade oclusa que é quase sempre jogada para posteriori, como seria pensá-la sem essa demanda? De outra forma, quando não há Futuro no qual se sustentar, o que sobra à Educação, no que ela se afirma? É se movendo entre perguntas como estas que este trabalho toma corpo, é experimentando com e nesse espaço que me movo e pesquiso, na tentativa de alagar a distância que os aproxima e pensar uma educação que não seja atrelada e corresponsável pelos nossos desígnios, uma Educação sem Futuro, lacuna onde a ela ainda é processo e não resultado, e ele se apresenta aberto, impreciso. Para tal, reflito e experimento sobre/com os processos, encontros, os modos, os materiais, as imagens, o contexto, os fracassos, o realizado e o não realizado e as várias manifestações de futuro que atravessam a essa pesquisa, o pesquisador, e de forma impar e salutar, o mundo no período marcado pelos efeitos da pandemia de Covid-19 e suas reverberações.

Palavras-chave: Futuro; Educação; Fracasso; Covid-19; Sem futuro.

ABSTRACT

This thesis starts from the premise that there is an intrinsic link between the Future and Education. The first, as a justification for the second, is based on having it or making it better, for oneself or for others. The latter is a condition and a bet to make the former different, in the hope that through it can be guaranteed. I say that it is excess that this link produces, more future, more education, more images, more information, more... and that this excess, which induces novelty, transforms the present into an anxious time waiting and based on the future. What this ends up producing is the closure of both to any power linked to the new, such as what we can't yet measure, predict or control, what is unthought of, the unforeseen, the unrealized, failure, the useless... If almost everything in it has an occluded purpose that is almost always put off until later, what would it be like to think of it without this demand? Otherwise, when there is no Future to build on, what is left for education, what does it affirm itself to be? It is by moving between questions like these that this work takes shape, it is by experimenting with and in this space that I move and research, in an attempt to bridge the distance that brings them together and think about an education that is not tied to and co-responsible for our designs, an Education without a Future, a gap where it is still a process and not a result, and it is open, imprecise. For this, reflect and experiment with the processes, encounters, modes, materials, images, context, failures, what has been achieved and what has not been achieved, and the various manifestations of the future that run through this research, the researcher, and in an odd and salutary way, the world in the period marked by the effects of the Covid-19 pandemic and its reverberations.

Palabras clave: Future; Education; Failure; Covid-19; No future.

0_ TODOS OS INSTANTES
SÃO INSTANTES DE COMEÇO

1_ UMA ODE AO QUE ERODE

Falhar [26]

Fracassar [32]

Repetir [37]

2_ CISMAR

A melhora [52]

A medida [54]

A empáfia [56]

A meta [57]

A prevenção [59]

A procura [63]

A mudança [64]

O transitório [67]

O horizonte [68]

O seguir [71]

O anúncio [71]

O ciclo [72]

O efêmero [74]

A herança [75]

O impulso [77]

A projeção [78]

O prever [79]

O amanhã [80]

3/1_ EDUCAÇÃO PARA O FIM

Gênesis [91]

Uma versão melhor [95]

Mudar o mundo [101]

A conquista do inútil [101]

Fora dos eixos [102]

3/2_ O FIM DA EDUCAÇÃO

A fortaleza [112]

Donos do amanhã [116]

Guerra dos donos do amanhã [120]

Bate, byte ou bipa [126]

No encalço [131]

Um quase rei [134]

O espólio [135]

Evadir-se [137]

4_ ALGO ENTRE LÁ E AQUI

3000 ou da zona de efeito [146]

3019 ou dos contornos ou entre lá e cá [149]

2140 ou da nossa aflição [151]

1997 ou nem só para a frente [153]

2020 ou do que não tem direção [155]

2018 ou Brasil x Costa Rica [156]

Do que não tem mais lugar [164]

5_ E O QUE SOBRA?

Um mundo em dissolução [172]

Alheamento [175]

Agouro Auspicioso [176]

O si mesmo e o mesmo de si [179]

Do resto [180]

Esses dias [184]

O novo e a sobra [184]

E o que nos resta? [186]

Ser e deixar de ser [189]

6_ REFERÊNCIAS



TODOS OS INSTANTES SÃO
INSTANTES DE COMEÇO

A vó tem perdido a memória. A bisa, antes dela, perdeu tanto que se transformou naquilo que lhe faltou no fim da vida. A impressão é de que, aos poucos, é algo de dentro que vai se apagando. A cabeça se torna incapaz de armazenar qualquer coisa e o apagar do lado de dentro se confunde e transforma com o apagar do lado de fora. O futuro encurta de lá e o passado se aglutina daqui. Daquilo que foi boa parte da vida e que ajudou a constituir essa imagem que vem quando falam seu nome quando está ausente, agora vai restando pouco, esboço daquilo que um dia se firmou no mundo por reiterar a presença (da bisa restam alguns momentos que, mais dia menos dia, se sabe, vão sumir também, assim como a casa em que morou, que hoje preserva os escombros sobre o alicerce). Parece que há algo impreciso entre essa imagem do que ela foi, que marcou sua presença no mundo, e essa outra que agora aos poucos deixa de ser, ao ponto de que em dado momento restará somente um absurdo estranhamento.

No meio disso ela repete coisas. Pequenas atitudes de uma vida, estas, talvez, nunca se apaguem. São essas repetições que antes lhe haviam consumido na rotina incessante do viver, agora parecem a vida se fazendo resistente enquanto o corpo a suporta. Limpar, varrer, lavar e estender roupa, fazer comida, cuidar da casa, isso que deve ter feito tantas vezes ao longo da vida, que a cansou e consumiu, agora parecem seus pequenos momentos de resistência. E talvez ela repita na insistência pois essa é sua maneira de preservar parte do mundo que nela habita, repete para que seu estar no mundo não suma, para que, na repetição, a vida prossiga assim, reiterada.

“Dia desses ela esquece de vocês” a mãe disse. Como será que é a vida assim, vendo aos poucos tudo que nos cerca, tudo que um dia nos definiu, tudo que reunimos em volta, familiar como se diz, se tornar estranho? Esse lento apagar-se do mundo, desaparecer progressivo daquilo que nos define. O que sobrará depois que tudo isso se for? Será que tudo virará ausência, esse estado onde a presença se faz evocada? Será essa então a extensão máxima do presente, viver no presente, nesse espaço comprimido do instante, vida sem antes e depois? E talvez seja um pouco disso, um tempo que hoje se alimenta de passado se choca com esse que vive do presente e que transforma cada instante em memorável. Se tudo há de parecer extraordinário, pois a vida finda rápido demais, talvez nada se fixe, a não ser na infinidade de registros fotográficos que tiramos para lembrar isso que, mais dia menos dia, iremos esquecer.

Talvez essa mesma imagem, que se vai aos poucos, cotidiana, presentificada, que hoje ocupa o lugar das tantas que já se foram, torne-se mais múltipla quando evocada o for. Serão tantos tempos que passarão por ali, que a memória aglutinada no corpo, quando

partilhada, habitará esse espaço da não mais correspondência, espaço em que a Vó será tantas Vós que já foram. Dessa mistura outras imagens serão feitas, refeitas, desfeitas no cruzamento das sucessivas gerações que habitam o mundo, até não haver mais o que lembrar, até não haver mais um mundo.

Leio uma coisa que escrevi ainda antes, mas que agora já faz muito tempo, e a cada vez que me deparo com ela, tantos outros se passaram: *todos os instantes são instantes de começo*. Lembro disso agora enquanto reescrevo essa introdução outra vez, em outro arquivo de texto que pretende fazer definitivo um início, que é também um fim, um fim sempre provisório. Me pareceu interessante a princípio, sempre estar começando e todas aquelas coisas que os começos suscitam consigo (a novidade, o vir a ser, a potência e a insegurança, o frescor...). Porém, agora, isso me vem de outra forma, como nunca encerrar algo, nunca terminar, viver numa completa incompletude. Lembro das não lembranças da Vó. Lembro desse trabalho, é um pouco disso que ele trata. O que tentei desde a primeira linha foi a todo custo tentar terminá-lo. Talvez ele seja isso, uma tentativa constante de dar forma a algo, uma coleção de começos em aberto, de coisas sem futuro.

De lembrança em lembrança, recordo que ouvi certa vez, que segundo algumas pesquisas a memória fica do lado de fora do corpo. Nunca verifiquei. Estranho, mas faz sentido, vai ver por isso ela parece que foge, brinca de se esconder com a gente. Se tivesse dentro, a gente guardaria, prenderia, zelaria para não ir longe demais, mas há coisas de mais para lembrar, e tantas outras para esquecer. Talvez a memória esteja nesse meio, nessa relação entre as coisas e nós. Entre a caixa onde a mãe guarda centenas de pequenos álbuns fotográficos, e a vontade de mexer neles, vez ou outra, só para garantir que o tempo passou, que um dia a gente foi diferente do que é hoje, e nossa presença no mundo já foi encarnada de outra forma. Talvez seja esse o cerne dessa pesquisa, dizer que a gente olha para essa caixa não tanto para lembrar de momentos que foram, mas para verificar quem estamos sendo e deixando de ser o tempo todo.

Lembro da minha filha nisso, vendo-a correr longe, e cada vez mais longe à medida que cresce, mais segura de si em relação ao mundo. A gente tenta ficar sempre com ela à vista e tem essa capacidade de mesmo ela sendo um pequeno ponto brincando na água, conseguir diferenciá-la do resto da criançada em volta, até que ela fique grande demais, distinta demais, até que seja ela à beira da praia admirando seu próprio horizonte. E enquanto escrevo isso, já muito tempo depois, ela dorme ressonando. Já é noite adentro, e eu sei que ela está lá, sei que daqui a pouco ela sentira minha ausência, e de fininho

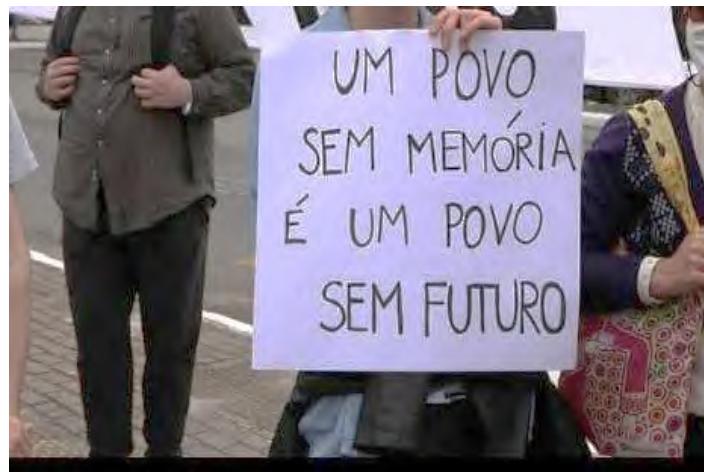
aparecerá na esquina na porta – cuja batente possui marcas que acompanham a medida de seu crescimento junto a uma data – como quem chama sem dizer uma palavra sequer. Tudo isso deve ser porque ela tem aquela idade em que a presença física importa mais que a evocada para proteger daquilo que no breu habita.

Esses dias o pai falava com alguém, seu contemporâneo em idade, sobre a televisão no tempo em que eram crianças. A primeira televisão, enorme, que esquentava, preto e branco, plástico colorido na frente para simular a cor. Coisas que a gente lembra, não tanto com saudade da tecnologia, mas por serem suporte de um momento passado, algo como “no meu tempo era assim, hoje... hoje...” (a tevê é como uma desculpa memorial feito matéria para acessar a criança que um dia se foi). Ela só veio porque, no meio deles, havia algo em comum, uma espécie de partilha, e ambos sabiam, tinham o registro daquela sensação, daquela espera infantil por um programa que preenche uma pequena hora da semana, cuja ânsia parece justificar a semana inteira. Para mim, isso aparecia com outro sentido, pois aquela memória partilhada não me forma a mesma imagem.

Fiquei pensando nessa distância das coisas que ficam para trás por causa do tempo. Acho que até parece que tem algo nele (o tempo útil, produtivo e proativo) que impele a gente para frente, para algum lugar que não o aqui, nem aquele outro que já se foi. Como se expulsasse o antes, o durante e o que restasse fosse um tempo a cumprir. Sempre em frente, sempre lá, com suas diversas demandas que não deixam lugar a qualquer ausência, de tempo, de sentido, de finalidade e de progressão. Até que não nos sobre tempo algum, até que não se tenha mais para onde ir, até que não se tenha o que conquistar e sobre somente essa lacuna que a memória arremata de vida pregressa. Quase como se esse lugar que a memória ocupa fora da gente, entre as coisas e nós, fosse um lugar apertado, pequeno e para caber mais coisas fosse preciso ir tirando outras, rearranjando algumas, tentando não entulhar demais para que elas não escapem para fora. Parece que o que a gente faz com essa parte da vida feita de passado e que se atualiza em nós à distância é inventar várias formas de colocá-la nesse lugar, organizar o que convém, transmitir o que importa, abandonar o que sobra e talvez seja esse um dos significados mais singelos do que seja educar.

Tenho medo de que chegue a minha vez, a vez do pai antes de mim, e entremos nessa fila em que se chega a certa idade sem saber que idade se tem. Isso de ter medo faz com que se procure o quanto baste conhecer sobre (o que não deixa de ser engraçado, atulhar a cabeça de coisas sobre não esquecer coisas). Parece que quanto mais se sabe

sobre mais o medo cresce e se instala (que é uma maneira de dizer que nem sempre o conhecimento nos apazigua a angústia). Nisso, passei a reparar em mim alguns sinais e a colecionar momentos de esquecimento. Às vezes fico tentando, a todo custo, lembrar daquilo que esqueci, ciscando nessa deslembança, em volta do contorno daquilo que outrora foi algo vívido, ao ponto de chegar a desconfiar mesmo se vivi aquilo que se perdeu como reminiscência. Isso de ter medo de que o esquecimento me seja congênito faz tomar qualquer desatenção por sintoma precoce, qualquer lapso como instauração inoportuna disso que se anuncia nos outros antes de mim (como uma dessas fábulas onde há uma família, uma maldição geracional e alguém que descobre a origem e a quebra). Isso de ir esquecendo e perceber-se esquecendo coisas faz a gente enxergar memória em tudo quanto é canto. Se afeiçoar às histórias que as envolvem, fazer analogias com memória, escrever textos sobre memória (como esse que se alonga em demasia, ao qual me apego demais por não saber dar um fim), criar formas de alongar ou prolongar a memória, dar suporte a ela e dar base a ela, para não a forçar demais, para não depender demais daquilo que dá Vó, agora, lentamente, escapa.



Está tudo aí, eu pensava. Um apagamento lento e sintomático do passado, um afunilamento das possibilidades de futuro, a relação com as experiências que já não mais encarnam, desaparecimentos, lapsos, aquilo que um dia foi e agora já não é, a marca da passagem do tempo, daquilo que perdura e do que se perde, do que sucede, transforma e coabita, o medo e a forma de lidar com o transitório, com coisas que terminam e que começam, e com o inacabado e efêmero da vida. O que se perde com o esquecimento congênito, como sintoma de um tempo que bambeia no próprio tempo em que habita, não são apenas as lembranças particulares que só importam aqueles do seu convívio, mas os

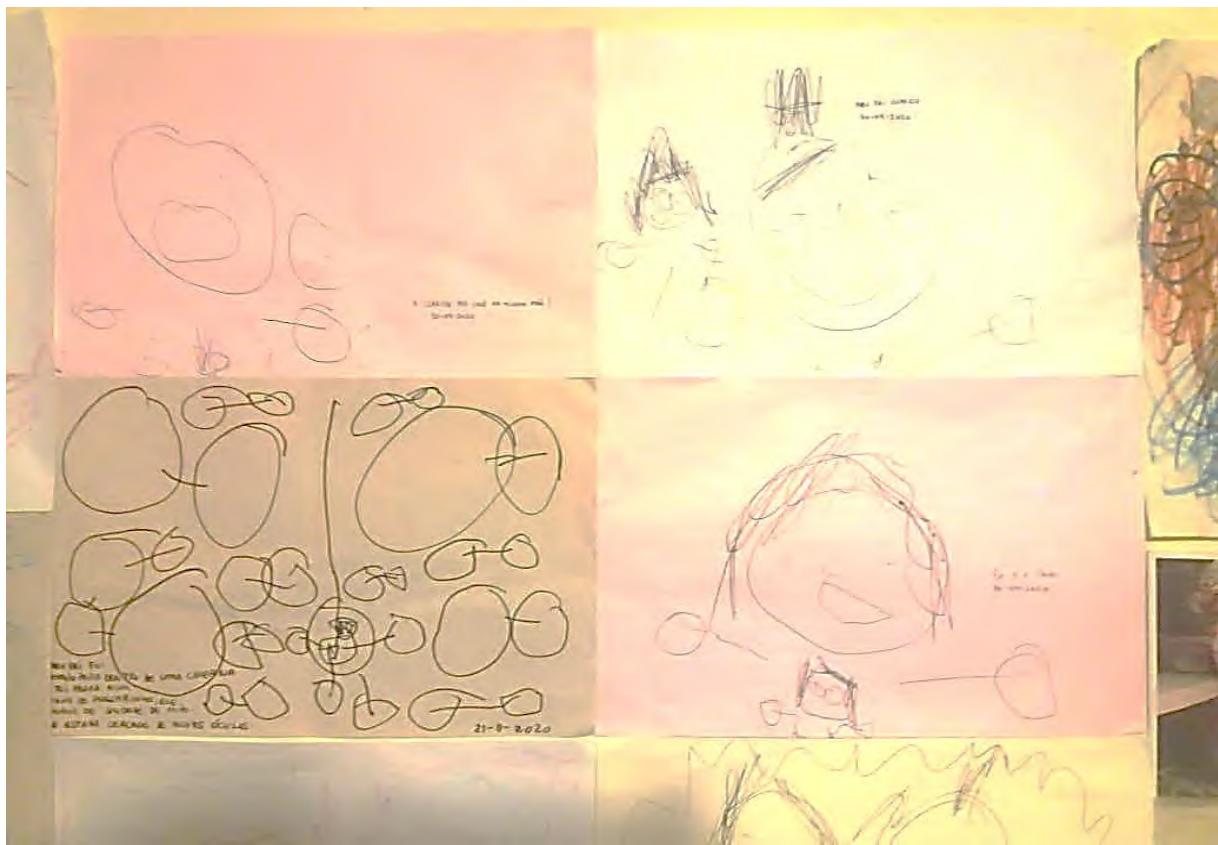
contornos de um mundo que agora, gradativamente, deixa de ser. É um mundo que termina quando não há mais alguém para lembrá-lo. *Um povo sem memória, é um povo sem futuro.*

Não deixa de ser interessante esse caminho por onde a escrita me leva, a vontade de abrir essa tese evocando o que já passou e os efeitos do passado quando reverbera ou não, visto que o que tenho feito, nos últimos anos, foi ficar às voltas com o que ainda não é, os efeitos do futuro quando (ou não) assola. Talvez seja por ver o tempo se esvaindo e, lentamente, terminando ou talvez pela sensação de retrospectiva próximo ao fim, de ficar revendo o que foi e buscando nisso o que poderia ter sido, que fico assim, meio saudoso, assombrado por aquilo que não existiu e o que já não existe mais. Essa rememoração do ocorrido e, ao mesmo tempo, a fabulação do que não ocorreu pode ter sido muito do que tentei fazer atravessar nessa tese, a lacuna no qual esse trabalho se encontra. Talvez seja exatamente isso, escrever uma tese para aprender a lidar com o fato de que algumas coisas terminam, começam e continuam à sua maneira.

Posso dizer que, mesmo antes, quando isso tudo era só um esboço, vontade sem contorno frente a um estranhamento com as coisas do tempo - como ele nos atinge distinto, como ele se manifesta disforme, como ele passa certeiro, como faz suceder, como apaga – é isso que me interessa dentro desse contexto: as coisas que não foram, as que já não são e as que jamais serão. É isso que atravessa esse trabalho, devido à força das circunstâncias que ele se insere e que deixo aparecer aqui e ali ao longo dele, pois afetou de sobremaneira seu andamento. Portanto o que me interessa e o que persigo em relação ao tempo, cuja tônica aqui é o futuro, não é como ele passa ou passou, não lhe é a medida, os modos de pensar o tempo, como objetivá-lo ou conceituá-lo, mas os efeitos que provoca. Não tanto o que é perene, o que se pretende eterno, mas o que perece, o efêmero. Assim, o que me interessa aqui é falar de coisas como ausências, faltas, falhas, do desaparecimento, do insuficiente, do inexistente, do alheamento, do que não corresponde, do que deixou de ser e, de alguma forma, condensado aqui, daquilo que é sem futuro. O que me interessa é esse espaço não preenchido e não a tentativa de preencher esse espaço (confesso que não sei como isso se daria). O que me interessa é que a Vó está perdendo a memória e eu já não sou capaz de fazer nada quanto a isso, exceto assistir a lenta e progressiva perda de sua capacidade de recordar. Um apagar lento daquela imagem dela que demorei para desenhar em mim e que ela levou a vida para constituir. Na perda da memória, vai junto com ela tudo o que ela foi, sua capacidade singular de estar no mundo,

o traço marcante de sua presença, forma e fruto de uma vida, e por que não, da Educação que lhe deu contorno.

Talvez seja por isso que me vejo agora evocando o passado, pois sem futuro para onde olhar, o que restaria se não olhar para trás, recordar o que éramos e não somos mais, ou o que poderíamos tê-lo sido, e não fomos? Ou talvez, isso nos obrigasse a encarar o presente do qual muito se tenta fugir, inclusive apostando num futuro que talvez nunca chegue. Pensei nesses passados que se apagam, nas tantas pessoas que foram perdendo a memória, em tantas memórias que perderam lugar e em gerações e gerações de desmemoriados que não sabem mais de onde vêm e para onde vão. Se não há ninguém para lembrar do mundo que se vai (e ele se vai um pouco à medida que o tempo avança) só restaria um presente ininterrupto e um futuro do qual ninguém sabe bem o que reserva. Nisso, talvez esteja o que persigo aqui: dizer que o papel ou tarefa basilar da Educação, naquilo de mais singelo, é em certo sentido essa de conservar alguns mundos, de não deixar morrer alguns mundos. É lembrar incontáveis vezes que houve um mundo antes de nós, e haverá outros depois. Isso não só se faz pelo apagando ou esquecimento, que são parte do passar do tempo, mas por seleção, pelas histórias que não se contam, ou as formas como se contam certas histórias, daquilo que é escolhido para lembrar e das coisas que são relegadas ao esquecimento. De outra forma, é também abrir espaço para fazer com que outros mundos se criem, que outras possibilidades de mundos existam à sua maneira, assim como um dia foram estes que agora se apagam ou que persistem e se fundem na mistura.



Na parede da sala, a gente colou alguns desenhos da filha, que hoje não estão mais lá. São de um tempo que ela pegava o lápis com a mão inteira, meio sem jeito, e riscava algo uniforme, linhas meio sem direção, meio sem controle, e formava uns rabiscos que a gente, com a mania de tentar dar sentido no que ainda não tem forma, meio que traduzia a nossa própria língua. Qualquer círculo era tomado como rosto, e uma boca aparecia logo depois, sorridente, e depois um nome, havia sempre um nome no rosto que surgia do círculo. Pouco a pouco, suas mãos foram manejando melhor o lápis, e mais complexos foram ficando sua forma de ver e falar do mundo. Assim, nos mais recentes, já não tão recentes assim, as linhas começam a formar, a enxergar e pedir a forma. Daí é rápido para que essas linhas virarem uma árvore, sol, rosto, e um círculo vire "O ou U ou C" e o mundo passe a ser nominado pela palavra escrita, e a mão se adeque as linhas das letras, esses dias mesmo, cantávamos o abc e juntávamos uma letra na outra. O informe vai tomando contorno, e talvez único passa a ser seu significado, e cada vez mais podemos ler o desenho sem ela nos dizer qualquer palavra. "Papai preso no mundo, preso na floresta chorando com saudade..." é como se chamava um deles.

De modo sucinto, poderia resumir que a *tentativa*¹ aqui consiste em experimentar com intrínseco contato que há entre a Educação e o Futuro, mas esse também, como tantos, é um objetivo que não realizei de pleno. É nele que ela se afirma, é na justificativa que a ele, ela contribui, que se pauta a maioria dos esforços que a movem e fazem acontecer. Tão justa essa relação, e aparentemente óbvia ela se faz, que a mais tenra alusão a um, quase subentende a existência do outro, de modo que é costumeiro encontrar isso anunciado em muitos cantos, nos mais variados formatos e que explicitam de forma direta e indireta, essa associação contumaz (esses que se apresentam aqui na composição de imagens, no modo como se escolhe dizer o que se quer dizer e aquilo que não se quer não dizer, do que surge, se projeta e desaparece para não ser mais, é nisso que essa tese se estrutura).

Onde o futuro começa; o futuro é de quem faz agora; olhar para frente é a nossa natureza; projete seu futuro conosco; um novo amanhã; transformar o mundo; uma nova geração para um novo amanhã; conecte ao seu futuro; servir a vida, evoluir com você; você na frente; vale para seu futuro; seu futuro é o nosso maior presente; desafie o futuro; invista em você; nosso presente para seu futuro; vem fazer seu futuro conosco; seu tempo agora; fazendo seu futuro cada vez melhor; visão para evoluir; garante-se um futuro promissor; seu futuro começa aqui; seu futuro nosso maior presente; a gente acredita no futuro; se o tempo voa, decole; educação é nosso passaporte para o futuro; educar é investir no amanhã; educar para seguir mais longe...

Nos mais variados contextos, quando colocada em xeque, a fim de fazer-se justificada, é nele que ela faz fundamento, alicerce desse tempo que se especula. Isso se constata nas mais distintas defesas dela, nos modos como se justificam maiores investimentos, reformas, práticas diferenciadas, atividades, experiências etc. Em qualquer lugar que ela toque, urge de antemão a pretérito intensão colaborar, fim que ampara todos os meios (pois há de florescer uma planta cultivada sem substrato?²). No macro ou no mais ínfimo onde ela é pensada, proposta, gerida, colocada em prática, onde ela se apresenta, aparece o germe dele do qual ela se faz tributária, pois é preciso, de alguma

¹ A tentativa aqui na esteira do que pratica o educador francês Fernand Deligny (1913 – 1996), poderia dizer como um processo de pesquisa que fabrica seus próprios modos, suas próprias maneiras de seguir, de pesquisar, de coletar, e, portanto, beira certa precariedade, pois habita esse território experimental onde o hesitar, como forma de estar em pesquisa se sobressai ao êxito como resultado pretendido.

² Em referência a (DELIGNY, 2020).

forma, saber-se a caminho de algum lugar, saber-se edificando algo, evoluindo ou fazendo evoluir, atribuir finalidade ao que se ensina ou aprende... Se ele é um lá que se pretende chegar, é por meio dela, em demasia, que cada vez mais perto se fica. Ao passo que essa distância diminuiu ao toque, indistinto se torna a diferença entre ambos e já não há como conceber um na ausência do outro. Sem ele, em suas múltiplas formas, sem a ele contribuir, sem a ele ser sujeita, na sua manutenção, efetividade, o que seria dela? Sem ela, em suas várias manifestações, sem ela como condição essencial para a melhora, aposta prioritária, forma de aferir e produzir alguma mudança, o que dele seria?

Assim, é nesse espaço que se tenta experimentar, é essa relação que se faz matéria primeira desse trabalho, no modo como ela se manifesta, como atua, o que dela resulta, como se apresenta. No decorrer do próprio processo no qual essa tese se constitui, se desfaz e se transforma. Pois, do que se trata é do processo, de uma proposta de pesquisa fazendo-se tese de doutorado, seus meandros, seu vai-e-vem, seus encontros, angústias, fracassos e andamentos. Nessa lacuna onde a Educação ainda é processo e não resultado e o Futuro se apresenta aberto, impreciso, é onde tento posicionar esse trabalho. Quem sabe assim, sem a pretensão de realizá-lo como meta, lhe faço escapar e a torno um pouco uma Educação sem Futuro. Aí talvez se possa trabalhar sobre o impensado, sobre o imprevisto, o não realizado, o que não chegou a sê-lo, e onde o que é radicalmente novo tenha minimamente espaço de se realizar, mas isso, assim como futuro, só posso especular.

Dessa forma, divido o trabalho em cinco capítulos. Cada um ao seu modo, traço os contornos desse tema, experimentando, em algumas situações e formas distintas, aspectos diversos daquilo que chamo de uma Educação sem Futuro.

Assim, no primeiro capítulo, “**Uma ode ao que erode**”, apresento de certa forma o funcionamento da tese, a maneira ela foi se constituindo, seus processos, encontros, quereres, pretensões, o realizado e o irrealizado. Frente ao novo, a novidade, ao inédito que avulta hoje do presente para o futuro, evoco a força da repetição como uma maneira de estar e permanecer em pesquisa. Frente ao sucesso que parametriza cada realização, busco imagens relacionadas a abalos, falhas, abismos, linhas de ruptura, fracassos, que de algum modo, remetem a formas como o sem futuro se manifesta. Afirmá-las é dizer que é com elas que se experimenta, é com elas que o trabalho faz corpo, compõem e passa a existir. A tentativa aqui é como pensar o futuro sem colocá-lo como posterior, nem amostra de nossa expectativa ou ação, nem como horizonte a perseguir, nem como destino a padecer, mas manifestação do que impensado, do sem parâmetro, do imprevisto, do que

ainda não pensamos, nem medimos, nem controlamos. Como se o próprio chão sob os nossos pés, essa base que nos dá sustento (um dos lugares em que se pode colocar o passado, por exemplo) estivesse cedendo, e toda a estrutura acima dele, tudo que foi edificado acima dele, tudo que nos deu um dia alguma garantia, alguma estabilidade, começasse a ruir, a ceder. Aqui a força é a da instabilidade, do inacabamento, quase nada é concreto e o futuro perde seu lugar de horizonte em meio aos escombros da nossa mais tenra desilusão.

Seguindo essa linha, no segundo capítulo, “**Cismar**”, é onde apresento meus “respingos de futuro”, uma maneira de experimentar com os atravessamentos que o futuro realiza ao longo da pesquisa, os encontros, os contatos, os momentos que saí em seu encalço, outros em que ele surgiu sem aviso, pequenas crônicas, reflexões e textos que tentam apresentar as múltiplas facetas do futuro, e que trespassaram a essa tese durante os anos em que foi realizada, 2018 – 2023, sobretudo no período mais agudo da pandemia.

No capítulo três, composto de duas partes “**Educação para o fim**” e “**O fim da educação**”, começo a partir de uma imagem corrente de algo sem futuro, a do fim do mundo. Parto de seis relatos de aulas que ocorreram no ano de 2018 para pensar o fracasso como algo que não corresponde a certas expectativas, a certos quereres, a certas vontades, ou com outras palavras, quando o futuro difere do modo como foi concebido. De outra forma, como se as forças que rompem o pretendido, o objetivado, essas ligadas ao acaso, ao imprevisto, tomassem forma do novo, não aquele do inovar, que corrobora com a atualização permanente daquilo que já ruiu, mas o novo enquanto algo que ainda não podemos nem prever, nem controlar, nem medir. O capítulo segue tentando estabelecer uma associação de imagens do futuro e o sem futuro a partir da Educação partindo da novidade, dos novos que vêm ao mundo, e do caráter finito do mundo, usando para isso uma reflexão sobre três filmes em que o pedagógico e o educacional aparecem de alguma maneira. O que fazemos quando a novidade se instaura, se ela é ao mesmo tempo possibilidade de renovação e de ruptura, alicerce de nossas esperanças e remate dos nossos temores? Como preservar a potência do que é novo e conservar alguns aspectos daquilo que está à beira da inexistência? Supondo que esse meio seja o lugar em que a Educação passa, entre a chegada do que é novo, do que é incerto, do que pouco ou nada se sabe, e a dissolução e resistência daquilo que perece ou muda com o tempo, o texto, a seu modo, tenta estabelecer certos contornos para pensar o que é a Educação, o que seria um homem educado, qual seria o seu papel frente a um mundo em perpetua instabilidade,

em que o futuro tenta se estabelecer a todo instante, como alicerce movediço de nossas esperança.

O capítulo quatro “**Algo entre lá e aqui**” se estrutura sobre algumas oficinas realizadas no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP) localizado em Florianópolis, no ano de 2019. Ao todo realizei quatro oficinas nesse espaço até serem interrompidas de forma abrupta em virtude da pandemia. O seu não prosseguimento, a quebra de expectativa e a inserção do inesperado a partir disso, ajudam a compor, com alguns relatos e materiais produzidos com os pacientes-internos, algumas pistas sobre essa tentativa de exercitar esse “sem futuro” partindo de um modo específico de fazer, pensar, propor e acompanhar oficinas no contexto da educação.

No último e quinto capítulo “**E o que sobra?**”, fico às voltas com a seguinte pergunta: diante da visível ausência de futuro, seu esvaziamento como horizonte, ou seu afunilamento e fechamento na forma do possível, do desejável, do comum, o que sobra quanto já não há perspectiva aparente, sem qualquer lugar de chegada, nenhuma novidade desponta? Para tal uso como base o livro de Paul Auster “O país das últimas coisas”, e sua narrativa sobre um país em que já não há novidade, e o que resta évê-lo desaparecer paulatinamente junto ao enredo.

Nesse sentido, posso dizer que o que essa tese busca, como exercício de escrita, composição e pesquisa em volta de um tema, é experimentar com essas forças, imagens, encontros, materiais, textos etc., que aparecem quando a questão do futuro se anuncia ou se ausenta. Para tal, como estratégia, ao longo dela, me aproximo e componho com essas diversas imagens de futuro, tentando, com elas, dizer algo além do que elas já afirmam, ou melhor, abrir o futuro que nelas se condensa. Além disso, faço deliberadas inserções de textos, geralmente em *italico*, que variam entre pequenas crônicas, blocos de textos e frases curtas, que dão corpo e atravessam de algum modo aquilo que é nevrálgico em cada capítulo. Essas inserções, que as vezes mudam o “tom” e a pessoa do texto, atravessam o trabalho por inteiro, e espaçadas aqui e ali, enfatizam e compõem com o resto do texto, e quando pertinente, explicito sua função no bojo de cada capítulo.

É atravessado por algumas questões enviesadas, pouco assertivas e abertas que esse trabalho toma existência, atravessado de ponta a ponta por aquilo que do futuro destoa ou se concretiza, e datado ao longo e no período em que se realiza.



UMA ODE

AO QUE ERODE

Hoje acordei de um sono intranquilo. Já não sei quantas vezes isso se deu. Faz semanas que isso se repete, não consigo dormir direito. Um estado de vigília permanente altera minha percepção de tempo. Não desligo. A imagem que pulsa da tela se embaralha com a realidade da qual me sinto cada vez mais desconexo. É tudo mistura, sobreposição, aparência. Fica escuro lá fora, uma dor do lado esquerdo do pescoço me obriga a deitar. Paro, mas não desligo. São horas passadas aqui e esse branco todo me atordoa. Há tanto espaço a preencher, mas tudo me parece emudecido. Passo um tempo, entro e saio à procura do mundo, para ver se ele ainda está lá, se ele existe para além daqui, dos barulhos que vem da janela, sons de um mundo que é puro timbre, ruido. São muitas imagens, inúmeras, mas nada choca, tudo se torna banal, pouco se fixa, tudo exaspera. Nada atinge um teto de vidro já quebrado. É tudo caco onde se pisa e já não há mais sangue para estancar. De quando em vez, percebo que venho marcando o tempo pelo quanto avança isso aqui, mas não sei bem em que direção e um amontoado de caracteres passa a ser justa medida da areia que preenche minha ampulheta. Aos poucos, essa brancura toda vai se preenchendo, de modo que esse vazio a ser conquistado já não mais cintila. Passa um tempo, esse mesmo que anda perdendo o prumo e o que antes era compasso lento que me aproximava de um fim, perde o pulso e, arritimado, perdura. Assim, quando por mim me dou nesse desalinho sem significado, vejo sem métrica cada avanço de um dia, esse que parece repetir-se inconstante e em face dele, faço tudo sumir sem vestígio, num rompante de desapego e resignação. Assim, quando acordo, me vejo novamente a começar e, ao longo do dia, tento sustentar esse impetuoso gesto outra vez.

Falhar

Tudo de outrora.
 Nada mais nunca.
 Nunca tentado.
 Nunca falhado.
 Não importa.
 Tentar de novo.
 Falhar de novo.
 Falhar melhor.

Becket

Há diversos filmes com a temática “loop temporal” (algo como ciclo temporal). Filmes cuja personagem fica presa em um momento específico do tempo. Neles, somos apresentados a uma série de acontecimentos, por vezes ordinários (um dia da vida de um repórter como em Feitiço do Tempo de 1993), por vezes grandiosos (a destruição do mundo, como em No limite do amanhã de 2014), que terminam, em geral, ou em algo absurdo ou algo trágico, que dá motivo a narrativa, seja para tentar evitar que aconteça ou fazer de tudo para que se efetue. São essas tentativas de mudar ou manter o que acontece, e falhar repetidas vezes, que fazem ressoar, nessas obras, a frase “falhar de novo, falhar melhor” (BECKET, 2012, p. 66). É a repetição quase idêntica dos fatos, e suas pequenas nuances, que fazem com que se note que algo do tempo não flui como devido, que o tempo não passa, que já não há futuro, que o tempo retorna, um retorno ao mesmo ponto, e que, pouco a pouco, se diversifica.

A imagem aqui é a de um círculo feito de linhas que convergem para dentro ou para fora, para longe ou para perto do ponto de onde se partiu, mas sempre um *loop*, pouco se abandona o eixo em que se gira. Aqui, a narrativa base, esta que acontece antes do primeiro *loop*, serve de estrutura ao enredo e ao desenrolar subsequente. Sua reiteração é que nos dá aquela impressão estranha de que algo já aconteceu, que não houve avanço em direção alguma³. O que importa é que o tempo se repete, que não há linearidade aparente, sucessão e não necessariamente o que faz o tempo repetir. Nesse sentido uma leitura possível e recorrente é aquela que coloca um destino preconcebido, e do qual se está fadado, frente ao arbítrio como escolha deliberada e, portanto, passível de

³ Bifurcações no tempo causadas por acidente nuclear, ou a engenhosidade absurda de uma máquina, ou pela celebração do dia da marmota, o sangue de uma raça alienígena que controla o tempo, são exemplos daquilo causam o retorno em alguns filmes.

consequências e variantes. Cremos no que acontece, no retorno e repetição do tempo, mesmo sabendo do absurdo da proposição, uma espécie de cumplicidade com a narrativa, não pelo que nela é plausível, mas pela proposta ficcional que captura nossa atenção e que no enredo não se encerra.

É lugar comum à maioria desses filmes acabar com “final feliz”, fim de ciclo e rompimento com o destino a que se parece estar fadado; tudo acaba bem, todo mundo se salva, e o tempo volta a fluir como deve, retorna retilíneo à normalidade, ao mesmo. É preciso saber que se vai a algum lugar, que se avança, que há futuro, que há um depois. A variação aparente que ocorre aqui, essa que distingue um loop do outro, varia em torno daquele original, o primeiro. Quase sempre se busca voltar a ele, a um estado preterido onde a normalidade do tempo fluía de forma prevista, sucessiva, cadenciada. Em geral a narrativa se desenrola na procura constante do retorno, desejar que um acontecimento ocorra de modo distinto (como em *Revivendo o Natal*, de 2011 e *Crimes do Tempo*, de 2007), ou minimizar os efeitos adversos de alguma ação (como em *Efeito borboleta*, de 2004 e *Predestinação*, de 2014), ou ainda, na escolha da melhor alternativa ou variante (como em *12:01 de 1993* ou *Antes que o dia termine*, de 2004), ou de reviver momentos marcantes e poder aproveitá-los com mais afinco (como em *Antes Que Eu Vá*, de 2017).

É esse *loop*, retorno ou volta ao ponto de origem, a repetição daquilo que parece não variar e do qual não se tem escapatória, que nos causa essa sensação de aprisionamento, de sufocamento e de resignação. Não há saída, não há futuro além para forma, para além do *loop*. Por isso, esse sentido de urgência que é marca significativa de várias dessas obras (em *Corra, Lola, Corra* de 1998 a personagem principal corre o filme quase inteiro), pois o que urge é evitar a captura, é traçar a fuga, permanecer variando.

Por isso que “falhar de novo, falhar melhor, nessa leitura, está longe ser uma frase de motivação, que leva a persistência, superação, e por conseguinte, ao sucesso, parâmetros alçados com idolatria nessa fase de superexploração sem filtros das subjetividades, marca do neoliberalismo atual, e que a educação vem flirtando a algum tempo. O que aqui se mantém, o que aqui se repete, e se repete nos filmes, é a própria repetição, e não a resultante que aparentemente se objetiva. É por fazer diferir dentro da forma que a narrativa se põe em movimento. Falhar cada vez melhor, falhar cada vez mais fundo.

Sem direção aparente, sem futuro, uma linha que não cessa de variar, mas que gravita um mesmo eixo, um mesmo tema. Como habitar o futuro sem ser em fuga? Como habitar o futuro sem ser meta? Como habitar o futuro sem ser espera, angústia ou ânsia?

Foi dessa forma e permeado de questões como essas que tentei me manter em pesquisa. Uma existência circular, repetida, reiterada, enviesada, que varia na repetição daquilo que parece o mesmo (repetições de imagens, de mensagens, de palavras, de termos, de encontros e de ideias). A repetição aqui é ia par e passo da repetição do mundo naquele breve instante de pouco mais de dois anos, onde o isolamento em virtude da pandemia, por algum tempo, deixou parte do mundo apartado, e reiterado tornou-se a vida doméstica e para quem abrigo o tinha. Acompanhar esses movimentos, repetir, repetir e repetir, obstinadamente⁴, foi o que fiz. Repetir não para chegar a algum lugar, a um sumo ou conclusão, mas a lugar nenhum. Não uma pergunta a priori que conduza a pesquisa até um outro lugar, uma finalidade, mas como em música, um tema a ser modulado.

Nesse sentido, me aproximo do que diz Ferraz (2005) ao falar sobre a repetição dentro da composição musical com base do conceito de ritornelo deleuziano. Ele pontua que pensar em repetição sem que nela se esteja a mesma matéria ou forma. Fazer ritornelos cuja força não seja deduzida e atada ao passado ou ao presente, mas advém do ao futuro, porque improváveis, pois o que volta não é o elemento, nem a forma, nem a sonoridade, mas a “potência de fazer música, fazer e desfazer lugares, a potência de escuta [...] Construir o lugar, fazer um canto, de girar em torno de um centro, e tudo isto só surge porque, antes do lugar, está a presença constante das linhas que me tiram do lugar [...] sobre este eixo e não fora dele que advém a escapada” (FERRAZ, 2005 p. 72 - 73). E nesse sentido o autor complementa que:

...compor um ritornelo é também compor uma cela. Um quarto não só abriga, ele obriga e impõe uma dimensão. Daí a necessidade de romper o quarto. Quebrar as amarras do quarto e percorrer umas de suas linhas maleáveis. *E achar a saída só pode ser feito de um modo: experimentando.* Não há saída prevista em uma cela, para a cela é improvável que algo escape. Uma ideia de possibilidade está associada à cela, mas uma ideia de impossível, de improvável, de virtual está associada ao plano de fuga. (FERRAZ, 2005, p. 39, grifo nosso).

É costumeiro crer que para começar e se manter em pesquisa seja necessário um ponto fixo de chegada, uma meta, um objetivo (outro lugar para o futuro) algo que de baliza e marque uma trajetória, uma evolução, que afira mudança, alguma transformação.

⁴ A maneira de Barthes (1975, p. 12, grifo nosso) “A utopia, é claro, não preserva do poder: a utopia da língua é recuperada como língua da utopia — que é um gênero como qualquer outro. Pode-se dizer que nenhum dos escritores que partiram de um combate assaz solitário contra o poder da língua, pôde ou pode evitar ser recuperado por ele, quer sob a forma póstuma de uma inscrição na cultura oficial, quer sob a forma presente de uma moda que impõe sua imagem e lhe prescreve a conformidade com aquilo que dele se espera. *Não há outra saída para esse autor senão o deslocamento — ou a teimosia — ou os dois ao mesmo tempo*”.

A imagem recorrente é a do percurso, que leva de um lugar a outro, de uma questão, hipótese, pergunta, a uma resposta, solução, resolução. Quase sempre se deixa ou se abandona um lugar, quase sempre quem parte leva um guia, um mapa, um método, o plano de retorno, seja para voltar a origem, para o familiar, para casa, mas, também, como forma de averiguar seus passos, comprovação e rastro de sua passagem. Aquele fragmento de cena que se repete desde o primeiro *loop*, aquele que é idêntico dentro da narrativa, que encerra, mas que contém do mesmo modo a possibilidade da fuga, o germe de outro começo.

Todavia, se seguíssemos sem uma direção preestabelecida, um lugar de chegada, e percorrêssemos este estar em pesquisa seguindo no ritmo daquilo que oscila, dos encontros, das situações, dos acontecimentos, um *avanço hesitante*, sem rumo, sem meta e por que não, sem futuro. Avançar, não em linha reta, mas numa espécie de *linha exaltada*, que vai atrás de uma certa intensidade sentida, sem um trajeto definido de antemão, mas pressentido no encontro. Hesitar pois não se sabe o que virá, pois do que serviria então seguir se objetivo final seria somente o destino, a “terra prometida”. “Que pode ainda descobrir quem conhece já o destino? Hesitar é um efeito da ação de descobrir; só não hesita quem já descobriu, quem já colocou um ponto final no seu processo de investigação”. Diz o autor que esse errar de modo hesitante é feito ao redor do que não tem resposta, “do que não está ainda decidido, do que ainda nos espanta, do que ainda nos confronta, daquilo sobre o qual ainda se discute, argumenta, luta” (TAVARES, 2013, p. 26 - 27), e completa logo em seguida.

Eis o que interessa: rodear o que não tem fórmula, o que não tem incógnitas concentradas num sítio, disponíveis para uma qualquer resolução objetiva e inequívoca. Pelo contrário, rodeia-se, sim, o informe, o oposto da fórmula. Fórmula como a quantificação de uma forma; o informe, pelo contrário, como o que não tem forma, o que não tem qualidades, características, muito menos medidas; o informe é o que se ri e troça da fórmula; é o inimigo da fórmula, que não pode ser agarrado: como combater o que não tem forma? Em suma, só é digno de ser questionado, só é digno de ser investigado, o que ainda não tem fórmula, o que ainda não tem solução; e mais: o que nunca terá solução. Errar, circular, hesitar em redor do que não tem solução: um método (TAVARES, 2013, p. 28).

Assim, sendo esse tema o futuro, à aparente percepção de sua falta e as diversas manifestações e implicações desta na sua aproximação com a Educação, o que me parece interessante, é que essa repetição realiza também um movimento de evitar colar o futuro nesse lugar da expectativa, do depois de, mera resultante da aliança entre presente e passado. O que quero frisar de certa repetição como estilo deliberado de habitar uma

pesquisa, é dizer da forma como o futuro atua, aparece e afeta o andamento dela. Um estilo que não se constitui a priori, mas é processual, caminha e se transforma à medida do andamento, dos encontros, das tensões, dos afetos, das rupturas, dos fracassos, e... que são parte do movimento de estar em pesquisa. Abrir espaço para que o futuro e o sem futuro apareçam aqui de várias formas é o que tentei realizar. Portanto, ele não é só um tema de pesquisa, mas a maneira mesma de pesquisar, ou de outro modo, o móvito que me permitiu manter em pesquisa. Incorporá-lo é deixar-se afetar, saber-se afetado, e não cultivar certa pureza ou distanciamento, pois, “a escapada se realiza sobre o eixo e não fora dele” (FERRAZ, 2005 p. 73). Dessa forma, o que interessa nessa maneira específica de estar e realizar uma pesquisa, é que o tema não aparece somente como hipótese, pergunta, questionamento, ou algo a ser respondido, solucionado e desvelado, mas uma questão que transpassa, arraiga e espraia sobre todo o processo que a constitui. Uma questão que permeia e afeta tanto os modos de pesquisar, o campo de pesquisa, aqueles que durante ela se estabelece relações e encontros, como se organiza a escrita, o que se seleciona para dizer e o não dito, quanto ao pesquisador, esse imerso, esse que está, insiste e tenta permanecer em pesquisa.

Olhou tão fixamente para elas, de forma tão compenetrada, ascética, por certo até que seus olhos traíssem o sentido, desaprendendo a vê-las como sempre as via: forma, estrutura, sentido, encadeamento. Era difícil abstrair, um pequeno deslize e pronto, as pequenas já faziam entoar um cântico sereno e abissal, capturando pelo sentido que produziam. Não mais um bloco de formas arredondadas, linhas pontiagudas, símbolos abstratos, negra forma hipnótica. Mesmo turvas, embaralhadas, zarolhas, elas teimavam em juntar-se, como se o fim de uma fosse polo reverso do começo da outra, formando esse bloco fixo, muro alto, liso, a impavidez do dizível bloqueava uma janela cuja mirada nada se sabia, a não que era reflexo traduzido e transmutado nesse interposto. De longe, de onde estava para se resguardar, via esse bloco como pequenas formigas perfiladas sem movimento aparente, prostradas uma a uma de cima a baixo, da esquerda para a direita. Queria chegar perto, mas não demais ao ponto de perder a posição que conquistara, aquela de vê-lo completo e compreendê-lo em estrutura. Era disso que tentara escapar, mas era somente isso que possuía, que lhe garantia o curso, a meta que tomara para si, o jogo cúmplice que estabelecera entre ele, o olho e a forma. Não se sabe quanto tempo ele ficou nesse estado atônito de olhar, reolhar, embaralhar, fixar, mimetizar, nesse ato desvairado de tentar desdizer o dito. Nesse jogo, sem querer, resvalou sobre si em um passo acanhado e falso. Despropositado chegou mais perto, e cada vez mais perto ele chegou. Tomando gosto e coragem pelo contato, desfez a margem, desaprumou a vista, escangalhou o foco. De perto fez ver vazado do bloco, as pequenas falhas por trás daquele anteparo, a luz que pululava por entre as frestas, e delas fez alvo, e lançou o olho ali, mirou o olho ali, e somente ali, como se estivesse vendendo algo que não devia, algo privado, algo secreto, até luzir por completo, e ser somente fundo.

Fracassar



Admitir, desde o início, que a essência desse projeto é o fracasso (AUSTER, 1999, p. 28). Encontro como uma frase num livro, um livro escrito por um filho sobre as suas memórias de seu pai morto, que em vida, permaneceu ausente do mundo e de si mesmo. O projeto fracassado que ele anuncia não é bem a impossível recordação de algo que pouco se conheceu, mas uma memória inventada, que lida não com certeza do que ele foi (e aí caberia ao filho tentar recordar) mas dos seus pequenos pedaços de incerteza que agora um filho, ao revirar a antiga casa que seu pai habitava, tenta dar contorno. Parte-se do fracasso inicial de um projeto que não mira num objetivo (recordar um pai), mas na jornada, no caminho e, assim, como se desenvolve ao longo da narrativa, na busca por dar forma àquilo que, mesmo em vida, pouco esteve presente. É nessa busca fracassada que a história de “A Invenção da Solidão” de Paul Auster (1999) se desenrola.

Auster é um autor de repetições: personagens escritores, com bloqueios na escrita, vagando por histórias dentro de histórias, histórias que se confundem, se fundem, que terminam sem terminar, histórias paralelas, repetição de fatos; a busca de um pai, ou a presença de uma figura paterna; autorreferências; uma narrativa que anda lentamente, que fica em volta de algo, nada muito surpreendente acontece e, se acontece, é por sua característica mais marcante e conhecida, os acasos. Esses temas se repetem, parecem

querer fazer fórmula, se aproximar da fórmula, algo que deu certo numa obra dará em outra, engano, é isso que faz junção, cria estilo, alguém lidando sempre com uma mesma questão, indefinidamente.

Também ao acaso, dois anos antes desse encontro, iniciei este projeto de tese, que hoje está perto do fim, admitindo inicial fracasso (“esse trabalho já é dado ao fracasso...” são as suas primeiras palavras). Comecei tal projeto, há quase cinco anos, não como uma empreitada que se inicia com a reconstituição de outro, aquela ligada a evocação da memória, que se apoia no passado, mas sobre algo que não existe, que é potência, invenção, imaginação, projeção, tendência, prospecto, vislumbre, ulterior e decorrente, enfim, a tudo aquilo ligado ao futuro e às forças germinativas do porvir. Porém, habitar esse tempo ainda conserva relação com reminiscência, rememoração, recordação, saudade, pois o que passou, em algum momento, já pertenceu a esse tempo das coisas que ainda possuem latência (que é outra forma de dizer que o futuro de ontem, hoje, agora é nosso passado). Em certo sentido, o futuro não nos faz memória, mas as memórias de futuros não realizados ainda pairam sobre nós. Expectativa, anseio, projeto, esperança, é lá que ele parece estar. Sempre um passo à frente do passo que já foi dado. Inalcançável e inatingível. Para aqueles que almejam o progresso, fonte última de seus desejos. Para aqueles que o vivem cheio, ansiedade pungente que que atiça seus medos.

Hoje, penso no início desse projeto, no que ele dizia, no que ele queria, almejava ser, naquilo que ele não foi, na marca de fracasso que ele proferia como suas primeiras palavras e na iminência de fracassar a qualquer instante que pairava sobre ele. Penso no começo e nos diversos. Quantas vezes não pensei em abandoná-lo por inteiro, inacabado? Quantas coisas ficaram pelo caminho? Quem sabe seja isso o que persegui: fazer de tudo e com todas as forças, usar todas as artimanhas que pudesse para fazê-lo fracassar, e experimentar assim, algo sem futuro. Talvez seja sobre isso essa tese: escrever sobre a impossibilidade de encerrar, sobre recomeços, sobre não concluir algo, sobre aquilo que nunca se efetiva, sobre o sem futuro das coisas. É dessa matéria que essa tese é feita, uma grande coleção de começos, de coisas inacabadas, de vontades, de fracassos, de empreitadas, de guinadas sem ímpeto e de coisas sem futuro.

Digo isso para frisar o movimento estratégico: deixar-se transpassar e abrir espaço para as muitas versões do que é sem futuro. Faço como forma de reverberar esse que parece ser um sintoma ligado ao contexto e ao período no qual esta pesquisa se deu: os quatro anos em que foi levado ao cabo, no Brasil, um dos mais escabrosos governos pós-democratização, sua política de extermínio pela negação da pandemia de COVID-19 e as

entrelinhas que se relevam aos poucos. Afirmo tal fato não como justificativa, mas para ressaltar que, sendo este momento ímpar na história recente, seus efeitos aqui também são sentidos e tomam alguma existência. Não há razão para negar ou esconder que o isolamento, as mortes, a falta de perspectiva política, de quadro sanitário, o imprevisto, a interrupção das atividades ou da “normalidade” afetaram de forma substancial este trabalho e suas cercanias. Essa “aura” ou espectro de incerteza e ao mesmo tempo de aposta no porvir que paira sobre nós, de alguma forma, aparecem aqui nas diversas imagens onde o futuro se avulta ou se ausenta, calcando esse trabalho no momento presente que lhe dá contexto. Porém, hoje tudo isso passou e a distância em relação ao outro que nos causava medo a princípio vai tomando nova forma, outros corpos, e uma ponta de esperança aflora do peito outra vez.

Afetado e dando vazão a ele, esses anos em que o futuro se tornou suspenso, e um apelo recorrente a um passado que nunca existiu passou a ser marca de nossa política, é que faço outro movimento. Arrisco experimentar essa repetição, esse *loop*, de outra maneira, tentando fazer presente o futuro e sua ausência, estabelecendo ao longo dessa tese um certo tom de desalento, de desesperança e que são formas como o sem futuro se apresenta. Assim, tendo a enaltecer coisas como o erro, a falha, o fracasso, o imprevisto e..., pois as tomo como avessos a um mundo em que impera um discurso ligado ao desempenho, a positividade, a exatidão, o previsto, ao sucesso individual como parâmetro balizador de progresso, como aposta inevitável no futuro. Ressalto que elas são também parte essencial do processo educativo, uma parte que, em certa medida, a Educação tenta fazer superar, redimir, se precaver, preservando o acerto, o êxito, o previsto como métrica que afere sua efetividade. Uma manifestação disso é o reformismo que atinge a questão Educacional, sobretudo as ligadas ao ensino escolar. Este, assentado fortemente numa ideia de “inovação pela inovação”, de personalização dos processos educacionais, muita atrelada ao uso das novas tecnologias de informação, vai buscar base na análise dos parâmetros e resultados por meio das avaliações em larga escala, e imbuir a educação de um excessivo utilitarismo individualista. Daí todo vocabulário ligado à gestão, qualificação, flexibilização, motivação e daí isso, que a educação é um investimento em si mesmo⁵.

Frente a isso, começar com o que desmorona, com o resto, “falo a partir dos escombros”, poderia ser um bom começo e lugar para essa pesquisa. Tipo aquela tradição

⁵ Sobre a influência neoliberal nas formas como se organiza, pensa, debate, gerencia a educação (LAVAL, 2019).

do artesanato japonês chamada *kintsugi*, de remendar um objeto quebrado (em geral feitos de barro ou cerâmica) e manter as ranhuras aparentes, como que para alertar sobre a fragilidade ou servir de marca de uso, ou alusiva a certa imperfeição e às cicatrizes da vida, mas aqui como quem junta os cacos e depois lembra que não há cola que grude, nem fratura congruente. Resta, então, com o resto, saber juntar um caco ali, outro aqui, e fazer disso outra coisa, deixar o corpo vibrar, e, com sismo, compor uma dança cujo ritmo é marcado pelo quanto oscila o próprio desastre.

Uma ode ao que erode.

Começar pela falha, para dizer que tudo que é sólido se intempera ou lixivia.

Se pegou imaginando quantas havia deixado passar até perceber que se repetiam. Trela nem deu no começo. Pouco caso fez da presença que manifestava à espreita. Coisa do acaso, dizia para si. Porém, ela persistia na constância. Aqui! aqui! respondia dizia por se mostrar sem querer, e quando já, somava uma porção. Como escape não tinha, teve que admitir para si o repetido do caso, e ria dessa coincidência absurda. Irônico, fez jogo, colecionou, categorizou o desmedido. Chegou a prenunciar, na antevéspera, a aparição, o contexto, o suporte, e com aquilo fazia fé. Para não perder nenhuma, chegou mesmo a alongar a periferia da vista, a inventar formas de captura, aprendeu a particionar a atenção. Passou a traçar linhas de contato, e com elas tramava, antecipado, áreas de reincidência. Chegou mesmo a esboçar mapa, mas isso, ninguém viu. Calculava probabilidade, planejava previamente sua saída em função delas e só voltava até que encontrasse o tanto que previu diariamente. Ela foi crescendo, tomando-lhe corpo, dando-lhe forma, que tomou a palavra por credo e apregoou. Como que por demais fosse a aparição, ou por já lhe haver perdido a crença no porvir, começou a se enfadar, a fugir, a não crer no que preconizava. Mudava a rota, traçava caminhos paralelos, havia todo um planejamento para o desencontro. A mínima presença aliterada, o som análogo, a sílaba grafada, as iniciais, lembravam daquilo que por um tempo cultivou, mas que, agora, não queria mais encarar, não mais suportava. Efeito fez o desvio e deu por notar que elas sediam espaço, e lá onde estavam, agora outra coisa assumia, de modo que já restava pouco mais que o rastro vazio de sua passagem. A efemeridade era sua constância e achou que era de sua natureza serem assoladas pelo esquecimento, que esse estado era a sustentação a seu existir breve e um pequeno desvio no meio do fluxo. Por um tempo, continuou a sustentar que não as via, apesar de, mesmo de relance, elas lhe aparecerem na periferia do olho. Quando mais rápido ele ia, quando mais acelerado ficava, mais margeadas elas ficavam. Só sustentar a firmeza, sem resvalar, sem perder o objetivo, se manter em trânsito, dizia para si. A velocidade tornou-se sua paixão, e como toda paixão pouco durou, e ao pequeno sinal de espera, de parada novamente, ela se fazia viva, e a fé retornava. Sem ter para onde fugir, se rendeu à própria sandice e hoje é visto vez ou outra vagando pelas margens, abjurando o amanhã.

Repetir

*Nada morre para sempre. Alguma coisa sempre fica de onde outra nasce.
Assim a vida começa, sem saber de onde veio ou por que existe.
- Mas por quê?
- Porque a vida quer viver
- E não existe um céu?
- Esta é a única dança que dançamos*

Do filme “A Excêntrica Família de Antônia” (1995)

Não, o diálogo não é daquele filme, mas daquele outro que anos atrás eu havia visto, acho que eles falam da mesma coisa: a vida que repete a esmo, marcada por momentos, traumas e tramas de gerações de mulheres que se sucedem, e essa que repete o gesto, feita da miudeza das coisas coletadas, do singelo, de toda forma dizem do tempo que se faz vida, finito, singular, perecível, encarnado e que continua na vida que segue pois quer viver. Esse segundo, *Respigadores e a Respigadoras*, do filme “Os catadores e eu”, Varda (2000) nos apresenta um filme que é tanto um processo de construção de uma certa “cronologia” do respigar (os diversos tipos de catadores, a sua relação com o excedente e o que sobra em determinados períodos do tempo e como eles se intercruzam e reverberam no presente); do tema em si e como ele aparece hoje (a jurisdição entorno do tema, a privação da comida e as condições de vida de quem respiga); e de certa forma de si mesma como autora, mulher, idosa (como alguém cujo o tempo passa, seu envelhecimento, mas também de sua maneira de fazer filme, de ir construindo, como “coletrora de imagens”, uma narrativa a se montar, feito de pequenos achados, pequenos encontros). Diz ela em um trecho do filme que a “respiga de imagens, de impressões e emoções, não há legislação. Em sentido figurado, respigar é uma atividade mental. Respiar fatos, respigar gestos, respigar informação. Para mim, que tenho memória fraca, são as coisas que recolho que resumem as viagens que faço. Quando voltei do Japão, trouxe na mala coisas que respiguei!” (VARDA, 2000, transcrição).

Pensando este filme de Varda a partir do conceito de “imagem-experiência”, que seria uma procura de um certo descontrole diante de situações conhecidas e roteiros traçados, Migliorin (2006) diz que a experiência de mundo da diretora é inseparável do trajeto que ela faz no filme. Experiência esta que se dá na passagem entre personagem, objetos e a virtualização destes e da própria autora, que compõem assim uma “imagem-experiência” entendida como o

trajeto relacional feito pela cineasta (em oposição a um projeto) que a cada curva perturba os objetos assim como é a virtualização dos objetos que fazem e refazem os caminhos e, ainda, uma constante abertura de uma imagem que está testando o mundo, desdobrando e multiplicando suas possibilidades (MIGLIORIN, 2006, p. 11).

Nessa procura, ou descontrole frente as imagens, que aparecem para nós como sucessão de encontros com diferentes coisas, objetos, pessoas e situações, Varda (2000) parte da imagem de catálogo do quadro “As Respigadoras” de Millet (1857) que encontra em uma catálogo de arte e segue, um após outro, de respigadores que vão dos nômades e seminômades, ciganos que vivem do expurgo das colheitas, aqueles que coletam o fim da safra, que os fazem por prazer ou que para continuar uma tradição, um ato, ou como política, para evidenciar a nossa relação com as coisas. Outros que vivem de coletar coisas e objetos, outros que vivem do resto da feira, esses que estão em geral à beira, a margem, invisíveis e invisibilizados do mundo, que vivem do resto, do expurgo, do que sobra da produção e do descarte, e por que não, esses que vivem daquilo que não tem futuro. É desse encontro, com o respigar, com os que respigam, e consigo mesma mulher francesa, cineasta e idosa, que ela monta seu filme.

Em algum trecho do filme Varda diz: “são as coisas que recolho que resumem as viagens que faço” (VARDA, 2000, transcrição). Anoto essa frase num caderno, que hoje já não existe mais, e me identifico com isso de ter pouca capacidade recordatória e precisar alocar em um objeto e na circunstância em que ele aparece a memória residual do momento que ele evoca. Fotografias amareladas, pequenos objetos sem uso aparente, roupas de cama puídas, jogo de talher incompleto, lembretes de aniversário, pedaços de papel com algo ilegível escrito, marcas na pele etc. cada um deles guarda em si algo a mais, algo que está para além do seu uso ordinário, repositório material das lembranças que desvanece. Quando eu os pego, assim sem aviso, sem procura, e neles me vem essas imagens que me tiram do lugar, do aqui, isso seria então dobra do passado sobre o presente? Chego a pensar de outro modo, como seria se em cada um constasse não o que advém do passado, mas procede do futuro? Se o futuro é em certo sentido um tempo eminentemente sem memória e sem imagens, posto que ainda não realizado, aberto, como pensar com as diversas imagens que o evocam, moldam e povoam o irrealizado que nele se apresenta em estado de latência?

Lembro que enquanto ainda era um projeto (aquele que anunciava o fracasso inicial) e, portanto, habitava um vir a ser, um dos primeiros objetivos abandonados dessa tese era pensar sobre as imagens de futuro, como nós inventamos, como povoamos esse

tempo a partir da ficção, do cinema, do planejamento, dos planos de governo, nas diversas formas de tentar prospectá-lo e criá-lo de antecipado. Pensar nessas imagens de futuro era uma forma de tentar dizer sobre esse futuro planejado, algo já dado, algo que ser construído, ou de outra forma, como tais imagens, pela constância, ajudavam a colonizar/afunilar o futuro, de modo que, qualquer possibilidade outra fosse impossível de imagear. O que me parece é que essa operação, de forma inconsciente ou deliberada, retiraria aspectos fundamentais relacionados ao Futuro, a imprevisibilidade, a inconstância, a abertura, o receio, e em última instância, aquilo que não sei, não controlo e não prevejo. Uma resposta a essa constatação era propor algo como um “futuro sem imagens”, como pura potência daquilo que vem, que irrompe, do novo (e sabemos como o inovar tem sido usado por aí); e experimentar, durante a pesquisa, trabalhar nesse meio entre a efetivação ou não de certas expectativas, entre um futuro concreto e um futuro pensado.

As diversas imagens que abrem e atravessam essa tese vão um pouco nessa direção, imagens de um futuro projetado, desejado, respigadas em diversos lugares, momentos e trajetos ao longo desses anos que estive em pesquisa. A similaridade entre elas, a forma, o posicionamento dos caracteres, as cores, a escolha do que é dito, a escolha dos atores, e seu caráter quase sempre afirmativo (abra, escolha, modifique e mude o futuro) apontam para uma aparente concordância, um futuro consensual mediante o qual a educação de algum modo ajudaria a construir. Uma leitura possível seria aquela que estabelece como desejável esse alinhamento de expectativas, como uma direção comum que se almeja, onde o que é diverso só se faz circunscrito dentro de um escopo determinado, que por sua vez se afunila em um limitado número de variantes. É na tentativa fazê-las escapar desse sentido que parece amplo, mas se estreita quando mencionado, que as junto, as remonto, as amplio, corto, aglutino, escancaro, satirizo, pois são elas, o futuro que elas anunciam em excesso, o eixo.

Coletá-las assim, respigadas, é frisar e defender um modo de pesquisa, cuja atenção despendida perpassa um fazer-se sensível às forças que do mundo vibram e que com tema façam relação, é entrar em ressonância com o tema, com ele compor, e em torno dele orbitar (ou dançar, para ficar nos termos da epígrafe). De outro modo, é dizer que pesquisar dessa maneira não se dá somente pela relação entre leitura, reflexão, pesquisa, análise, escrita e elaboração conceitual, mas, também, por uma certa abertura para captar o que no mundo faz correspondência com o tema. Por isso não as trato como dados, não me cabe análise, o que faço é com elas compor, é com elas dar existência a outras coisas, “*pois é sobre o eixo que se realiza a escapada*” (FERRAZ, 2005 p. 73),

portanto, abrir o futuro que nelas parece se condensar. É tensionar o que dizem, fazem dizer e pensar, e as operações que realizam ao tornar o futuro a imagem de uma criança sorrindo e brincando, ou a de um adulto que olha e almeja o horizonte, compenetrado.

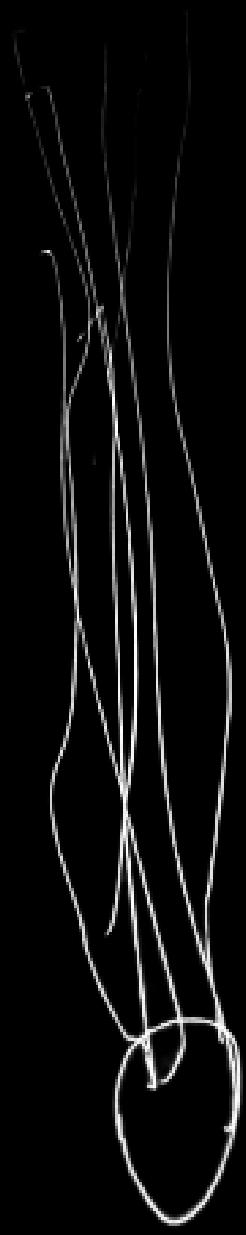
Tão constante foi a aparição delas e tamanha a variedade de lugares que dei com o futuro, que dei para reparar no modo como ele se manifestava (pairando como um fantasma, à espreita), a desenvolver uma atenção para o futuro e a me tornar sensível a ele. Fiz desses encontros uma maneira de conduzir esse trabalho, de fazê-lo acontecer. Um imbricamento entre a pesquisa (as referências, a escrita, o modo como o tema surge, atravessa e compõe), o tema de pesquisa (o futuro, os modos como o futuro se anuncia e reverbera) e os movimentos que o pesquisador faz ao pesquisar (leitura, as anotações, a atenção) ao se ver enredado no assunto. Tomo assim o futuro, os encontros com ele, os modos pelos quais se manifesta e suas características, como mobilizador, aquilo que conduz, dá movimento e corpo à pesquisa⁶.

Panfletos de cartomante, jogos de azar ou tarô, leitura de mapa astral entregue na rua, propagandas de cursos à distância recebidas aos montes, propostas de crédito fácil que não se podem pegar, lembretes de banco de que sua conta pode ser inativada, propagandas de bancos, propagandas de suco, propagandas de escolas, universidades, organizações em defesa do meio ambiente e partidos políticos, notícias de jornal, prints retirados da linha do tempo de alguma rede social, chamadas de reportagens sobre novas tecnologias ou as queimadas na Amazônia, situação política e sanitária, anúncios de eventos durante a pandemia, seminários, webinários, palestras, videoaulas, videoconferências, videochamadas, chamadas ao vivo, recortes de fala de alguma autoridade, celebridade, pensador ou ministro, prints da capa do perfil individual em um aplicativo de relacionamento, memes, montagens, tirinhas em quadrinhos, trechos de músicas, anúncios de abertura de feirão, recortes de jornais, trechos de filmes, falas escutadas sem querer na mesa ou no banco ao lado, ou em um programa de rádio, ou em um programa vinculado no intervalo deste mesmo programa, trechos de podcasts, outdoors com crianças brincando e sorrindo, outdoors com adultos compenetrados ou sorrindo, outdoors de bancos, apps de banco, faculdades, cursos profissionalizantes ou

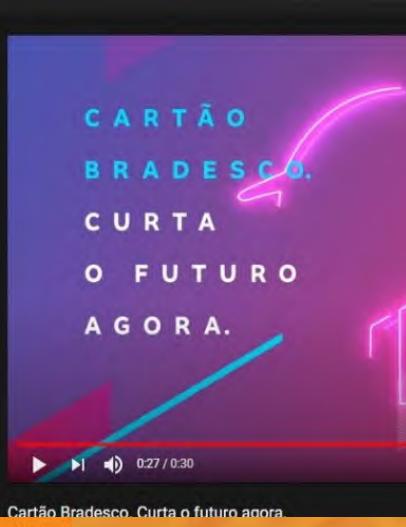
⁶ Com base no livro “Encontrar Escola” (MARTINS; NETTO; KOHAN, 2014) e nos trabalhos do filósofo e professor belga Jan Masschelein, a pesquisa educativa é distinta da pesquisa científica por três características principais. Em primeiro lugar, ela envolve e transforma o pesquisador durante o processo de pesquisa, exigindo trabalho sobre si mesmo. Em segundo lugar, trata-se de uma pesquisa sobre educação, um tema ou problema que questiona e propõe uma prática educacional. Por fim, é uma pesquisa pública, que presta atenção ao mundo e, portanto, publica e reflete sobre algo que é comum a todos. Em outras palavras, a pesquisa educativa repensa simultaneamente o que é a educação, suas linguagens e métodos, e o próprio pesquisador.

escolas, ou mais propagandas de pós-graduação a distância com pessoas que parecem estudar ou olhar para o horizonte, conversas aleatórias com amigos ou estranhos, livros enfileirados em uma estante de um sebo, títulos na lombada desses mesmos livros, trechos desses mesmos livros, frases ditas por pacientes-internos do Hospital de Custódia, gerentes de grandes companhias, ex-ministros, personagens de filmes ou crianças cujo nome já não recordo, pichações escritas em muros de grandes cidades, vídeos institucionais, programas de governo para educação, frases pequenas e sem destaque em panfletos políticos, partes de discursos, falas ou palestras de autoridades ou políticos em qualquer contexto, e a fala de um líder indígena transmitida ao vivo via internet antes de cair o sinal.

Se procuro, ele se esconde; se corro, ele aligeira; se erijo, ele sucumbe; se encaro, ele me gela; se me agarro, ele repele; se me sujeito, ele me enverga; se assumo, ele transmuta; se persigo, ela saltita; se aperto, ele escapole; se desisto, ele me impele, empele ou empala. Por tudo ele passa, transpassa e perpassa. Se me chega despercebido, hora ou outra fico um tanto mais pôstero.



CISMAR



DA
TRIBU
APRESENTA
datribu

EXPOSIÇÃO

O FUTURO É COLETIVO

O FUTURO JÁ CHEGOU E É DIGITAL

ABRA-SE PARA O FUTURO

ABRA SUA CONTA GRATIS PELO APP

evoy talks: 2030 Que futuro estamos construindo?



**Bradesco,
ao seu lado
DESAFIANDO
o futuro.**

EVENTO ENCERRADO

FLORIANÓPOLIS - O Futuro dos Negócios : Futurismo, Foresight e Inovação Avançada

📍 Lemmonade Coworking - Florianópolis, SC

🕒 26 de setembro de 2018, 09h>17h

Ingressos

A Ootopia é um app que tem o objetivo de trazer conhecimento a milhares de pessoas em meio a um momento onde informações verdadeiras e práticas são mais do que necessárias para alcance de uma real sustentabilidade! Para realizarmos isso, precisamos de todo apoio possível, sua cooperação é fundamental, conheça agora nosso projeto e torne-se um de nós! Mobilize-se.

OOTOPIA,
o app para
inventar
o amanhã!



BENFEITORIA.COM

OOTOPIA, o app para inventar o
amanhã

[SAIBA MAIS](#)

cubo²
health

dasa | MEETUP #20

Consultório do Futuro

Transformando a Jornada do Paciente

CURITIBA
APRENDENDO
APRESENTA

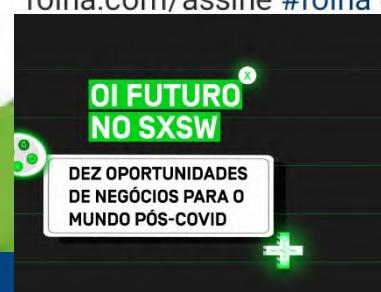
**O FUTURO DO
COMÉRCIO
PÓS COVID-19**



FOLHA folhadespaulo • Seguindo



Curtido por [will.lobo](#) e [milhares de outras pessoas](#)
folhadespaulo CARTAS PARA O FUTURO (HUMOR) I
O Brasil de 2031 é a superpotência que dá as cartas. O trauma do governo Bolsonaro vai alterar muito a mentalidade brasileira. Este texto faz parte da série Cartas para o Futuro, em que colunistas, repórteres e editores da Folha imaginam os cenários das suas respectivas áreas de atuação em 2031. Leia o texto de Renato Terra em [folha.com/cartasparaofuturo](#) | [Assine a Folha](#), um jornal a serviço da democracia: [folha.com/assine](#) #folha #fsp #folhadespaulo



DAVOS LAB BRASIL

Redefinindo a Política:
O futuro do Brasil pós-COVID

[SAIBA MAIS](#)

[sebrae.sc/dialogo-futuro](#)

Online e Gratuito

EDUCAÇÃO
APRENDENDO
SEBRAE

SEBRAE

ENERGIA PARA MOVER O FUTURO

Webinário

**SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19: INÍCIO DO FIM OU
TEREMOS RECOMEÇO?**

DEBATEDORES

MODERADORES

**"Vejo um futuro
brilhante porque
é muito difícil
a gente piorar"**

PAULO GUEDES
Ministro da Economia



Reinvente-se:
o que esperar
do trabalho
no futuro?

Ver curtidas

QUAL SERÁ O FUTURO

admitir votar em Lula contra
Marcelo em 2022

PRIME Time

PESQUISA INÉDITA

O FUTURO DOS EVENTOS EM
UMA PERSPECTIVA 360°



By Roberta Nonis

REALIZAÇÃO

PANROTAS



Quarta-feira, 29 de julho, 11h30,
no Portal e Facebook da PANROTAS

Transmissão ao vivo, não precisa de link ou inscrição prévia



EVENTO VIRTUAL

Futuro do trabalho: como
monitorar colaboradores e
ambiente de trabalho no
período pós-Covid

26, 27 e 28
Julho de 2022
**INSCRIÇÕES
ABERTAS**
Acesse o link e
participe



**1º FÓRUM
PRÓXIMO
FUTURO**
JUIZ DE FORA | 2022



**"O FUTURO NADA MAIS É DO QUE UMA PROJEÇÃO
DO SEU PRESENTE. E NADA QUE ACONTECE NO
MOMENTO PRESENTE ESTÁ DESCONECTADO DA
SUAS ESCOLHAS ANTERIORES"**

Luís Igreja

@LIVMUNDI

Quando vale a pena pagar múltiplos
mais elevados pelo

**CRESCIMENTO
FUTURO**
de uma **empresa?**

ROBERT VINALL RESPONDE

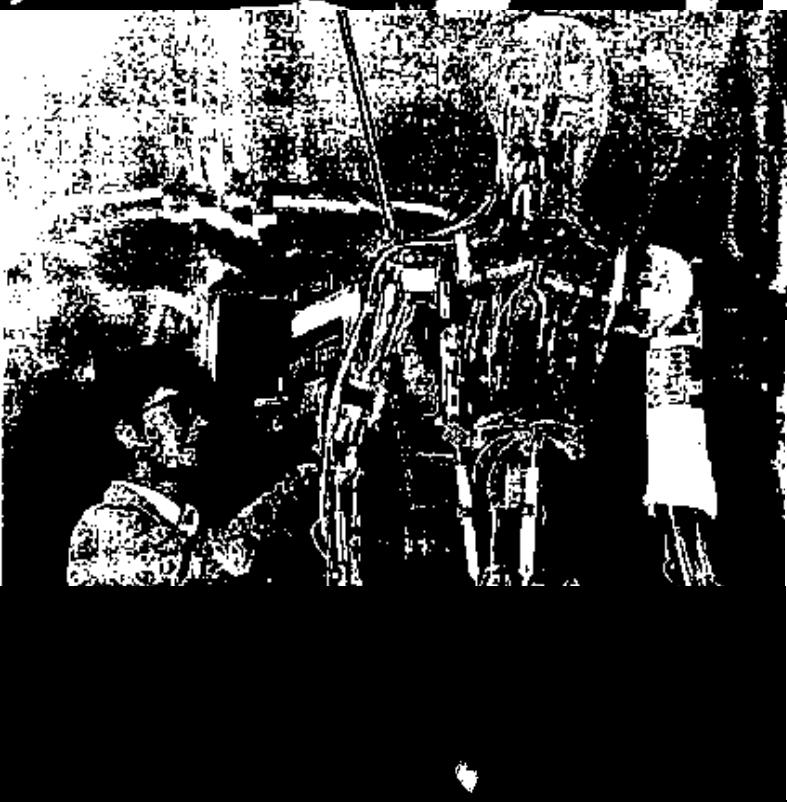
IP
CAPITAL
PARTNERS



DIA 30 DE JUNHO
DAS 10:00 AS 11:30HS

REALIZAÇÃO





Transforme o seu
Futuro

Se você gosta de novos desafios e quer fazer parte de um time incrível, **essa é a sua oportunidade!**

Cadastre-se em banco.bradesco
"Trabalhe conosco"

**PROMOÇÃO
MÁQUINAS
DO FUTURO**

Concorra a **SUPERCARROS** que deixam todos os outros no

**A CULTURA
TRANSFORMA
O FUTURO**

**O que o mercado
costuma chamar de adolescentes
o Banco do Brasil
chama de futuro.**



O Banco do Brasil investe na coragem e na ousadia dessa nova geração de brasileiros que não deixa para amanhã o País que a gente quer e pode fazer hoje.



POR UM FUTURO



COM MAIS RESPEITO.

**BANCO DO
BRASIL**
Bom para você. Bem para o Brasil.

**A marca mais
lebrada
no presente é
a que reinventa
o futuro.**



Prêmio de Melhor
Banco do Brasil
2018

Primeiro lugar nas
categorias Bancos
e Assessoria
em Investimentos.



**Nós não estamos
nas mãos do futuro.
O futuro é que está
em nossas mãos.**

**SEMPRE
LIGADO!**

**LEMBRE-SE NUNCA
HAVERÁ BORRACHA PARA
APAGAR O PASSADO, MAS
SEMPRE HAVERÁ UM
LÁPIS PARA ESCRIVER UM
NOVO FUTURO.**

colgatebrasil
Patrocinado

**QUAL SERÁ O
FUTURO DA MAIOR
ÁREA ÚMIDA DO
PLANETA E DE
SEUS ANIMAIS?**

O papel
embala a vida
e o futuro
sustentável das
embalagens.

 **empapel**

[Clique e saiba mais](#)

COMO TODO MUNDO IMAGINA O FUTURO

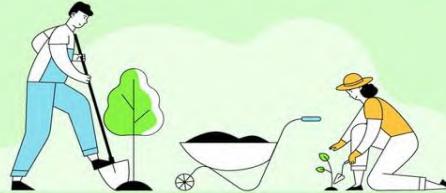


COMO EU GOSTARIA QUE FOSSE



colgatebrasil
Patrocinado

**Plantando juntos o
FUTURO**



**DIREITO AO
FUTUR** 

DIÁLOGOS DO PSOL PARA
RECONSTRUIR O BRASIL

[Está no ar a plataforma](#)

COMO VIMOS O FUTURO NOS ANOS 90



COMO VEMOS O FUTURO HOJE EM DIA

Colgate Palmolive

já plantou

**45.000
ÁRVORES**

no programa

Florestas do Futuro

 SOS MATA
ATLÂNTICA

**FUTURO
É DE BIKE**

já sonhou com uma
cidade sem carros?
ela é real. e é no brasil.

Como lidar com a ansiedade e a dúvida sobre o futuro?

Des-cancelar o futuro

TODO MUNDO TEM SEDE PELO FUTURO.

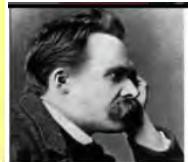
Solidão é uma epidemia e é um negócio. No futuro, teremos que agarrar para ter amigos?



“Tudo vai dar certo no futuro”, diziam as pessoas, pela primeira vez em nossa vida, estando desesperando com uma possibilidade tangível de planejamento do futuro.”

Em meio a uma pandemia que evidenciou e agrava as crises que ameaçam nosso futuro, sua mensagem provoca e faz refletir. Se o presente é a únic

Como um país que se permite ser governado por fascistas e genocidas, que espera ter algum futuro? Que Bolsonaro esteja no poder, não é apenas por obra dele. Como [@ArthurLira_](#) vai pagar sua dívida para com a democracia quando o faz diariamente por sustentar o fascismo?



“Deus está morto”

[@professor_de_filosofia](#)

“Nietzsche está morto”



“Deus e Nietzsche estão mortos”



“Todos nós estamos mortos no passado e também no futuro, o que nos resta são frações de presente para existir”

ASSIM É O SEU FUTURO?

Rendimento: 0,00% anualmente (atualizado)

O passado e o futuro nunca estiveram tão presentes.

Fiat 500 o carro mais amado no mundo, agora em Campo Grande.



PLANEJE \$EU

FUTURO!

Vamos Projetar o Futuro?

SEJA
melhor
do que
ontem

**Quem planeja,
tem futuro.
Quem não planeja,
tem destino.**

Inova-se

Não deixe seu futuro para depois. Simule seus estudos e vamos juntos construir essa história.

Fazer simulação

**Se o plano não funciona,
mude o plano, não a meta.**

No futuro, investidores também serão desbravadores.

A hand is shown holding a white block with the word "YOUR" printed in green capital letters. Below it, a row of white blocks is arranged horizontally, spelling out "NO FUTURE" in large black capital letters. The "N" and "O" are in red, while "FUTURE" is in black. The background is a plain, light color.

A melhora



Esse trabalho já é dado ao fracasso, nasce desatualizado foram essas as primeiras palavras que comecei o então projeto de tese sobre o futuro, esse que agora beira ao fim, que anunciando destino já traçado, nele permanece, nele insiste, somente para fazer cumprir o fracasso futuro que anteviu para si. Não se trata de demérito, resignação ou precaução por não realizar algo que se objetivou de antemão, mas a afirmação de um lugar onde a pesquisa se realiza. O fracasso prévio que ele anuncia é o de saber-se desatualizado de início, pois se é nos acontecimentos presentes que se ancora, é esse o tempo que lhe faltará depois, posto que em dado momento o que hoje ainda reverbera, no amanhã já pouco efeito surtirá. Restará então a cada palavra dita, a cada sentença, uma datação, que com o tempo não produzirá mais novidade alguma. No limite, perderá todo o sentido, todo lastro, e ficará circunscrita a um tempo sem sucessão, inatual.

Todavia, são tantos lugares e usos para o atualizar, que hoje ele já é aplicado tanto para uma profissão, um software, para carregar novamente uma página da web, professores cuja prática ou “mentalidade” não está em consonância com as exigências do tempo em que lecionam, um projeto de tese etc. Um programa (ou professor ou tese) desatualizado pode até funcionar, mas já não opera sobre a novidade, com os problemas, as funções, as tarefas, os comandos e situações novas que surgem. Quanto mais não corresponde, maior é seu grau de distanciamento do que emerge, de uma nova versão, do que se torna atual. Quanto mais se distancia da sua nova versão, maior sua incompatibilidade, possibilidade de falha ou *bug*, *crash*, de baixa performance, lentidão, e assim, aquilo que não se atualiza vai tornando-se obsoleto, e quanto mais distante da novidade que um dia nele foi encarnada, mais não corresponde às demandas do tempo em que performa.

Atualizar-se, portanto, passa assim a virar um imperativo, uma necessidade sem escape que se vincula, de alguma forma, com uma marca do presente (sobretudo depois da primeira década do século XXI) que é o constante apelo ao novo, a renovação, ao inovar. Desta forma se presentifica o tempo à medida que o relega, pois o quebranto da novidade alardeada passa o efeito pouco depois do prenúncio. Resta o que não se presentifica, o que não encarna, o que nunca se torna atual, e assim permanece, na virtualidade em que se esfumaça⁷.

“Seja sua melhor versão” seria a resposta neoliberal ao meu fracasso prenunciado. A afirmativa que incumbe ao sujeito à transformação performática de si que é levado cultivar em virtude das demandas que lhe são exigidas de forma escamoteada e imperativa. “Seja sua melhor versão”, superar-se sem esmorecer, sempre um passo à frente do tempo em que se encontra (eis então um dos caminhos para a ansiedade). Se tornar atual, nesse sentido, é fazer certa correspondência com o tempo, com o que exige o tempo, e de preferência, conseguir antever o que acontece, para controlar as variáveis de sua mudança, para não ser pego desprevenido. Como se diz “um homem do seu tempo” ou melhor “a frente do seu tempo”, ou ainda “um homem precavido vale por dois”.

“Estamos condenados ao sucesso”, diz o presidente do Banco dos Brics

Aqui, o sujeito é sempre insatisfeito consigo, ou melhor, escamoteia sua insatisfação com seu estado atual com autoafirmação e autopromoção de sua mudança constante. Todavia é um processo que se empreende entorno de si, são etapas que se almeja superar a fim de chegar a um determinado ponto, aquele de satisfação plena, aquele em que o futuro se concretiza como a imagem planejada com afinco a partir do esforço. No fim, busca e publiciza sua busca, cresce, pois vive da afirmação do quanto cresce partilha somente a sua imagem de quem empreende, encara, conquista e molda seu futuro. Assim, evoluir é desenvolver metas bem estabelecidas que movem o sujeito a ser

⁷ Eles são ditos virtuais à medida que sua emissão e absorção, sua criação e destruição acontecem num tempo menor do que o mínimo de tempo contínuo pensável, e à medida que essa brevidade os mantém, consequentemente, sob um princípio de incerteza ou de indeterminação (DELEUZE, 1996, 49).

sempre mais, superar-se a cada nova etapa, conquistar a cada novo ganho⁸. Aqui, diríamos não se tratar mais de “como torna-te aquilo que és” (dentro do escopo de formação), mas como “deixa-te de ser o que és” (um sujeito nunca formado, sempre em dissolução de si mesmo), não mais um “quem espera sempre alcança”, mas um “só alcança quem persevera”. Encarar o futuro como quem reconquista o que é seu, seu pequeno espaço rumo às estrelas.

A medida



Vez ou outra, quando vou visitar uma casa onde nunca estive, dou para reparar nas marcas que ela carrega, marcas da passagem do tempo, da vida ínfima que nela habita, dos acidentes que nela ocorrem: os buracos de inseto, as marcas no piso, as rasuras nas paredes. Cada marca deve ter sua história particular, um momento contido nela sem a gente ver, mas que é fruto da nossa estada, da nossa permanência nela

Se costuma pensar a casa como lugar de parada, estático, como abrigo, a casa é a morada que contém o fluxo ininterrupto da vida que acontece lá fora. Talvez por isso a gente recolha em casa todos os cacarecos que acumulamos ao longo do tempo, e passa um bom tempo tentando dispô-los, organizá-los de forma a se sentirem acomodados, a fazerem parte e comporem o nosso cotidiano.

⁸ Falo aqui desse indivíduo neoliberal, esse que se vende como particular, como único, flexível e resiliente, proativo e compenetrado, sempre em busca do melhor, de inovar a si e o ambiente onde esteja, o líder, o colaborador, o *influencer*, entre outros, que de uma forma ou de outra está ligado a flexibilização ou urberização do trabalho e a dissolução do que é coletivo e social. De ajuntamento, só o jugo que muge ou reina.

Me peguei pensando na história que cada cômodo carrega, na forma como ele era e não é mais, como ele chegou a ter a cara que tem, como foi sendo disposto cada mobília, cada pequeno objeto, como ficou assim como é hoje, até a gente mudar tudo num rompante.

Lembro que nesse espaço onde agora tem uma mesa com o computador antes havia uma outra mesa maior, com mais coisas, que agora tento-me desfazer. Antes dela havia uma pequena cama que ficava de frente para onde ficava outro computador, e que no lugar dela eu coloquei meus livros e um sofá, de modo que fui me dar conta que esse canto foi sempre o canto em que havia uma mesa e o computador em cima dela. Havia outra cama ali do lado e lembro das vezes em que alguém dormiu aqui, mas não me recordo o quanto tempo ele teve essa disposição, duas camas e um armário enorme sem porta que não sei que fim levou. Tudo era distinto, inclusive eu. E a sala, que muito tempo ficou sem nada, foi vindo estante, sofá, prateleira, para tentar organizar o que ia chegando. Aos poucos isso tudo foi sumindo, se reordenando, para um lugar que não sei onde. Tudo que um dia pareceu essencial, que um dia iria ter serventia, quando não teve mais lugar, pereceu ou cedeu espaço para outras coisas. Acho que me enchi de coisas por um longo tempo, e agora ando reduzindo, tentando ganhar espaço, alastrar para sobrar espaço vago. Por parar muito no mesmo lugar esses dias mesmo percebi que aquele buraco no piso que aconteceu pela queda de alguma panela, virou morada de formiga.

Quando me encho, mudo de lugar umas coisas, arrasto outra só para ver a casa mais arejada. Já coloquei, tirei e deixei morrer uma porção de plantas, tudo para tentar dar um outro ar, uma outra cara onde persisto.

Engraçado que dia desses dei para fazer aquelas marcas de crescimento dos filhos, que a gente risca na parede ou no beiral da porta. Sempre gostei de olhar para isso na casa dos outros, de ver essas marcas que marcam de outra forma o tempo. Fiquei olhando para as da minha filha, e imaginando porque não havia feito antes, que havia muito espaço abaixo de onde comecei, e me peguei imaginando-a pequena outra vez, a vida abaixo da marca.

Lembrei de algumas fases, de alguns momentos, só para concluir o óbvio, que o tempo passa muito rápido, que esses dias mesmo ela mal sabia andar. E fiquei pensando em todo a vida acima da marca, nas ainda por fazer, até que esse costume se perca do rompante dos dias, até que passemos mais tempo fora que aqui dentro (hoje isso já realidade). Olhando para esse espaço acima, esse vazio, me vi imaginando como ela seria

quando chegasse a tal altura, se eu estaria nessa casa ainda para marcar, se eu não pintaria por cima um dia desses em que a tinta começar a lascar.

Esses tempos pintei as paredes de azul por cima do branco, e de branco por cima do mofo, lixando até ver a antiga tinta, aquela da primeira mão de cor verde claro com rosa. E pensei que certas marcas, por mais que se cubra, ainda permanecem sem sutura sob a pele porosa da parede.

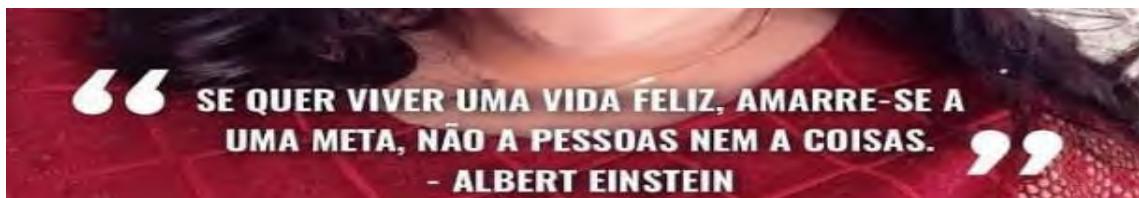
A empáfia



Se num dia, ou noite, uma notificação lhe aparecer subitamente em meio a profusão de sua tela hiper conectada e lhe avisasse: “A vida não tem *replay*, aproveite cada dia como último, cada instante como único, valorizando cada momento, pois como cada manhã que nasce diferente da outra, como cada ser é distinto do outro, você também é inigualável. Vá e viva como se o amanhã não mais existisse”. Num súbito lampejo, você se lembraria das horas intermináveis desperdiçadas, das mesquinharias com que se preocupou, que tudo é passageiro e efêmero. Impetuoso, você baixaria mil aplicativos de gerenciamento de tempo, se matricularia na academia e decidiria largar o pouco que já tem para viver no presente. As suas manhãs passariam a nascer ensolaradas e viçoso diria a cada vez ao acordar, “hoje conquistarei o infinito”. Nesse momento você seria só potência, tiraria de cada acontecimento uma lição, de cada encontro uma *self*, para marcar sua presença ali, só você e o mundo, poeira cósmica oriunda das estrelas. Areia só a da praia. Mostraria a todos seus dentes com clareamento, o bronze reluzente de um corpo rijo. A cada vez que você se olhasse no espelho diria a si mesmo “Você é um deus e jamais vi coisa tão divina!”. Essa afirmação tomaria conta de você, isso o transformaria

e o impulsionaria. “Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?” e tudo seria leve, seus atos como a menor das plumas! O quanto você ficaria bem consigo mesmo e com a vida, e não desejaria nada além dela, eterna afirmação do extraordinário?

A meta



Lembro que, no primeiro ou segundo semestre em que cursava o doutorado, e em virtude da tese, fui fazer um curso de *coaching* dado por um desses programas de formação continuada da prefeitura, e por conseguinte, acabei me inscrevendo em outro com maior duração ofertado por uma grande instituição de ensino pública. Não devo ter ido mais que no primeiro encontro de um curso que duraria um semestre, mas foi o suficiente para mim, que não procurava nem auxílio, nem ajuda para um possível desenvolvimento pessoal, nem estabelecer metas, nem organizar a vida (não que não precisasse disso). Não, ao contrário, queria entender o que essa ferramenta ou estratégia tem de modeladora do futuro, como ela projeta, ordena, impulsiona e o organiza através de metas, passos, etapas e conquistas na base do incentivo e da perseverança: “missão dada é missão cumprida” foi uma frase muito repetida no curso e que sintetiza o que digo aqui. O que me interessava é como esse apanhado de estratégias e ferramentas, performados em conjunto com um discurso motivacional, encarna e faz transparecer em cada um pequeno ganhador, como ele promete liberar um potencial escondido em cada um. Me interessava os exercícios, as referências, as práticas, mas, sobretudo, palavras, os verbos, o direcionamento da ação, e todo esse vocabulário ligado a gestão e uma lógica utilitarista e produtivista (motivação, engajamento, flexibilização, atitude, competência, desempenho). Em certo sentido me pareciam essas palavras próximas, se não as mesmas, usadas por certos discursos que orbitam a educação, em grande parte influenciados pela Base Nacional Comum Curricular e a Reforma do Ensino médio, que por sua vez foram direcionadas pelos grandes conglomerados e institutos de educação privada, e que os poucos dão uma roupagem mais jovial a tradicional educação.

No fim do meu primeiro e último dia curso, escrevemos uma carta como se fossemos um “eu” nosso do futuro se correspondendo com um “eu” nosso do presente, de certo para aferir ao longo do curso o quanto mudamos ou o resultado que obtivemos por meio de ações e metas; o quanto nos tornamos melhores, a melhor versão de nós mesmos; o quanto aquela imagem, projetada de nós no início, correspondia ou não ao futuro que leria a carta ao fim do curso, esse que passou por um processo de transformação de si mediada pelas estratégias do *coaching*.

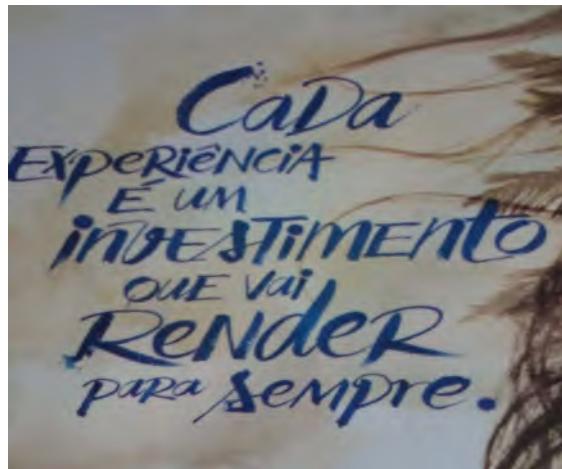
O tom da carta que escrevi era como se algo tivesse que ser deixado para trás, deixar de ser “eu” para ser mais, desejar mais – havia sempre positividade no ar, e a imagem de síntese é aquela de um pessoa na base da montanha e que, olhando para o cume, traça os caminhos e os procedimentos para chegar onde se almeja, restando assim focar nas metas estipuladas sem delas desviar, e ao mesmo tempo saber se adequar ou criar estratégias ainda não pensadas. Ela diz algo assim:

Então, olhe bem para você e pense, mude, procure em você, no seu jeito de ser, na sua maneira, toda a potência para transformar. Hoje, depois de todo o processo que se passou, vai ser importante. Mas você só saberá se fizer, se escolher aquele caminho, se você “se embrenhar no mato e não na trilha”. Você que vê e sabe que sua vida está em descontrole, em pleno desalinho. Só você é capaz de olhar e transformar isso, transformar o seu jeito em potência.

Abraço do seu eu futuro.

O que é risível nisso tudo é que anos depois de “menosprezar” essa “aura” que emana do *coaching* (positiva, de superação, de organização e inovação) e tudo que a ele é atrelado, me vi justamente buscando ferramentas de gestão de tempo, de organização e “superação de si”. Superação das condicionantes e limitações que tomam empecilho para o término e a realização concreta de metas de vida, o término de uma tese, a organização de horas de escrita, de vida acadêmica ou... Assim, passei horas intermináveis ouvindo vídeos e *podcasts* de motivação, aqueles que parecem falar direto com a gente, aqueles que buscam nos tirar de uma inércia limitadora e nos colocar no círculo da prosperidade e abundância. Aqueles onde empreender começa com acreditar no seu potencial ilimitado de transformação. Esbocei planejamento diário, dividi minhas horas por tarefas realizadas, comemorei cada pequena conquista como se fosse um passo dado em direção

a um cume⁹. Durou pouco mais que algumas semanas. De sobra, fiquei com papéis pendurados na parede, tabelas de organização da semana, remédios para controle da ansiedade, e uma sensação de fundo de que um dia pude controlar o futuro.



A prevenção

Como prever o futuro: aprenda aqui em 15 minutos. Ou deixe pra lá.

Prever o futuro é uma espécie de arte misturada com alguma dose imprecisa de ciência, mas que ganhou ferramentas e métodos de uns tempos para cá que aumentaram em precisão aquilo que antes era mais chute do que outra coisa (veja eu :)). Aqui, métodos de prever o futuro. Rapidinho você vira o rei da projeção.

Dei por juntar formas de prever o futuro. Aprendi a ler mão, mas só o suficiente para diferenciar linha de cicatriz. Da borra de café não passei mais que a interpretar a forma quase dissoluta do pó ralo que já não me mantém atento. Me faltaram sonhos a traduzir. Dos ossos, dos búzios, das cochas, fiz punhado e enterrei em um canto de jardim com medo da concretização do destino que juguei que disseram, e nesse canto nasceu uma planta que não sei o nome, mas que rego de forma metódica esperando o futuro fruto desconhecido que dela aí de nascer. Não tive paciência para os algoritmos, e de propósito, me fiz surdo às sistemáticas análises feitas por programação. Me fiz cego aos oráculos.

⁹ Cf. Filme *A escalada* dirigido por Ludovic Bernard (2007).

Me faltou dinheiro para as adivinhas, e sobrou-me lucidez em demasia para os opioides, e ceticismo para os sintéticos. Desse apanhado de coisas, mantive o tarot, e agora já tenho quatro jogos distintos, dois incompletos, pois num acesso de fome por futuro, comi alguns arcanos. Agora são como uma língua desconhecida, cujo alfabeto falta algumas letras, e se atribui sentido interpretando ausências.

Seguindo nessa linha, me apareceu em uma pesquisa esse texto que segue a chamada acima¹⁰. Diz ele que frente a impossibilidade de prever, unanimidade entre os futurólogos, o futuro, por sua característica mutável, não será hoje o mesmo de amanhã, e que enxergar as possibilidades no tempo à frente exige atualização recorrente e permanente, o que pode ser resumido na famosa frase de Paul Valery “o futuro não é mais o que era”. Assim sendo são três as razões para fazer previsões: que não vivemos sem projetar o que virá, princípio da precaução; que com o advento do algoritmo e da inteligência artificial os métodos de previsão melhoraram de forma substancial, assim nos tornando capazes de analisar as diversas variantes e seus resultados; e que é precisamos ter uma ideia sobre o que o futuro reserva, certo planejamento, horizonte ou norte.

Assim, segundo o texto, as previsões mais assertivas são resultantes menos de opinião ou observação isolada, ou manifestação divina, ou dom premonitório, mas sim da “extração somada e ponderada de um sem-número de referências anteriores que formam um repertório”, mais que isso, “é do conjunto de repertórios de grupos de pessoas que se extraí a melhor seiva da assertividade probabilística de uma previsão” (MARCONDES, 2019). Dessa forma, tendo como base o livro “Superprevisões – A arte e a ciência de antecipar o futuro” de Philip E. Tetlock e Dan Garner (2016), a postagem segue listando os dez mandamentos desse método para os aspirantes a “rei da projeção”. São elas: fazer triagem, ou seja, saber reunir aquilo que de forma efetiva influi ou não futuro; decompor problemas aparentemente intratáveis em subproblemas minimamente tratáveis; encontrar o equilíbrio justo entre as visões de dentro e de fora; atingir o equilíbrio justo entre a reação aquém e a reação além da evidência (mensurar e atualizar previsões frequentemente); procurar choque de forças causais operando em cada problema; empenhar-se em distinguir o maior número de graus de dúvida que o problema permite (eliminar a granularidade da incerteza); encontrar o equilíbrio certo entre estar confiante ou confiante em demasia, entre prudência e firmeza de decisão; procurar os erros por trás dos seus equívocos; extraír o melhor dos outros e deixe que os outros extraiam o melhor

¹⁰Cf.: <https://www.meioemensagem.com.br/home/arquivo/blog-do-pyr/2019/01/09/como-prever-o-futuro-aprenda-aqui-em-15-minutos-ou-deixe-pra-la.html>

de você; aprender a andar de bicicleta e domine a arte dos erros opostos (contrabalançar esses erros opostos encontrando um limiar entre eles onde habita o maior grau de assertividade; não tratar os mandamentos como mandamentos.

Aqui predizer é tomar o futuro enquanto questão a ser subdividida, decomposta em pequenas outras questões que ajudam a formular cenários possíveis, e buscar por variantes e elementos que deem maior grau de assertividade à previsão. Elenca-se assim uma série de variantes, de consequências, de engendramentos que podem, ou não, tornar o futuro que se prediz algo que realente se efetivara. Em parte, isso diminui um grau de incerteza do que está porvir, dos parâmetros para balizar, entender e traçar formas de sua efetuação. De outro modo, também é uma forma de ler, de olhar para o presente e analisar a confluência de fatos, a consequência prováveis das diversas ações, e a relação entre elementos. De alguma forma, a operação que isso se dá ao buscar certos parâmetros que confluem num futuro previsto é passar da potência à porcentagem, transformar o porvir em provável, a incerteza do futuro em um conjunto de variáveis mais ou menos racionalizáveis expressadas em modelagem estatística¹¹, como pontua Bignotto (2013)

Tudo se passa como se a tentativa da matemática de dominar o acaso por meio do cálculo de probabilidades pudesse ser estendida a toda a esfera da existência. Já não se trata mais de discernir, em processos que comportam acontecimentos aleatórios, a conexão possível entre suas partes constitutivas, mas de erigir um mundo no qual a coerência das partes é a garantia da integridade da totalidade. Bignotto (2013, p. 182)

Nesse ínterim, em nome de certa prevenção comedida, o que se busca aqui é diminuir o grau de incerteza frente ao que virá (uma das características inerentes ao futuro, como esse tempo que ainda não é, e, portanto, espaço de disputa constante dos diversos elementos que colaboram para sua construção). Diminuir a incerteza, e a insegurança a ela vinculada, é de alguma maneira, afirmar certa capacidade de moldar o que virá, e fazer de forma a conseguir não só a predizer o que sucede (assim assegurando certa estabilidade que prescinde alguns aspectos da econômica do capital financeiro, com também baliza e ajuda a desregular tal mercado, ou sustentar a previsão do tempo), mas também para tomar parte ou fazer alerta e evitar sua efetuação em forma de um porvir catastrófico e derradeiro, que a muito se anuncia, mas que nos acomete parcelado. Dupuy (2013) acerca do tema nos diz que, nesses termos, a prevenção consiste em fazer não atualizar esse futuro que se anuncia catastrófico por meio do prognostico e assim

¹¹ Cf. <https://super.abril.com.br/cultura/6-razoes-para-acreditar-que-estatistica-e-a-profissao-do-futuro/>

[a] catástrofe, ainda que não se tenha realizado, conservará o estatuto de possível, não no sentido de que ainda seria possível que ela se realizasse, mas no sentido de que sempre será verdade que ela poderia ter se realizado. Quando se anuncia que uma catástrofe se aproxima *a fim de evitá-la*, este anúncio não tem o estatuto de uma *previsão*, no sentido estrito do termo: ele não pretende dizer o que será o futuro, mas simplesmente dizer o que teria sido o futuro se não se tivesse cuidado (DUPUY, 2013, p.201).

Todavia, é possível também dizer que as operações que esse tipo de previsão realiza não são necessariamente as de alardear sobre um futuro que se manifestará em forma catástrofe; nem tão pouco, a fim de evitá-la, apontar medidas contra sua efetuação, ou ainda, aferir seu grau de acerto, o quanto o que se previu toca no real que se concretizou (o que nos levaria a questão da confiabilidade ou não de determinado prognóstico). O que parece salutar é o quanto aquilo que foi predito, mesmo não acontecendo, foi capaz de mobilizar forças, influenciar variantes, fazer e desfazer imaginários em direção a caminhos traçados anteriormente. Se pode dizer que é justamente por alardear a eminência de um possível que pode nunca se realizar, mas que está sempre à espreita, que esse a previsão associada a necessidade urgente prevenir (mesmo não se sabendo o que exatamente) transforma e molda as consequências de um vir a ser hipótese. Como se ao alardear essa catástrofe porvir, me tornasse responsável por fazer acontecer a mesma catástrofe que previ de forma pretérita.

Pode-se dizer que hoje somos mais conscientes em relação as condições que moldam, influenciam e interferem na realização ou não de determinado quadro futuro; que somos mais capazes de prever e moldar comportamentos, sabendo assim dar respostas mais rápidas e planejar antecipadamente cada ação (mesmo enfrentando o inesperado manifesto da pandemia) de forma a minimizar os danos ou imprevistos causados por algo que não se soube antever, algo que rompe a estabilidade que prescinde nossa existência (evidentemente se a instauração de um estado caótico de imprevisibilidade constante não for proposital). É certo que há cenários que não se concretizam, margens de erro, dissonâncias, variantes, acontecimentos imprevistos, mas eles também, corroboram para alertar e fazer criar o cenário que apontam.

Nesse passo, as “mâncias” vão tornar-se ciência, ou melhor, aproximam-se de seu preceito e prestígio para justificar-se. O que antes, como nos horóscopos ou nas cartas, se apresentava de forma enviesada (na forma de poema, conjunto de varetas dispostas forma aleatória, nas linhas das mãos, na borra de café, num jogo de cartas, na conjunção dos astros ou da interpretação de um sonho), num longo processo, vai se transformando em

dado, em informação sequencial que dá corpo ao algoritmo. Assim, pode-se até aferir que não só o futuro era mais incerto (em relação a mudanças drásticas e pontuais) como as maneiras de prevê-lo também o eram. Se hoje podemos aferir e nos proteger sobre a incerteza do futuro, é que aprendemos a conhecer de antecipado os fatos e acontecimentos que o moldam, reconhecendo a interconexão, a dependência e influência de cada aspecto. De outro modo, em parte aprendemos com acontecimentos o quando eles nos afetam e a nos adaptar ao que sucede sem grande espera, a nos prevenir ao imprevisto, a agir a frente do futuro quando este parece perder o rumo (mesmo que nem sempre se saiba que rumo é esse). Qualquer casualidade é mantida em certo grau de controle, e o medo do acaso paira sobre nós.

A procura

Passei muito tempo colecionando livros sobre o futuro, de qualquer área, desde que nele tivesse estampado na capa e na lomba essa palavra, que fosse usado, e que não custasse mais que dez reais. A cada sebo que eu entrava, ao menos um ou dois eu encontrava depois de procurar com afinco e atenção. As pouco fui desenvolvendo uma atenção desmedida por essa palavra, uma sensibilidade por seu formato, que conseguia distinguir rapidamente entre uma miríade de obra empilhadas empoeiradas, as que tinham essas características. De administração, a física, de economia, a esoterismo, de pedagogia a finanças, de filosofia a histórias em quadrinhos. No começo levava a sério, jurava que iria ler todas e traçar, a partir delas, um panorama de como o futuro as atravessa, e por sua vez, de como pensamos o futuro. Algumas cheguei a folhear, colecionar citações, figuras e outras coisas, outra passei rapidamente o olho, porém não sei do que se trata realmente, ainda há aquelas que não abri com medo de se desfazerem em mil pedaços de tão acabadas que estão. A física do futuro, fatos do futuro, aprender com o futuro, repensar o futuro, história do futuro, prepare seus filhos para o futuro, reflexos para o futuro, os mistérios do futuro, os construtores do futuro, o perfil do futuro, para onde foi o futuro, uma escola com/sem futuro, o futuro de um ilusão, futuro da humanidade, medicina do futuro, o futuro espiritual na terra, o futuro chegou, depois do futuro, educação familiar presente e futuro, futuro presente, fim do futuro, mensagem para o futuro, Brasil o país do futuro, preveja seu futuro, páginas para o futuro, o poder da raça futura, a estrada do futuro, recomendações do futuro, o futuro pretérito, quiromancia o futuro em suas mãos, o futuro do trabalho, o futuro de deus, mercados futuros, Walden II uma sociedade do

futuro, mude suas crenças conquiste seu futuro, o futuro da inteligência e da robótica... Ao ver tantos livros amontoados, tanta informação contida, tanta gente preocupada em olhar o depois das coisas, cinco coisas pensei: que tenho um desejo compulsório em comprar livros usados; que comprar livros sobre o futuro me manteve em pesquisa, em estado de pesquisa; o que eu iria fazer com eles depois que tudo acabar; se tocassem fogo em todos os livros sobre o futuro já feitos, talvez a chama só se entanguisse anos depois de perder a validade o último vaticínio proferido, e a cada profeta não restasse mais que o silêncio.

A mudança

Em um volumoso livro sobre a história do futuro, Minois (2016, p. 1) nos diz que “predizer é uma dimensão fundamental da existência” e que viver é antecipar incessantemente, situando cada uma de nossas ações em um alvo situado no futuro. No entanto, tentar conhecer o futuro é crer que ele seja cognoscível, determinado anteriormente, inevitável e, nesse caso, a previsão seria então a realização mágica que se deseja produzir. Assim, anunciar o futuro só tem sentido quando há nele algo de imprevisível, de indeterminado. Essa atividade, de predizer, tem se movido a séculos entre dois extremos: “ler sem nenhum proveito um futuro inevitável ou prever um futuro que não existe e ainda deve ser inventado” (MINOIS, 2016, p. 2), sendo ambas uma ilusão que tem múltiplas funções, conscientes e inconscientes: a de tranquilizar, acabar com a incerteza, eliminar a angústia do futuro, e, dessa forma, tudo é previsto para garantir o máximo de segurança. Predizer, assim, é tentar controlar o futuro pela autorrealização, sendo ao mesmo tempo uma forma de tentar antever, mas também de fazer realizar, de agir. “Predizer é dar os meios para cumprir ou evitar a realização da predição” (MINOIS, 2016, p. 3) (sendo tanto autodestruidora quanto autorrealizadora).

Ressalta-se desse modo a não neutralidade da predição, que carrega no que prediz as intenções, desejos e temores da época determinada em que foi feita, não importando assim sua efetivação, mas que o que foi previsto cure, alivie ou estimule uma ação. Nesse sentido vale perguntar se o desfecho do conto de Machado Assis (1995) seria o mesmo se o personagem não tivesse consultado a cartomante. O quanto sua predição influenciou no trágico final anunciado? Podemos pensar também a importância do oráculo de Delfos no destino edipiano. Ou ainda, no funcionamento complexo do mercado de ações e as flutuações de valores com base em projeções e perspectivas (MINOIS, 2016, p. 1 - 4).

Assim, divide o autor a história do futuro, como a história “cronológica” do papel que o futuro teve ao longo das épocas, em cinco grandes eras: a dos oráculos (ligada ao profetismo bíblico do Oriente antigo, ao divino, passando pelo adivinhação grega e seu papel político-militar, e a romana como estratégia para monopólio do Estado ligada ao Império); a dos profetas (marca o início da era cristã, a ideia apocalíptica, do fim no além, e da condenação pós vida, e o papel da igreja na manutenção e regulação do acesso ao futuro); a da astrologia (como declínio da profecia religiosa, e o advento profético como necessidade sociocultural); das utopias (como começo da racionalização do futuro, a ideia de projeto e progresso); e as científicas (ruptura com o utópico, pessimismo e fim da história, predição enquanto ciência, futurologia, estabelecimento de cenários possíveis, prospecção, onde se enquadra os “mandamentos acima”).

Tal traçado “cronológico”¹² do futuro evidencia a complexidade crescente de traçar perspectivas e de predizer o que virá. Para além disso, alerta para nossa intrínseca relação com o que é pretérito e se aloca em algum momento anterior, e do qual nós somos, em alguma medida, tributários ou herdeiros, o passado. De outra forma também, diz de nossa relação com o contemporâneo, como a dimensão do agora, do acontecimento, do instante. Por fim, com o que emerge, o que está em latência, o que ainda não é. Nos diz sobre nossa relação temporal com o tempo, o fato de sermos seres temporais, que se sabem finitos, que habitam um determinado período do tempo, que é sempre um tempo depois de algo e antes de alguma coisa, que algo se esvai ao mesmo tempo em que algo aponta.

Voltando a Minois (2016), ele diz que o século XIX, a era das massas, é o apogeu da predição, pela variedade de métodos, pelo otimismo, como o do progresso econômico infinito, ou mundos igualitários, das cristianizações do mundo, a racionalização da ciência e a sublevação do homem frente a natureza e a religião. “A predição explodiu, e dessa vez seu papel de revelar os combates do presente é patente. Para cada um o seu futuro: a predição é incorporada às lutas sociais, políticas e econômicas” (MINOIS, 2016, p. 679). É nesse sentido que ele coloca que esse “grande” futuro, o futuro do mundo, é tragado na multiplicidade, no generalizado das ideologias, religiões e dos valores, e que, no decorrer do século XX, que pois fim a muitas utopias, e que, portanto, tornou o futuro, e as formas

¹² Aqui não como sucessão, mesmo que alguns aspectos de como o futuro se comporta e como lidamos com ela tenham mudado ao longo das eras, mas como intercruzamento, visto que tais métodos e tais relações com o futuro ainda hoje sejam vistas e utilizadas e se atravessem continuamente.

de predizer o futuro, algo mais complexo, justamente pois foi-se desvanecendo o horizonte que sustentava “nossa” mirada.

Todas as máquinas de predizer estão desreguladas, e nenhuma consegue dar conta da complexidade do mundo atual, onde tudo se sustenta, tudo se confunde, onde não se desenreda mais o espetáculo da realidade, o virtual do real.” O todo dá a impressão de uma loucura coletiva, de uma esquizofrenia em escala mundial. Os valores morais e as ideologias desmoronam; não apenas o mundo está desencantado, como não há mais objetivo, não há mais sentido, barco ébrio, perdido sem bússola no oceano do espaço-tempo. [...] E de que serviria (predizer o futuro), se não existe a vontade de alcançar ou evitar o que é previsto? É no agora que se constrói o futuro, que não existe em nenhum outro lugar. Ora, para construir o futuro, é preciso primeiro construir uma imagem dele, mesmo que falsa. É essa imagem que nos falta, porque parece que o presente alcançou o futuro e fundiu-se nele. O imediato absorveu o futuro como absorve o passado, reconstruindo-o. [...] O presente fagocitou o passado e o futuro [...] que de tanto ser falsamente predito, desmentido pelos fatos e antecipado, perdeu toda a credibilidade. Por espírito de lucro, o presente explora ao mesmo tempo o passado e o futuro, e faz que percam o papel de referência. (MINOIS 2016, p. 679).

Parece não haver mais uma direção comum (isso se um dia houve essa direção), algo em que mirar a longo prazo, algo que constitua um norte, que nos dê alento e justifique nossas ações hoje. Não há como falar em futuro da humanidade, global, sendo que o que um dia nos uniu (se alguma vez houve) desaparece, ou melhor, se dissolve. É nesse caldo dissoluto que, meio à deriva, vamos levando, às vezes sem saber dos afogados, ou que divindade rege o tempo e as marés, ou escolher qual canto de sereia que nos enreda por hora, o que é miragem e o que é efeito do sal e do sol.

Navegamos assim meio sem rumo, e não se sabe bem de onde se veio, nem para onde se vai. Já não há mais um barco robusto, nem Noé nem leme, e nesses oceanos sem fim, alguns tem jangada, outros bateira, alguns transatlânticos, outros, vão de braçada rumo ao incerto.¹³

¹³ Ao escrever tal “metáfora” me sustento, não sem emoção, nas seguintes reportagens sobre a situação dos migrantes e refugiados que tentam atravessar as fronteiras do EUA ou da Europa. Para um breve e triste exemplo. Cf.: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48769511>
 Ou: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/06/internacional/1391678431_535759.html
 ou ainda: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/23/internacional/1485186262_856877.html
 e o documentário: <https://www.youtube.com/watch?v=R9Tgalqu6hI>

O transitório



Por um tempo passei planejando um modo de fotografá-la, um momento oportuno para parar, um horário, uma luz e enquadramento - a pista, as luzes, o movimento dos carros como um borrão luminoso, e a placa estática lá. “Viver o futuro hoje”. Por um tempo sondei lugares estratégicos para parar, mas não parava. Por um tempo passei por ela imaginando que aquele seria o dia, mas seguia. Por um tempo tive receio de que ela não estivesse mais lá, mas semana a semana ela persistia. Por um tempo deixei para depois, para o futuro, o projeto de fotografá-la e juntar ela ao arquivo de outras imagens de futuro que ando guardando não sabendo muito o porquê. Por um tempo tomei ela com essencial para continuar a pesquisa, um pequeno bloco sobre como o futuro vira presente, como não ter expectativas, como viver o hoje... Por um tempo me vi fazendo o seu contrário, vivendo o futuro no futuro, até assumir seus dizeres por completo, sair de bicicleta e pedalar entre subidas e decidas quase 13km só por uma fotografia. Fui a um rompante só, pois quase não fui, quase dei meia volta e deixei para depois. Sem olhar para trás uma só vez, subi um morro que me deu vertigem pelo ar que máscara não deixava passar, me dei ao risco de abaixá-la para respirar o ar de uma descida longa e senti o mundo, passei na frente de um cemitério onde um amigo de infância foi enterrado, lembrei dele, de tempos que a muito se foram, fiquei com um aperto por tudo que ele poderia, mas não pode. Um carro tira uma “fina”, mais um, passo em um trecho perigoso e fico no meio da pista, meu pensamento volta ao objetivo e saio em disparada para alcançar antes que anoiteça. Chego esbaforido, suado. Sento-me na calçada na frente de um prédio de alto padrão, com lojas onde eu nunca iria pisar, que fica do outro lado da avenida, de frente para anúncio do futuro, que por sinal também é sobre um prédio de alto padrão, que será construído em um terreno que um dia foi um pedaço de mata atlântica, e que vai até a parte alta de um morro, que esse outro prédio, esse que agora me sento de

costas, pela altura, fez sumir da vista. Saco o celular e tiro algumas fotos, faço um vídeo ou outro, tento lembrar daquela imagem que formei, aquele enquadramento, mas olho para a foto e ela me parece sem graça. Na volta descubro que havia outra dessas um pouco mais perto, e essa, eu deixo passar.

O horizonte



Marc Augé (2012) em um livro que se questiona sobre o “desaparecimento” do futuro, ressalta que a necessidade de saber o que se sucederá se deve a pelo menos três paradoxos humanos: primeiro saber-se finito, e buscar sentido e conforto no além da existência; segundo, por saber-se temporal, não conseguir imaginar o mundo sem um começo ou um fim; terceiro, o paradoxo do acontecimento, como algo sempre esperado, sempre temido, como algo que estivesse sempre por acontecer, sempre por causar ruptura (AUGÉ, 2012, p. 7 - 8). Assim, em um trecho, relaciona esse contínuo desaparecimento do futuro há uma certa *hegemonia do presente*, um presente sem espera, presente que não precede da vagarosa maturação do passado, nem deixa visível os esboços dos possíveis futuros,

mas se impõe como um fato consumado, cujo repentino surgimento escamoteia o passado e satura a imaginação do futuro [...] Esse mundo do presente é marcado pela ambivalência do impensado e do impensável: impensado do consumo, à imagem de um presente intransponível caracterizado pela superabundância dos objetos que ele nos propõe; impensável da ciência, sempre além das tecnologias que são sua consequência. O mundo do consumo basta a si mesmo; ele tem ares de cosmologia: define-se o seu manual de utilização. A cosmotecnologia, se entendemos por isso conjunto de tecnologias colocadas à disposição dos humanos para gerenciar sua vida material e o conjunto das representações ligadas a ela, é para si mesma seu próprio fim; ela define a natureza e os meios das relações que os humanos podem ter referindo-se a ela; mundo da imanência em que a imagem remete à imagem e a mensagem à mensagem; mundo a ser consumido imediatamente, como os doces de creme; mundo em que, ao mesmo tempo podem-se utilizar

procedimentos de assistência mas não elaborar estratégias de mudança. (AUGÉ, 2012, p. 27 – 28).

Presente do absoluto, do instantâneo, do imediato, do prazer sem espera, daquilo que não demora, como o funcionamento de um *feed* (alimentado) de rede social (como o *facebook* ou *Instagram*) ou atualizado de forma constante, ininterrupta. Se vacilo, se desconecto, não acompanho o passar abrupto do compartilhamento virtual da vida de cada usuário. Só vejo o que seleciono, o que me conforta, o que satisfaz a predileção dos meus desejos, aquilo que me inspira e me espelho, e a revolta dura até o começo da nova polêmica. O que decido não ver, inexiste. Não há contraditório, ou melhor, indigesto. Todas as relações são relações de consumo. Me atualizo no rolar da barra, enquanto o mundo, vejo rolar abaixo.



Mundo¹⁴ da flutuação, em que tudo parece acontecer de forma frenética, instantânea, dos acontecimentos simultâneos, da notificação reiterada, cujo dinamismo faz com que não se consiga acompanhar, estar por dentro, atualizado o tempo todo. Sem um pouco de estabilidade, pouco ou nada do movimento se detecta, e talvez por isso, essa sensação de um presente sem mudança, que se relaciona com o passado com nostalgia, e com o futuro, com ansiedade.

Se há presente, *há somente* o presente, o resto não existe. Mas nesse caso como seria possível a mudança? Um ser perfeita e totalmente consciente do estado do mundo, mas que não tivesse memória do passado nem imaginação do futuro, saberia *tudo* da realidade, da realidade presente, mas nada veria mudar, uma vez que, para poder dizer que uma coisa muda, é preciso poder dizer que ela não era o que é agora. É preciso poder lembrar o que era essa coisa, ou poder imaginar o que ela haveria de ser antes que fosse. (WOLFF, 2013, p. 58).

¹⁴ Vale notar que mesmo a palavra mundo, como algo genérico, serve como conceito globalizante, e que há então diversos mundos, fins de mundo, que começam e terminam no apagamento e nascimento de cada indivíduo.

Dessa maneira, se hoje (cada vez mais extenso) há uma preocupação que perpassa “nossa futuro¹⁵” (epidemia viral, aquecimento global, o uso dos recursos do planeta, a nossa própria sobrevivência enquanto espécie) que se digere a tempos, e que se pode tomar como eixo que nos une, é notório também que, tão quão o termo humano (aquele vinculado ao humanismo) também esse “futuro comum” é usado para excluir os “outros” daquilo que é humano e daquilo que comum. Relega-se à inexistência aqueles que não se enquadram no que se preconiza como humano, nem cuja existência pouco aparece naquilo que está escamoteado dentro desse “comum”. Povos que vivem à margem ou persistem fora do que se promulga enquanto tal, nomeados e não nomeados do mundo. Para esses também não há futuro, e a briga por ele é a constante que move sua existência¹⁶.

Assim, se vê de forma generalizada uma certa dissolução dessa característica basilar do futuro, o de servir como horizonte próximo de nossas ações. Isso é manifesto em uma certa descrença no porvir, como se não houvesse outra alternativa que não a da reificação, exploração, uso e descarte de qualquer relação, qualquer pulsão de vida e existência. Seja isso manifesto pelas tentativas de reviver um passado saudoso, ou a de viver um presenteísmo às vezes hedonista, cujo consumo e a satisfação instantânea do desejo são marcas, ou aquela que se dá pela sobrevivência, cuja marca é a tentativa constante de chegar até amanhã sem esmorecer.

Como se tivéssemos perdido isso que um dia foi um projeto comum (democrático, igualitário, justo, o da emancipação do ser humano, do progresso, para ficarmos no que paira hoje) e que de alguma forma fazia parte de um pensamento quase hegemônico que, em nome de uma pretensa igualdade, tentou agrupar a multiplicidade da existência sobre um projeto, sobre um mesmo fim (humano, racional e civilizado). Porém, nem todos convergem para o mesmo destino, nem todos os modos de vida reconhecem ou se veem reconhecidos nessa pretensa igualdade que norteia de forma genérica nossas ações, e que, entre outras coisas, tenta dar certa coesão àquilo que se chama humanidade. Existe muitos “sem futuro” em cada anúncio, cada cenário, cada planejamento que tenta predizer como esse “grande” futuro será, e talvez, ele só exista assim, na inexistência desatualizada de outros¹⁷.

¹⁵ Em referência ao relatório Brundtland intitulado Nossa Futuro Comum de 1987 realizado pela Comissão Mundial sobre Meio ambiente e desenvolvimento.

¹⁶ Duas notícias que balizam tal afirmação. Cf.: <https://oglobo.globo.com/rio/incendio-no-museu-nacional-foi-genocidio-da-memoria-de-povos-indigenas-dizem-pesquisadores-23054551> e <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-02-19/o-ultimo-anciao-juma-morre-de-covid-19-e-leva-para-o-tumulo-a-memoria-de-um-povo-aniquilado-no-brasil.html>

¹⁷ Como naqueles filmes de viajem do tempo, e cujo paradoxo temporal, mudança do que se sucede em determinada linha, acarreta a bifurcação variante do tempo, o que se faz ao longo da narrativa é lidar com

O seguir

Para quem vem do centro do bairro do Kobrasol em direção a Forquilhinhas pela Rua Luiz Fagundes, no município de São José (SC), mal nota, se passar depressa, ali pelo número 800, um outdoor. Comum como tantos outros espalhados pela cidade (anúncios, propagandas em geral etc.) esse, que talvez nem esteja mais lá, não sei muito bem, há ou havia uma propaganda de um banco. Anunciando o futuro pela comodidade de um aplicativo para celular que estava lançando aos seus clientes: “Pagar contas, resolver problemas, sem sair de casa, sem fila, 24 horas por dia, um banco na palma da sua mão” foi o que eu consegui captar dele. O sinal abriu, e o fluir do trânsito, que tem aversão a lentidão, fez com que eu seguisse meu rumo, sempre para frente, a toque de buzina.

O anúncio

Assim, sem aviso, ele apareceu no caminho. Passei muitas vezes ali nesse mesmo lugar, nem ao menos atinar à sua presença ou a de qualquer outro no lugar em que, antes, de súbito, ele havia surgido. Nada, nem as cores, formas, nem a composição, nem a imagem que ele possuía me faziam interromper o movimento obstinado, contínuo, de ponto a ponto, que eu realizara, de modo que, por um tempo, ele permanecera invisível ao olhar. Mesmo assim, ele estava lá, mas não agora. Não sei quanto, nem recordo em que crucial momento haveria alguém tê-lo instalado ali, mas isso não importa. Agora, penso, quem sabe, justamente para me fazer parar, ele fora posto estrategicamente ali. Não de qualquer forma, mas aquelas das coisas que se fixam lentamente e, quando percebidas onde sempre estiveram, já não conseguimos nos conceber sem partilharmos a mesma existência inconstante, mesmo que breve, da passagem do tempo (ou talvez que era preciso dar atenção a certas nuances, olhar uma vez mais, lembrar-me das coisas que eu precisava fazer, e protelava). Admito, tentei fixá-lo como imagem, enquadrá-lo para não esquecer, mas mesmo isso posterguei, e o momento passou, de modo que agora que ele não estava mais lá, resta a imagem mental que fiz, e que, paulatinamente desvanece. Ele, justo ele, composição de folha a folha justaposta, grandeza diagramada a 9 por 3. Como não havia eu o percebido antes? Ou notei-o no mesmo instante em que ele aparecera ali? Ou será que eu o havia percebido e o ignorei de propósito até ter certeza de que estava

a decorrência disso ou tentar ajustar para que volte à normalidade, não há possibilidade da coexistência de linhas divergentes.

pronto para encará-lo frente a frente? Será, talvez, que passara perto, lento, atento em demasia ao destino a chegar e por isso eu não o havia visto ali, imponente, estratégico, feito à medida do olhar longínquo, periférico, brevidade de quem precisa olhar sempre em frente, atento ao fluxo constante da avenida? Por isso talvez sua mensagem curta, suas letras alongadas, seu jogo composicional de rápida assimilação, não tenham, de início, me fisgado. Porém não agora. Agora, admito, fui capturado pelo estratagema responsável por sua origem, de modo, mesmo hoje, mesmo ele não estando mais lá, ainda o recordo, e por vezes paro, como quem contempla a própria ausência.

Isso foi antes, hoje outros já passaram, a vida continuou, e ele foi trocado diversas vezes. Era um *outdoor* puído pelo tempo no meio de uma pandemia. Meses se passaram e ele ainda permanecia lá: uma criança sorrindo e brincando num fundo branco, a palavra futuro e educação na mesma sentença, anúncio de uma instituição de ensino pré-escola de educação (dizia algo como educação para melhorar o futuro, ou educação construindo futuro, enfim, hoje não recordo). Como fazia tempo que estava ali (era no auge da pandemia e o futuro nele contido, manifesto no olhar e sorriso da criança, estava em suspenso), como não havia quase ninguém para vê-lo em trânsito e como não havia porque trocá-lo, ele se deteriorava. De modo que com o passar dos meses seguintes, o ar ainda faltando, todo esse viço infantil que encarna nossa projeção futura, amareleceu, e desbotado tornava-se resquício débil de que um dia fora uma propaganda vistosa, a mais tenra de nossas aspirações. Olhei para ele por diversas vezes, máscara no rosto com medo do mundo. Por diversas vezes pensei em enquadrá-lo assim, uma fotografia por dia, para ver quanto tempo o futuro nele viria ao chão. Não o fiz e uma hora ele tornou-se habitual, e como chegou, uma hora não estava mais. Imagino que permanece ali, em algum lugar de baixo da camada de papel que hoje o encobre, agora anunciando outro tipo de produto ou serviço, como marca indelével da passagem do tempo.

O ciclo

Emília Rodrigues Araújo (2005) num longo texto sobre o conceito de futuro diz que, como horizonte temporal, tanto o futuro (plano de ação, orientação), quanto o passado (plano de referência, sustentação), se atualizam no presente, seja na forma de antecipação, e daí sua relação com planejamento por exemplo, ou por rememoração, quando aspectos daquilo que um dia foi se imbricam nesse tempo que está sendo continuamente. De toda forma, nem o passado, nem o futuro, nem o presente se

apresentam de forma imutáveis, e nossa maneira de concebê-los, do ponto de visto fenomenológico (sentidos e sensações), são relacionadas aos modos como eles atuam e influenciam o cotidiano. Isso quer dizer que nem o passado é algo que já foi, nem o futuro é propriamente algo que não foi ainda, mas que ambos, de alguma forma, estão sendo junto ao presente, acontecem no aqui. Por isso, o cerne de uma das questões do seu longo artigo sobre o conceito de futuro perpassa a discussão entre o conflito da linearidade e não linearidade do tempo. Os sentidos do conceito de futuro no seu aspecto dinâmico, devido a percepção acelerada do tempo vinculada a modernidade/pós-modernidade e a relação do futuro com a ideia de progresso. “Progresso que só é possível mediante o seccionamento dos horizontes temporais e relativa autonomização do futuro, tendo em vista que só este acena com a novidade, o diferente e, principalmente, o melhor.” (ARAÚJO, 2005, p. 12). Nesse sentido é que se pode afirmar junto a autora, que essa ideia de um tempo linear, e cujo a flecha temporal aponta de maneira implacável para futuro, para o novo e para o advir, está intimamente ligada com os modos individual e coletivo de conceber a passagem do tempo (antes, durante e depois de dado acontecimento). De outro modo corresponde também a uma construção do ideário iluminista dessa temporalidade advir. Em que o futuro aparece como sinônimo de progresso, como tempo especializado, e assim ajudando a fundamentar a própria concepção capitalista de tempo e produtividade. Servir de justificativa as diversas práticas de exploração da vida inerentes a ela, a essa ideia de que, cada um ao seu modo, estamos levando a humanidade a algum lugar, e a espera protela para posteridade essa prosperidade tão anunciada.

Dessa forma, assim como aspectos do passado, o futuro torna-se cognoscível, uma mero apendesse do presente, consequência e efeito do presente, “marca mais profunda da civilização ocidental, em redor dessa sua imponência que circulam as grandes questões político-ideológicas das sociedades contemporâneas.” (ARAÚJO, 2005, p. 11). Nesse sentido, sendo cada vez mais objeto de especulação, antecipação, prevenção, orientação. o futuro estaria ligado a certa gestão do tempo, e a ideia de que podemos em grande medida controlá-lo, medi-lo, pois este seria meramente a resultante de ações antecipadas. O que importaria então seria “seguir em frente”, de forma progressiva, impetuosa em direção ao melhor, incorporando a mudança como processo contínuo de desenvolvimento e complexificação (e daí é um passo para categorizar como não desenvolvidos aqueles “atrasados” em relação ao tempo progressista), e não de ruptura, de abalo, de transformação radical. Tal concepção, muito próxima daquela que fundamenta a

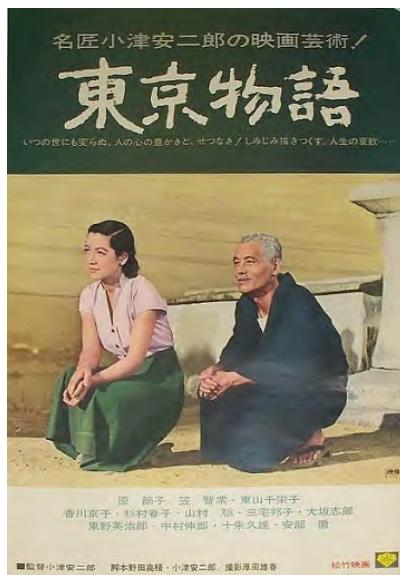
organização e a gerência empresarial no capitalismo (dinamização dos processos de produção, do tempo e das relações de trabalho), quando absorvida e incorporada num nível individual, faz surgir esse sujeito que máxima o tempo, e que atua no mundo em termos desempenho e assertividade. Pois tudo que faz (da carreira, a comida, a quem se relaciona, a estética de seu corpo, o que consome, ao controle das finanças, do que lhe educa etc.) torna-se realização, conquista, a meta, tudo serve para seu desenvolvimento pessoal. O que está em jogo aqui é que com isso o futuro, como temporalidade aberta ao desconhecido, ao imprevisto, passa por tornar-se esse tempo do realizável, previsível, fechado no presente em que é apêndice, como diz a autora sobre a centralidade do futuro ao longo do século XX, “trata-se de um futuro concebido como “estando aí”, aberto nas suas possibilidades, mas potencialmente fechado porque controlado, previsível, adivinhado. (ARAÚJO, 2005, p. 18).

O efêmero

Primeiro veio o som. Um som se faz escutar. Indistinguível, longínquo. Repetido, ecoa algo sem forma, sem contexto, sem parâmetro, como se fosse prenúncio de que algo está por vir, mas não se sabe bem o que. Não dou bola, mas ele está ali. Não sei se sempre esteve ou se surgiu assim, repentina. Certo é que ela se aproximara, lentamente, e cada vez mais perto, mais alto, mais claro, a massa sonora se distingue, toma corpo, vira mensagem. Me deixo capturar por sua ladainha, e entro em ressonância com parte, a parte de que ainda recordo, do anúncio que o som, agora justaposição de palavra por palavra, formara e me prendia naquele instante “esquina com a Rua do Futuro...”. Ali ela aparecia novamente, alocada, retumbante, no meio da propaganda propagada via som. (algo sobre a abertura de um sacolão de verduras). Novamente ela ali, surgindo sem esperar, reverberando paulatina, como se por reiterar sua presença, para não se fazer esquecer. Ali agora cada vez mais baixo, mais tênue, mais longe, quase inaudível, um ruído indistinto daquilo que um dia fora. e agora, uníssonos, deixa distinguir ao longe, quando quase não é possível notar sua presença, e já não se sabe se o som vem de fora ou de dentro, “esquina com a Rua do Futuro”. Primeiro veio o som, esse que agora ecoa junto ao vento, que ressoa além, pouco menor que efemeridade de um sussurro¹⁸.

¹⁸ Fazer um texto sobre a Rua do Futuro. Dizer que procurei no *Google Maps*, e aparentemente, salvo engano, desatualização ou magia, tal rua não consta na plataforma (Notar que a plataforma de pesquisa funciona tal como funciona um oráculo). Pensar sobre uma rua que não existe (ou nunca existiu) ou não existe mais (ou ainda). Fazer paralelo com o tempo, a passagem do tempo, o modo com sentimos o tempo

A herança



Ozu (1953) tem um famoso e singelo filme que se passa no Japão, pouco depois da segunda guerra, sobre um casal de idosos que sai de sua cidade no interior (mais pacata) e viaja a Tokyo (urbanizada, cosmopolita) para visitar os dois filhos e suas famílias e a nora viúva. Enredo de uma simplicidade aparente, *Era uma vez em Tokyo* (1953), pode ser visto de diversas formas: analisando o contexto pós-guerra, a influência dele na história do cinema, o uso dos planos e a primazia da linguagem cinematográfica etc. No entanto, e creio que seria uma boa entrada para olhar a história que ele conta, uma outra perspectiva é olhar a relação com o tempo, as marcações de tempo, as temporalidades.

Vejamos então o casal de idosos. Todos seus movimentos são contidos, quase estáticos, o plano em que ficam é contido, uma pequena sala, pouco se movimentam no cenário, são as pessoas e coisas que estão fora ou vem de fora que interagem com eles (a vizinha que passa e a carta que chega), e eles permanecem ali. Um bom tempo eles ali permanecem, como a imagem tradicional de um Japão envelhecido, cansado, marcado pela perda e pelo luto, uma sensação contida (parece haver algo a se falar, que não sai) que relembraria as mortes na mesma medida que vê um país se reerguer progressivamente, e aos poucos, abandonar o que um dia foi (não à toa um dos primeiros planos é um trem

passar. Tempo como bifurcação, tal uma esquina, cruzamento, que talvez exista, mas não sabe bem onde, e é preciso ir lá para averiguar, ou que ela existe assim, virtualmente, como reverberação de um anúncio (anotações encontradas em um caderno de notas sobre a tese, datada dos primeiros meses de isolamento).

que passa por entre casas pobres e antigas, indo em direção a cidade grande, a própria imagem do progresso, ou de outro modo, os planos das casas, já velhas, com os fios elétricos e torres que expelem fumaça, queima que propulsiona o progresso para qual se destina uma nação). Depois de muito tempo, eles decidem sair de casa e ir de trem para ficar um tempo na casa dos filhos. Dois tempos que colidem, duas formas de habitar o mundo que se atravessam. Seus filhos e o filhos dos seus filhos estão sempre se movendo, movimentos rápidos, atarefados, parece que sempre há algo a fazer, um compromisso, uma tarefa. Seus tempos são os do fluxo, da inconstância, não se pode parar, tampouco a cidade que o casal de idosos vai visitar depois de anos, está também se move, alheia a sua presença.

Como todos estão atarefados (os filhos com seu trabalho, com sua rotina, os netos com seu estudo, sua rotina) quem os leva para conhecer a cidade é a nora, viúva do filho. Ela mora num apartamento minúsculo, trabalha, e ainda mantém a fotografia do marido morto sobre o altar, como estivesse presa a uma circunstância, de não saber seguir a vida depois da perda (a perda dela é a perda de nação inteira). Ela, também contida, mínima e tradicional nos gestos, habita (ou gravita) essas temporalidades difusas, nem saudosa com o passado (pouco se fala do filho que morreu), nem impetuosa em direção ao um futuro (tem coisas a fazer, claro, mas há tempo de cuidar dos velhos, de mostrar “oh o que estamos fazendo com o mundo que vocês vão deixando aos poucos”, como se por medir as horas olhando um relógio de ponteiros um pouco mais lentos.

Nesse interim, há uma passagem um tanto reveladora dessa marca temporal do filme. O velho, o pai, esse que deixa de ser, vai a um bar reencontrar outros que nem ele, outros marcados pela guerra, o luto, esses que a despeito de tudo que fizeram, de tudo que planejaram para o futuro que não se concretizou, esses que já não encontram consonância com o tempo que parece os repelir. É nessa cena que os vemos falar de seus filhos como se falasse do futuro, de como estão bem, das conquistas dos filhos como se fossem suas próprias, uma vida inteira vivida para tentar impelir aqueles que herdarão esse país que, agora, só pode seguir segue para frente. Mas há esse fracasso velado, de algo que parece não ser admitido, e quanto mais bebem mais à tona fica. Um fracasso do não realizado, do luto contido em nome do progresso, não há tempo de chorar pelos mortos, para os velhos, é preciso reconstruir e acelerar rumo ao futuro, antes mesmo que aquele outro que foi prometido tenha se concretizado.

Outra passagem que aponta para isso é quando o casal idoso vai se hospedar em um hotel, já que os filhos não podem/querem mais ficar com eles. Lá eles tentam dormir,

mas há uma festa de jovens, uma celebração de não se sabe o que. Eles vão embora logo cedo e andam na sua vagarosidade pelas ruas dessa cidade emergente, sentam a beira mar sobre um beiral, e olham o horizonte como se soubessem (e inclusive falam isso) que ali já não há lugar para os velhos, para coisas de velhos, para o tempo de velhos, que a partir de então esse é o sinal dos tempos, um pujante desejo pelo progresso, pelo novo. Na volta para casa, a esposa passa mal e logo depois morre, com ela morre o feminino, pois o que rumava ao futuro, como alardeando pelo movimento futurista do começo do século XX, está ligado a uma impetuosa e viril masculinidade. O que sobra dela, de seu desejo último, está em umas das últimas cenas quando, logo após o velório, o velho, diante na nora (não o filho, herdeiro máximo da espada e do trono), lhe entrega um relógio, como se entregasse a ela o próprio tempo, a responsabilidade para com tempo vindouro, como se dissesse a ela para seguir e continuar seu caminho em direção à alvorada.



O impulso

Talvez a ideia mais conhecida de Alvin Toffler (1994) seja a de *Future Shock*, que seria, em linhas gerais o conjunto de sintomas que acometem indivíduos ao serem sujeitados pela aceleração das mudanças em tempo cada vez mais curtos, um choque de futuro. O futuro que Toffler pinta aqui é permeado com a inadaptação com o passado, pois o tempo acelera depressa, pouco se fixa, tudo é transitório, fluxo. Um impulso transformador nos impele, de modo que nascemos num mundo, e pouco tempo depois, já não o reconhecemos, tudo mudou. Daí o choque com a mudança, com o transitório, com o efêmero. O ritmo do mundo se acelera, e a já não é possível acompanhar o pulsar da

vida se transformando, o futuro acontece depressa demais, e vivemos a expectar ansiosamente intervalos cada vez menores de tempo, e qualquer acontecimento vira passado longínquo muito depressa, coisas que aconteceram no início de um ano parecem ter envelhecido muito quando o vemos em retrospectiva. Como bom futurista, constatando a transitoriedade que passa o mundo, Toffler passa tentar entender, prever, e diagnosticar os efeitos e as mudanças que poderão ocorrem em vários aspectos da vida humana do planeta, da mudança no ritmo de vida, a produção de coisas não duráveis, os empregos temporários, ao homem modular, a transformação da ciência, na música, nos filmes, nas relações amorosas e afetivas, econômicas e sociais. Dele fico com três certezas quanto ao futuro: que há incertezas previsíveis e pressentimentos propositados; que há coisas que ou a gente se adapta ou esmorece; e que as vezes é preciso ficar bem o pé no chão para não se deixar levar pela torrente abundante que aflui do futuro.

A projeção

Ela era indispensável. Depois que descobri sua existência, meio assim, ao acaso de quem não procura ou espera, passei a persegui-la com esmero em muitos e por tantos os cantos. Onde ela talvez estivesse eu a procuraria, nem que para isso tivesse que desviar, dar meia volta, abandonar tudo aquilo que havia feito. Como disse, ela era indispensável. Saber sua precisa localização, tornou-se para mim o que me movia, e por muito tempo me perdi em seu encalço farejando inebriado o rastro mesmo breve de sua passagem. Nem sempre fora assim, no começo nem dei importância, de modo que por um tempo ela figurou ali no meio de tantas outras. Foi só quando ela sumiu, quando parei de notar sua presença, é que dei por falta dela e comecei nessa busca louca e desvairada por recolocá-la ali onde deveria estar, mas não estava. Mas, indômita ela me escapava e a cada vez que eu achava que estar chegando perto dela, cada vez mais ela, esguia, fugia e me deixava breve resquício para que novamente eu fosse em seu encalço. Brinquei muito tempo nesse seu jogo, mas somente quando tornei a caçada obsessão, ou melhor, quando tomei ciência disso, que atinei ter passado por ela muitas vezes sem notá-la, de modo que já não perseguia outra coisa que não a projeção inicial que fazia dela, imagem tosca do que ela nunca fora e nunca será. Porém não me arrependo, não foi inútil, quando olhei para trás, não para os rastros dela, mas sim os meus, vi o quando tinha andado, as marcas do que

coletei, as coisas e os lugares que movi e encontrei. Assim, hoje, já não me resigno por nunca a encontrar, reconhecendo em mim a força movente que faz traçar meu caminho¹⁹.

O prever

Certa vez, a vó pegou minha mão e disse que se as das letras não sabia, as da palma era bem versada. Disse que aprendeu sabe-se lá quando, pois talvez sempre soubesse, legado a ela por sabe se lá por quem, que em algum momento de sua vida de oitenta e tantos longos anos, percebeu que tinha uns acessos de futuro. Sabia ler por trás dos calejado, das dobras que rangem da dureza da vida, o destino inscrito no corpo, os cruzamentos, os vais-e-vens, as curvaturas, as simetrias, os paralelismos, a diferenciar cicatriz dessas marcas da mão que indicam o que virá. Pouco sabia se isso tinha nome. Era só o dom que a vida lhe deu, esse de saber premonizar e que se juntava devaneios, sonhos, lampejos e visões, que lhe acometiam sem esforço, junto um estado febril, a cama tão empapa, que era como se, numa noite só, transpirasse todo o suor dos seus antepassados com a dadiva de prever os descaminhos de seus descendentes. “O futuro me gela até o rabo”, dizia. Ela pegou minha mão e acolheu nas suas com a palma virada para cima, e tateando cada dobra, percorrendo cada linha com a ponta dos dedos, tamborilando, falava como se somente para si, conversando com seu mundo interno em uma língua muda que só ela conhecia, que ela traduzia por profetizar. Mantinha os olhos pregados na mão, e murmurava qualquer um “*arã*” assertivo, sinal de compreensão e cumplicidade. Assim permaneceu por algum tempo, compenetrada, como se deixasse de ser quem era, de habitar aquele instante para perscrutar outros cantos do tempo em que talvez nunca ponha o pé. A época pouco dei trela, “oh mais uma coisa estranha da vó”, vai falar algo ruim, só pode. O que vai dizer do futuro de uma a mão tão mirradinha, dessas que mal sabe manejá-la enxada, se fosse um mãozinho quem sabe até... desses que pegam, apertam, agarram e moldam seu próprio caminho. Que pode dizer ela que me surpreenda, que pode reservar o futuro de alguém tão assim... assim... Será que? Será que? Bem que podia, talvez quem sabe eu me torne, ou eu serei, ou isso me aconteça? Vai que não chegue, vai que não consiga? Vale tentar mesmo sabendo do fim? Não, não quero saber, prefiro não ser avisado de antemão.

¹⁹ Nota sobre uma frase de Valery. Busca. Ânsia pela referência imprecisa de Paul Valéry: “O futuro não é mais o que era” Como se fosse aquela coisa que move o futuro. Que coisa? Um impulso, uma busca? Fazer um texto sobre a busca da referência que nunca se acha, mas move outras coisas. Sobre o achar que algo é imprescindível, sobre projetar, mover para frente. O futuro é sempre em frente? (notas de um caderno sobre a tese, quatro ou cinco meses de isolamento)

Se souber ficarei esperando, esperando, esperando, algo que se disse, vai acontecer! Um dia desses vai acontecer, mas, se sim, ficarei preparado, pode alguém mudar o que se espera por saber o que advir? Preparado já me acostumo, já me resigno e aceito o que foi dito, faço tudo para o que foi dito se confirme, e assim, no fundo talvez, eu diga que comecei pelo fim minha própria história. Sei que quando dei por mim, ela já estava na mesa tomando café, e eu, mãos no ar, serrano e gélido de uma manhã qualquer.

O amanhã

Quando a gente era pequeno, meu irmão menor, quando tinha de esperar por algo (uma data, um passeio, ou o aniversário) perguntava: “Hoje é amanhã?””. Ao que nós, um pouco impacientes um pouco cansados de responder a mesma pergunta a um irmão mais novo (e vocês sabem como são os irmãos mais novos) respondíamos: “Não!!!, hoje é hoje, amanhã é amanhã”. Não sei se essa resposta contemplava a ânsia ou a brincadeira contida na pergunta dele, mas é a que a gente tinha para o momento, era o que a gente podia dar, afinal “hoje é hoje e amanhã é amanhã”. Ânsia pela espera de um amanhã que chega sempre depois (e vocês sabem como são as crianças com a espera), brincadeira, que depois de um certo momento a gente não sabia se ele perguntava para irritar (o que era bem possível) e com isso tinha entendido que o tempo passa, que certas coisas a gente tinha que esperar, e que hoje é meio o amanhã que chegou e o ontem que já foi.

Relembrei disso esses dias, (uns vinte tantos anos depois) quando minha filha me fez uma pergunta muito parecida, ela disse: “Pai amanhã, é amanhã?””. Quase dei por instinto aquela mesma resposta automática que a gente dava quando criança, meio sem paciência, meio sem saber como responder, afinal, hoje é hoje, e amanhã é amanhã e pronto. Não dei. Agora como pai, tentei, sem sucesso, explicar para ela, mais ou menos, que as coisas sucedem, que o tempo passa, que as coisas que foram, foram, que as que estão sendo, estão sendo, e que as que serão, serão, as vezes tudo ao mesmo tempo, pois o tempo, tem dessas coisas. Não sei se me fiz entender, mas ela foi brincar como nada fosse nada, como se cada instante fosse cada instante, vivendo no seu tempo de criança.



EDUCAÇÃO
PARA O FIM

UNICURITIBA 70 ANOS. A GENTE ACREDITA NO FUTURO.

UNICURITIBA70
70 ANOS DE FUTURO



UNIVATES 50 ANOS

meu futuro pede ensino de qualidade

UNIVATES EAD

Receba conteúdos exclusivos com a excelência dos Mestres e Doutores da Univates e tenha o apoio de professores e tutores em tempo real.

EDUCAÇÃO DIGITAL.
ESCOLHA TER
O FUTURO NA
SUA MÃO.

BOLSAS EAD
GRADUAÇÃO 50% OFF PÓS-GRADUAÇÃO 70% OFF

Vem ser Dinâmica

Seu futuro é nosso maior presente

Vaga Disponível

EADUNI FATECIE
FAZENDO SEU
FUTURO CADA
VEZ MELHOR

GRADUAÇÃO
89,70 MENSAL

PÓS-GRADUAÇÃO EAD

O PRESENTE QUE TRANSFORMA SEU FUTURO!

INVISTA NO SEU
FUTURO!
APRENDA UM NOVO IDIOMA!

MATRÍCULAS ABERTAS

SEMANA DAS MÃES

MÃE E FILHO QUE SE
MATRICULAREM JUNTO
GANHAM DESCONTO!

DE 18X DE 110,90 POR APENAS

R\$ 89,90 MÊS

DÊ O PRIMEIRO
PASSO EM DIREÇÃO
AO SEU FUTURO

Com a UniSesc, a melhor faculdade de
Santa Catarina, segundo o MEC, você
escolhe como começar uma jornada
universitária incrível.

Conheça as formas de ingresso:

Bolsa Enem

Use sua nota e garanta
40% de bolsa para
todo o curso

Provas
agendadas

No melhor dia e horário
para você

Transferência
externa, bolsa de

Promoção

galerinha de futuro Itaú

Plano de Previdência First Flexprev Itaú

O que seu filho querer ser quando crescer?

Planejando o futuro

de previdência

First Flexprev Itaú

Itaú já tem formas de previdência para o seu futuro e também temos outras para que vocês se encaixem.

Itaú é previdência para o futuro.



A educação do presente precisa estar de olho no futuro.
Preparados para 2020?

CONSTE
QUISSTE
O INCRI-
VEL



INSCREVA-SE NO
CONCURSO
DE BOLSAS

DESCONTOS DE
ATÉ 100%



POLIEDRO

CURSO

QUER MUDAR
SEU MUNDO?
VEM PRA UNOPAR.

1ª MENSALIDADE

A PARTIR
DE
R\$ 59*



**A EDUCAÇÃO
É O MELHOR
INVESTIMENTO
A LONGO PRAZO.**

Malala Yousafzai

**BEM-VINDO
AO FUTURO.**

**PAGUE COM PIX E
GANHE 20%
DE DESCONTO
NO SEU FUTURO**

**Se torne professor
a partir de 6 Meses!**



**2ª LICENCIATURA
A PARTIR
DE 6 MESES**

MAIS FORMAÇÃO EM MENOS TEMPO

GRADUAÇÃO ACELERADA EAD

*Recupere o tempo perdido terminando
a sua graduação 1 ano mais cedo*

**O FUTURO É DE
QUEM FAZ AGORA!**



Garanta sua vaga!

**VOCÊ VAI
OLHER AMANHÃ,
AS ESCOLHAS QUE**

**PLANTAR
HOJE**

FACULDADE SENAC

SEU TEMPO É AGORA



PROFESSOR
AUMENTE SEU
VOLUME DE AULAS NA
PLATAFORMA DE
AULAS PARTICULARES

24 PØR
7 DIAS PØR SEMANA 24 horas



Prepare os estudante
para o futuro com as
habilidades exigidas
pelo mercado de
trabalho

A educação é o nosso passaporte para o futuro, pois, o amanhã pertence as pessoas que se preparam hoje.

Malcolm X

“ PENSADOR

“ Educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo. ”

ESTA VAGA É PARA VOCÊ!

Procura-se profissional da Educação que deseja se qualificar para o futuro!

Pós-graduação UNASP
+opportunidades pra vida

UNASP
EXPERIÊNCIAS PRA VIDA

"Pras crianças do futuro, eu iria relembrar tudo o que nós passamos juntos, pelo planeta. E mostrar como tudo isso nos levou pro caminho da sustentabilidade e pra felicidade que a gente vai estar vivendo no futuro".

**REINVENTAR
A EDUCAÇÃO:**
qual o papel
do professor?

Aja agora – pelo futuro de todos nós! **A-SE**

PROFESSOR

A rotina na sala de aula se tornou cansativa e você sente que os **seus sonhos estão morrendo?**

MUDE HOJE A SUA REALIDADE!



Qualquer esforço pela educação é um sonho de sociedade mais

Mais que uma escola

Um novo jeito de educar!

Formando futuros incríveis todos os dias!

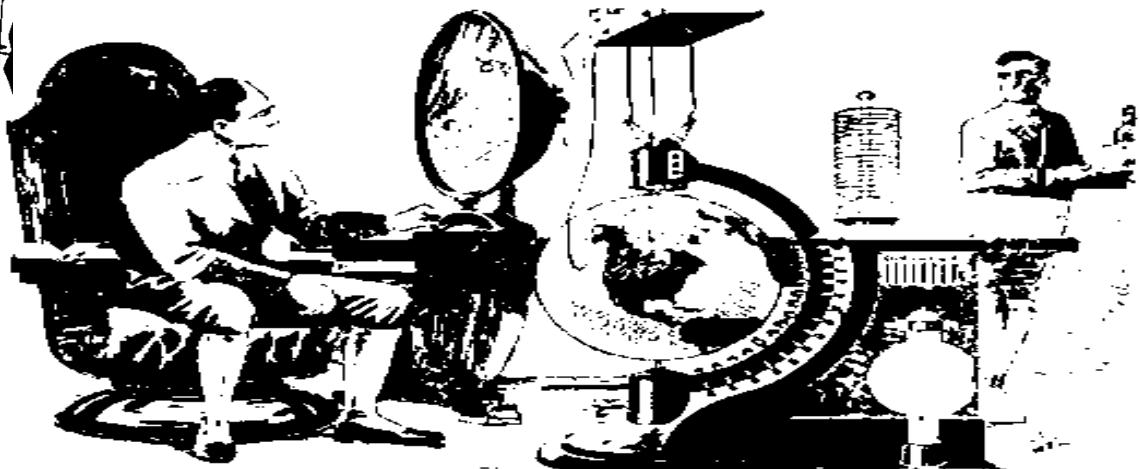
A escola do seu filho
está preparando-o
para o **mercado**
de **trabalho**!

SIG EM E TE

ELECTRO-EPISODED in A.D. 2025

By E.D Skinner

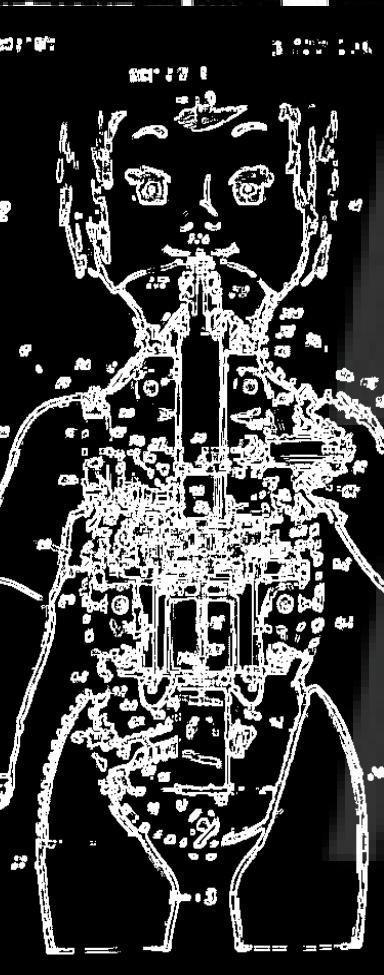
FUTURO



DISCIPLINA



EDUCAÇÃO



EDUCAÇÃO INFANTIL

SE TEM APRENDIZADO DESDE A INFÂNCIA,

TEM FUTURO.

GARANTA-SE UM FUTURO PROFESSOR

Invista no
que te faz
bem :)

QUER RECEBER DICAS PARA TER MAIS DISCIPLINA, FOCO, CONCENTRAÇÃO E AUTOCONTROLE?

Siga o meu perfil e venha comigo rumo a uma vida mais saudável e equilibrada

Aulão do futuro!

24/09 - 08h30

O evento para mergulhar no mundo da **tecnologia!**

SEU NOVO MUNDO COMEÇA AGORA!

SUA ESCOLHA MUDA O FUTURO DO SEU FILHO

entre Geckman, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 2005, apontou que a educação e qualidade na infância pode moldar as decisões tomadas cedo nos 18 anos.

riários inseridos em um horizonte escolar tão rígido

INovação para mudar. Conhecimento para realizar.

NÃO DEIXE SEU
FUTURO PASSAR.
FALE INGLÊS
FAÇA WISE UP.

radios 4098
3025-6098

WISE UP

UMA NOVA GERAÇÃO. UM NOVO AMANHÃ.

Aprendizes do futuro: as inovações começaram!

A woman with long dark hair and a white t-shirt is smiling. To her right is a large blue banner with the text "UMA NOVA GERAÇÃO" in blue at the top, followed by "UM NOVO AMANHÃ" in large white and orange letters. The banner is part of a political campaign.

FESTIVAL

Transforme o futuro
da educação, hoje.

NOVA E-DUCAÇÃO

NA ERA DO CONHECIMENTO, PARAR DE
APRENDER NÃO É OPÇÃO

**Somos o primeiro festival
de Educação 100% on-
line e imersivo do Brasil.**

PAULO FREIRE DIGITAL

Evento Online e Gratuito

E TORNE O PROFESSOR DIGITAL



Saiba TUDO sobre as principais
ferramentas digitais para transformar
suas aulas em verdadeiros SHOWS!

**campus
party** BAHIA

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO
ESTADO DO
BAHIA

EDUCAÇÃO DE
VANGUARDA
Mudanças na Escola Concreta

DIÁLOGOS
SOBRE O
FUTURO



SÃO LUCAS | Afva

SUA NOTA DO
ENEM

VALE O SEU FUTURO

100%

CLIQUE AQUI, ACESSE NOSSA
CALCULADORA E CONCORRA
A BOLSAS DE ATÉ *



NESSE ANO NOVO
CONECTE-SE
— AO SEU —
FUTURO

COMECE O ANO
INVESTINDO EM VOCÊ.
BÔNUS DE 100%

O que é futuro no mundo
já é realidade para nós

EDUCAÇÃO
DO **FUTURO**

P Instituto™

MANEJO DE SÓLIDOS

UOL

Defina o
seu futuro!

Você conhece as avaliações do futuro? 

NOVO
ENSINO MÉDIO

PROJETE SEU
FUTURO
CONOSCO!

Crescer e colaborar
para que outros cresçam.
Isso é ser Únitos.

O Tempo come
quem não se
atualiza!

Visão
para
evoluir.

Escolha apenas
uma pílula

OLHAR PRA
FRENTE É
A NOSSA
NATUREZA!

**O TEU
FUTURO
COMEÇA
AQUI.**

Vamos escrevê-lo juntos

GERONTOLOGADA
CA

A educação do futuro
agora em Floripa.

REDE SERV
Servir à vida
evoluir
com você!

ESSOR

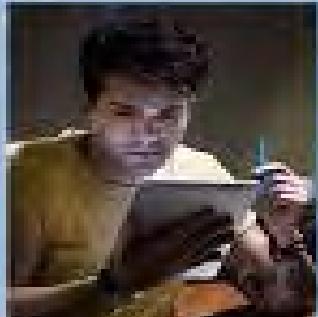
Como inovar de verdade
na educação?

DIGITAL

A ignorância só
alimenta, aquele que
não tem fome por
conhecimento.

EDUCAÇÃO DIGITAL.
ESCOLHA TER
O FUTURO NA
SUA MÃO.





SE O
TEMPO
VIA,

DECOLE

CURSOS
QUE CABEM
NO SEU
TEMPO E
NO SEU
BOLSO

do Sul Virtual

EDUCAÇÃO
+ GERA →
FUTURO

UMA
ESCOLA
PARA O
FUTURO E
PARA VIDA

VOÇÊ PODE
MUDAR O
FUTURO!

GRADUAÇÃO E
PÓS-GRADUAÇÃO
EAD 2022

PRIMEIRA
MENSALIDADE R\$

49,00*

Agora, temos mercados que negociam
o futuro do ser humano em larga escala,

SOE MODERNO DE UMA VEZ POR TODAS!

QUE TAL ILUMINAR
AS HISTÓRIAS QUE
ESTÃO TRANSFORMANDO
O FUTURO DA

EDU CA CÃO?

CONTRATANDO PROFESSOR

SEJA UM PROFESSOR DO FUTURO CONOSCO

EDUCAÇÃO 5.0

EDUCAÇÃO PARA O FUTURO



SC.EDUCARE



Gênesis

1.

Olhei para o céu no primeiro dia. Metade de outono, noites amenas, estrelas no céu, entardecer sem nuvens, pôr-do-sol cor de laranja, auspicioso. Pouco antes, imprimi as letras²⁰ e baixei os vídeos²¹. Já havia antecipado tudo: nós, as músicas, o fundo da escola, a quadra, as estrelas, a astronomia, um grande deslumbre com o conhecimento do desconhecido, um belo começo para o fim do mundo. As letras na primeira, o vídeo na segunda, iniciar com isso, uma conversa sobre começos e fins. Um pedaço de papel e um *pen drive* com alguns arquivos em vídeo, foi com isso que cheguei naquele dia. Chego descubro que eu deveria ter reservado, com antecedência, o retroprojetor. Um pouco frustrado, vou até a sala arquitetando um “plano b” para os vídeos na segunda. Escrevo no quadro: “espero vocês na quadra”. Chamo alguns alunos corredor e vamos para os fundos. Ainda não sei o que fazer depois. Sob o céu, agora um pouco mais nublado, vamos chegando aos poucos e fazendo uma roda. Não é fácil, a quadra amplia mais a dispersão natural de uma sala de aula. Tento me fazer ouvir, organizar, dar um começo. Fazemos uma breve apresentação. Lá se foram uns 25, achei que iria durar 10 a 15. Já não há mais estrelas, venta de leve, ainda penso um “plano B”. Sem conseguir atenção peço a um deles que leia a letra de uma das músicas. Ele segura a folha, papel trêmulo nas mãos, lê baixo, e depois fica mais desenvolto. Ficamos um pouco em silêncio, e ele lê a letra, que é curta, até o fim: “Meu amor, olha só hoje o sol não apareceu. É o fim da aventura humana na Terra... Minha pequena Eva”. Devo ter perguntado o que acharam, se queriam opinar, se conheciam, mas pelos olhares, a pouca resposta, começo a perceber que a coisa toda não funcionou como eu havia previsto. Para mim, que havia planejado sozinho aquilo tudo, a leitura de uma música conhecida, mas incomum, poderia despertar certa empatia, descontração com algo inusitado, como um artifício para fisgar a atenção, conquistá-los, os manter no tema. Nós, a quadra, o céu, as estrelas, a música, o universo, a “pequena Eva”, risos... na minha cabeça seria um bom lugar para começar o fim do mundo. Como alguém que explica a tônica de uma piada que ninguém riu, ocupando o lugar de silêncio que se sucedeu, tento explicar a escolha da letra e a imagem que a música evoca. Nós, a

²⁰ São elas a música ‘Eva’ muito conhecida no Brasil, popularizada e traduzida por bandas como Radio Taxi e Banda Eva, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bMqCKMK0v2w> e ‘Space Oddity’ de David Bowie disponível com tradução em: <https://www.youtube.com/watch?v=h9l3xYmlKQU>

²¹ Trata-se de ABC da Astronomia, que consiste em uma série em vídeo de 30 episódios produzida pela TV Escola e que apresenta os principais conceitos relativos à Astronomia. Disponível em: <https://api.tvescola.org.br/tve/videoteca/serie/abc-da-astronomia>. Acesso em 14 de abril de 2019.

quadra, o céu, as estrelas, a música, o universo, a “pequena Eva”, risos, o sol que não apareceu, o fim da terra, a nave, um amor que persiste ao fim de todos os fins, e isso quer dizer isso, que faz analogia aquilo... Retomo trechos, tento manter o foco no tema, insisto. Quando finalmente chego a começar a falar do fim do mundo, de que ele seria o tema do semestre, e a sondar se estavam de acordo, se queriam contribuir com a proposta, e com isso construir algo mais colaborativo, horizontal, o sinal bate. Para concretizar o que planejei teria que voltar do intervalo, ler e falar da outra música, montar o retroprojetor, se estivesse disponível, ligar, colocar o filme de mais ou menos cinco minutos, falar do filme, perguntar se tinham dúvidas, realizar a chamada (que eu havia esquecido) e encaminhar a próxima aula. Muitas coisas num curto espaço de tempo, muitas expectativas para fazer cumprir. Meu mundo começa a sofrer os primeiros abalos, as primeiras rachaduras na crosta. Esqueço o plano b e o filme, mas mantendo a conversa sobre as letras só para ver um pouco que planejei dar certo: nós sob as estrelas, a conversa, a proposta, o fim do mundo, o universo, o deslumbre. Céu cheio de nuvens, vento que sopra forte. Voltamos para a quadra. 45 viram uns 20. Novo círculo, um instante de atenção. Retomo a música e a partir dela desdobre, em uns 5 minutos, as razões do fim do mundo. Me dou por satisfeito com aquele instante... Uma garoa fina se precipita e põe fim a esse começo.

2.

Cheguei um pouco atrasado no segundo dia. Uns papéis e um *pen drive*. Recolhi alunos pelos corredores. “*Que que vai ter hoje fessor?*” “*Hoje tem aquele vídeo, sobre o universo e tal!*” Queria recomeçar o projeto de forma mais clara, para não haver dúvidas (as deles e as minhas) e passar o vídeo que não deu tempo de exibir. Entrei na sala, montei o data show que reservei com antecedência, fiz a chamada, sem falar muito coloquei os vídeos, e para não perder tempo, uma urgência em dar um começo ao fim do mundo, ao mesmo tempo desenhei no quadro um pequeno esquema/resumo sobre “Big Bang” e as teorias de fim do universo (de retração, expansão e congelamento). Na penumbra da sala, alguns alunos me perguntavam sobre o que era aquela ou essa palavra, talvez para antecipar sua saída para o intervalo, isso enquanto o vídeo continuava. Não iria dar certo. Interrompi e decidi parar, explicar um tanto. Vai, volta ao vídeo, retoma, pergunta, explica, indaga, sempre às pressas, incorporando uma urgência que não sabia vir de onde. O imprevisto se fazia presente, me parecia que não falávamos a mesma língua, não enxergamos as mesmas coisas, como se estivéssemos num mundo à parte um do outro.

Eles estavam ali, 16 a 20 anos, à noite, talvez direto do trabalho, e poucos tinham tempo o suficiente em suas vidas para pensar em contemplar o céu e ver-se pensando sobre a origem ou o fim disso tudo. Talvez quisessem sair uns cinco minutos antes para intervalo, comer, conversar antes de entrar na sala outra vez, não vendo a hora de voltar para casa e descansar um pouco depois de um dia inteiro passado fora dela, talvez. E se, ao chegarem em casa, antes de dormir, eles assistissem algo, e sem saber por que escolhessem um filme com o tema da aula, eu poderia dizer que algum efeito ela havia produzido. Porém, nada disso eu tinha como saber, nada disso eu podia aferir, e para mim, giz na mão, rabiscos no quadro, voz já falhando, só bastava não deixar que as coisas saíssem totalmente do controle dentro daqueles 45 minutos.

3.

Meia hora antes do terceiro dia eu estava recolhendo seis caixas de papelão no mercado perto de casa. Seis caixas grandes o suficiente para encaixar na cabeça, e que eu havia feito um corte central, algo como uma “janela” que abrisse e fechasse. Fui com isso e uma pergunta: “se o mundo terminasse, mas nós não, o que gente levaria como recordação para que em outro lugar ele possa se refazer?” Algumas caixas, tesouras, revistas e colas, nada mais para desviar do meu objetivo: começar e terminar uma aula dando conta do previamente planejado, em 90 minutos. Cheguei, bati o ponto, entrei na sala, passei a lista, pedi que se dividissem em grupos de quatro ou cinco, distribuí os materiais em 20 minutos, expliquei a atividade, ouvi dúvidas em 5, dei 15 até o final e mais 20 da próxima aula para terminarem, de modo que sobrariam outros 35 para conversarmos, levaram 50, me sobraram 20, usei 10 para colocar a sala em ordem e recolher restos de papel do chão, me sobraram 10. Nesses 10, olhamos um pouco para o que tinham realizado, bateu o sinal, acabou a aula.

4.

Foi no quarto dia: dois alunos na frente da sala, luzes apagadas. Um deles iluminava o outro com uma lanterna do celular. O outro lia a folha que segurava, e usava na cabeça uma caixa de papelão em que estavam coladas diversas imagens que remetiam ao planeta terra. A turma ria. Ao fundo, projetado na parede, um vídeo mostrava imagens do universo. O que se lia eram fragmentos de textos de diversas religiões, mitologias e crenças sobre começo e o fim do mundo. Sem mais conseguir lembrar, talvez essa seja a única imagem que ainda me resta vívida, e que me marcou pois tangia aquilo eu gostaria

de proporcionar como professor de Geografia naquela turma, um misto de participação e descontração, uma forma de abordar um tema e relacioná-lo com outros campos e assuntos que extrapolavam os conteúdos obrigatórios da unidade curricular. Essa imagem, a despeito da sensação até então de que nada que eu planejei estava dando certo, figurava como o elo entre a matéria que eu tinha que dar (formação do universo, do sistema solar e da terra) e o tema que eu queria desenvolver (o fim do mundo), e talvez, seja o ápice dos meus intentos até então. Não durou mais que dois minutos.

5.

No quinto, completou-se um mês. Até então, minha tentativa de acabar com o mundo havia falhado, ao menos na forma como planejei previamente. Chegamos na metade do bimestre e eu não havia feito nenhuma atividade para atribuir nota e tinha avançado pouco mais de duas páginas da unidade do livro didático. Não conseguia controlar o tempo de aula, me fazer entender, manter a atenção deles por longos períodos. Havia algo em descontrole nessa relação. Como uma espaçonave desgovernada no vácuo sideral, sem saber como lidar e até onde ir. Isso eclodiu. Como dois astros que se colidem, o efeito resultante foi que mandei quatro a cinco alunos para fora da sala de uma só vez, por pedido de outros alunos. Não havia mais diálogo, consenso. Nesse dia cada um saiu da sala com um pequeno bilhete: um pedaço de papel que teria que ser assinado pela secretaria e pelos responsáveis, e, em contrapartida, eu relataria a ocorrência em uma folha de registro presente na sala que continha informações sobre nome, motivo e observações. Tempos depois, encontrei um desses bilhetes nos materiais de aula, e eles já não surtiam efeito algum. Um a um, eles iam saindo, e o silêncio que se fez depois, esse hiato de estabilidade que achava fundamental para o funcionamento daquilo, durou até o sinal, que ecoou brevemente como um alívio.

6.

Quatro e noventa e nove foi o que paguei num saquinho com balões de cor azul, e foi com eles que fui dar aula nesse dia. Pouco mais de um mês se passou desde que abandonei o fim do mundo, e por isso, tentei retomá-lo outra vez para dar por encerrado alguma coisa. Iria entregar a eles os balões, como se fossem um pedaço seu do mundo, e pedir que escrevessem nele cheio aquilo que deixariam ficar, que não queriam num outro mundo, o que da terra eles abominavam, o que poderia findar junto a ela, e assim sucessivamente. Havia criado uma outra imagem para me apegar: os alunos, os balões, a

leitura das palavras, o fim do mundo, o estouro, fim. Das palavras e da conversa não registrei muito. O que ficou para mim, foi um som agudo e forte produzido por muitos alunos, que ao encherem o balão, deixavam sair o ar segurando o bico levemente. Esse som, do ar condensado que sai por um orifício muito pequeno, o som de algo que não planejei, sobre o qual não tive controle e que não pude conter, é a última coisa que tenho registro, que pôs fim a um mundo, não sem antes deixar resquícios para que um outro surja, a qualquer momento, em qualquer lugar, nem que seja como resto azul de látex espicaçado.



Uma versão melhor

Nada é muito concreto, pouco perdura de fato, quase tudo parece um esboço de alguma coisa ainda por fazer, e que não se sabe se realmente será feita, ou de outro modo, se já edificada a coisa, que hora ou outra irá ruir. A sensação é que há muito por fazer, e por mais que se faça, à medida que se faça, se abandona ou se inventa um novo fim, uma nova meta, sem ter chegado a tatear a última, de modo que cada avanço é um avanço ao sem direção, e a certeza tem hora contada. Até se fala, se sonha, se projeta como será

quando chegar, e há quem diga que vislumbrou tal ponto e hoje acorrenta uma porção de séquitos aos próprios pés, e caminham a par e passo rumo ao sem rumo que alguém diz que traçou. Porém, o certo mesmo é que não se sabe, ao certo, o que se espera ou se avança, isso se de fato alguma vez se avançou. Assim, mesmo que um dia se chegue lá, nisso que um dia se pensou ser o fim, vai-se perceber que aquele era só um ponto, aquele que se mirou sem saber, e cujo fôlego nos proporcionou chegar. Há de haver qualquer coisa quando o horizonte acaba, nem que seja outra miragem.

Hoje, que é um tempo provisório, releio esse parágrafo escrito sob a verve de um mundo em estado incerto, a par e passo de cada notícia sobre o andamento da pandemia, a cada vez que se atualizam os dados, a cada imagem do pânico, de covas abertas em larga escala, de mortos por não conseguir mais respirar. Um mundo que chega por dados que parecem retratar uma realidade outra, mundo aparte de nós, em perpetuo colapso, inconcluso (tinha tudo para dar certo, e olha só onde estamos agora). Como se o mundo escapasse entre dedos, como o ar que por vezes falta, e o que resta évê-lo desaparecer assim, virtualmente, sem futuro, e seguir em frente, na vaga ideia que adiante é a direção correta de nosso rumo.

É atravessado por essas colocações que os seis relatos que abrem o capítulo se colocam, e são fruto de uma série de dezesseis aulas em que estive como professor de Geografia, dando aula para um primeiro ano da rede Estadual de educação. Durante elas, atravessado que estava pelas múltiplas formas do fracasso, de fim e de catástrofes ocorridas em 2018 (mal podia supor que elas iriam reverberar ao longo dos anos seguintes), tentei trabalhar a formação do universo e da Terra, as questões ligadas à conservação e aos impactos sobre o meio ambiente (temas pertinentes ao currículo do primeiro ano) usando como eixo temático o “fim do mundo”²².

A premissa de tal planejamento era estudar os múltiplos aspectos físicos que constituem a Terra e sua formação a partir de um fim hipotético do mundo. Com isso queria pensar o que define um planeta, os desastres ambientais, e as consequências da interferência humana. O encontro entre a proposta, minhas expectativas e intentos com a dinâmica, singularidade e imprevisibilidade do que acontece em uma sala de aula, é por onde passam os relatos. Nisso, estratégias se constroem e se modulam, expectativas se

²² O nome e o tema se inspiram nesse trecho do livro do grupo Cultive Resistencia: “Esse mundo está para acabar [...] será que precisamos fazer com que ele aconteça da forma mais dolorosa possível? [...] No final, olhar para fora será necessário quando nosso mundo adentrar numa cadeia de eventos que iniciarão os tempos do seu colapso. *No lugar de sonhar com outro mundo possível, devemos transformar o alcance de nossa visão para pensar num outro fim do mundo possível.*” (CULTIVE RESISTÊNCIA, 2019, p.70, grifo nosso)

solidificam e se evaporam, em nome de todas as finalidades que se cria para tentar justificar de alguma forma o que fazemos, o que cremos e o que somos.

Diante da sensação de fracasso (do mundo, de uma aula, de um planejamento, de um professor etc.), tais relatos foram à época uma pequena tentativa de transformá-la em escrita, de elaborar uma experiência. São também, de certa forma uma afirmação. O que afirmam é o imprevisto em educação, o que não podemos nem medir, nem conter, nem controlar, nem antever... é essa abertura ao que eu ainda não sei, no encontro com o outro, que põem em suspenso minhas certezas, que vira do avesso o mais elaborado dos planejamentos, que faz da educação algo singular e sem medida.

A partir dos relatos se seguiria um texto que nunca teve futuro, e que teria por mote pensar nos fracassos (e nos fracassados) como certa resposta a esse que parece ser um “tempo” da proliferação da virtude, da realização, do sucesso como parâmetro de vida, como meta final da educação (pontuado de alguma maneira no segundo capítulo). Esses se apresentam como os acertos, objetivos alcançados, os desafios superados, as metas, e nos dão a impressão que seguimos avançando (*quero ser outro ou deixar de ser aquele que sempre fui*)²³. De outra forma também, compõem aquilo que em geral se deseja mostrar, que se compartilha, que se inveja, que se replica, que se curte e que se dá *like*. Aquilo que nos serve de parâmetro, exemplo inconteste que reafirma e justifica todo nosso labor, nossa dedicação.

(uso o comprimento do outro como parâmetro que meço o destino que almejo para mim, assim como ele me diz ser possível, assim como ele alcançou aquilo que ele põe a mostra, a venda num curso que pode ser chamado: “conquiste seu primeiro milhão sem esforço”).

²³ Essas frases em *italico* e entre parênteses, no corpo do texto ou separado dele, é onde jogo com o dito, mudo a pessoa e o “tom”, reforço e acentuo o que o texto pretende dizer, mas, sobretudo, fazem alusão a pontos colocados no segundo capítulo.



Aqui, fracasso e resultado não combinam, a não ser que venham acompanhados de persistência, repetição, superação, e que sejam usados como obstáculo a ser transposto, que motivam a abandonar a inércia convalescente de uma vida sem rumo, sem perspectiva. No fim, prevalece o sucesso, o que tem futuro, e a máxima é empreender ou inovar.

(vou tão longe quanto quero, conquisto tudo que posso, me realizado da projeção que faço da vida bem vivida que um dia chegarei a tanger. Louvor à afirmação: sim, eu posso; sim, eu consigo; sim, eu quero. Não a minha, mas a vida do outro).

Me parece, então, que o que é constante hoje (um hoje também transitório) é o contrário do fracasso, é o rechaço do incontrolável, e se desloca para a busca e a publicização do sucesso, do êxito, daquilo que pode servir de referência ou de parâmetro que se persegue (outro lugar onde o futuro é colocado). Desse bojo brota um “sujeito empreendedor” (almejado por uma parcela como um dos fins da Educação, ou a grande guinada inovadora que ela precisa passar) que a tudo inspira, tudo transforma em motivacional, empolgante. Insatisfeito com a posição que ocupa, com a imagem que aparenta hoje, é de melhorá-la que ele vive, tudo que faz é para lá chegar, todo o esforço é passo dado em direção a um objetivo futuro. E nisso e por isso vale todo seu investimento, todo o marketing pessoal, todo um capital subjetivo para rentabilizar. Tudo pode aquele que persevera, os expurgados do paraíso a ele quase sempre querem retornar.

Nesse sentido é que Han (2017) fala da passagem de uma sociedade disciplinar foucaultiana (feita de hospitais, de asilos, de quartéis, de fábricas, de escolas e de sujeitos da obediência), para a sociedade do desempenho (feita de shoppings, de academias, de aeroportos, de laboratórios e de sujeitos do desempenho). A primeira, segundo o autor, está ligada à negatividade, à proibição, à coercividade, ao controle, que gera, nas margens, loucos e delinquentes. A segunda é marcada pelo excesso de positividade, onde impera a

iniciativa, a motivação, a produtividade, que produz, em última instância, depressivos e fracassados.

A partir de determinado ponto da produtividade, a técnica disciplinar ou o esquema negativo da proibição se choca rapidamente com seus limites. Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento. A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever. Assim o inconsciente social do dever troca de registro para o registro do poder. Sujeito de desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência. O poder, porém, não cancela o dever. O sujeito de desempenho continua disciplinado. Ele tem atrás de si o estágio disciplinar. O poder eleva o nível de produtividade que é intencionado através da técnica disciplinar, o imperativo do dever. Mas em relação à elevação da produtividade não há qualquer ruptura; há apenas continuidade. (HAN, 2017, p. 16 - 17).

De forma genérica, e tendo como fim a constituição de um “sujeito produtivo”, podemos afirmar, com base em Han (2007), que nesses termos a disciplina remeteria ao fechamento, a regra, a obediência, o dever, a proibição, a padronização, ao limite, a negatividade; por outro lado o desempenho remeteria a abertura, a inovação, a proatividade, a resiliência, a personalização, a expansão, ao movimento, a positividade. Trabalho/função para a oportunidade/colaboração. Assim, uma das marcas dessa passagem/fusão de paradigmas que propõem o autor, é de que já não há mais limites, tudo posso, não devo mais obediência a ninguém a não ser os meus desígnios, ao meu esforço, tudo é possível àquele que desempenha. Não havendo impeditivos externos para a acessão, para o empreender, para o sucesso, o que me impele é minha força de vontade, o engajamento, o foco, a superação, em mim se encontra o princípio e o fim de qualquer limite. Dito de outra forma, o que transparece, e precisa assim parecer, é de que o futuro está em aberto, e uma miríade de possibilidades estão disponíveis ao toque no meu agir, da minha dedicação e comprometimento.

(Nesse passo, passo a ser a fonte primeira de todo meu investimento, das coisas que visto, do modo que falo, do que consumo, com quem me relacionado, o que aprendo e o que me cerca, personalizado nos moldes de meus anseios, meu ritmo e entretenimento, pois sou único, e como tal, exijo do mundo que me contemple. Todavia, se sou causa primeira de minha sina, e o quanto performo se lubrifica os circuitos em que propagam o produzir, é que reside em mim o fim e o princípio da falha, posto que é de desempenhar que sustento o mundo, se hora ou outra já não o posso, e se hora ou outra já nada contribuo, e se hora ou outra deixo de performar, e se hora ou outra vou me tornando obsoleto, improdutivo, e a potência que em mim reside deixa de desempenhar, é em mim

que, categórico, ponho culpa, pois se há meta ei de cumpri-la, eu, esse ser sem parâmetro maior que o sol)

Assim toda essa autonomia autoproclamada se transfigura, e como aparência se mantém. Dessa forma toda potência de produzir e transformar o futuro, positivada dentro do discurso do desempenho, no seu duplo jogo entre desenvolver e disciplinar em proveito da produtividade como fim, não se sustenta por muito tempo, não pode se sustentar, e ao passo que não se efetiva, frustra (por isso gera fracassados, depressivos, ansiosos, entre outros). Não havendo mais limites a produtividade, a tudo transformar através do esforço individual, é o inalcançável que se busca realizar, em si e em sua volta (do melhor emprego, da aparência distinta, do sucesso, da conquista, do destaque) e ao passo que ele não se concretiza, todo ímpeto uma hora ou outra, exauri.

É nesse passo que em alguns momentos o Futuro parece bambear entre o credo possível da transformação, de uma melhora, que nos impele, nos inspira, e alicerça certa esperança no depois, e a descrença que adormece nossa potência de agir, nos incapacita, e solapa nossa fé no porvir, nessa grande lacuna entre o que se efetiva o e que se especula, o realizado e o irrealizado. Resta o que fazemos com isso, como isso mobiliza ou paralisa nossa ação no mundo.

Por isso, é urgente falar de nossos fracassos, não como justificativa, como análogo ao insucesso, ou para tentar redimir-se por fazer algo que “não funcionou,” se não para dizer que nem tudo que se faz ou se planeja corresponde aos nossos anseios, que nem tudo que se faz é exitoso, e que há certas coisas que estão fora de nosso controle, de nosso querer e de nossa vontade. Falar do fracasso como uma língua dos que foram alijados do futuro, daqueles que não se sentam à mesa, nessa grande *self*, imagem que faz perpetuar esse parâmetro balizador do progresso humano, esse ponto tão almejado, onde o que aparece é fruto do apagamento constante desses que não tem futuro, desses que margeiam o fim, e por isso resistem sempre na borda da linha limítrofe que circunda esse abismo. Lembrar que o mesmo sismo que abala a crosta é a força que faz mover todo subterrâneo em que o mundo se assenta.

Mudar o mundo



“Qual é a sua esperança para o Brasil? Que país você quer ver ano que vem com novos governantes do poder? Que Brasil você quer para o futuro? A tecnologia vai levar o seu recado para tela da Globo. Onde você estiver, estamos aqui para ouvir a sua voz”. Pergunta o âncora da televisão, apresentador de telejornal de uma grande empresa de comunicação. Tratasse de uma campanha da rede Globo que convoca seus telespectadores a mandarem mensagens de vídeo via celular. “A Globo quer ouvir o desejo dos brasileiros de todas as cidades do país e vai exibir as mensagens nos telejornais da emissora”, diz a página da internet que ensina a mandar e fazer os vídeos.

“Primeiro tem que escolher um lugar, peça para alguém gravar, use um “bastão de self”, grave você mesmo. Celular sempre na horizontal de modo a mostrar você e o lugar que você escolheu. Diga seu nome e cidade e de seu recado em 15 segundos: Que Brasil você quer para o futuro?”²⁴ ensina em vídeo e infográfico os modos como você faz e envia seus desejos via internet e fica “ligado”, pois a qualquer instante, em qualquer programa jornalístico, seu rosto, sua voz, e seu desejo de futuro podem ser contemplados pela exposição breve em um telejornal, para amenizar, talvez, notícias de assassinatos, novos casos de violência, de guerra, catástrofe, ou um novo escândalo de corrupção, ou a mais nova, semanal e polêmica sensação da internet.

A conquista do inútil

Werzog tem um filme que nunca consegui terminar, aquele em que um homem muito obstinado com seu sonho leva um barco através de uma montanha. Acho que me angustia de algum modo saber toda a controversa produção que envolveu tal filme; talvez

²⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/vc-no-g1/noticia/que-brasil-voce-quer-para-o-futuro-saiba-como-enviar-o-seu-video.ghtml>

seja o calor, os mosquitos, e toda a condição típica da Amazonia Peruana onde ele se passa; talvez seja a história, o tempo da história, a insistência do personagem em persistir em algo completamente fracassado, inúmeras vezes; talvez essa aura de tensão que ele emana, como se a qualquer momento algo de muito ruim pudesse acontecer. De forma simplória, em *Fitzcarraldo*, filme de 1982, mas que se passa no início do século XX, seguimos com o sonho louco de Brian Fitzgerald (Klaus Kinski): o de montar uma casa de opera no meio da selva amazônica. Empresário, tenta empreender a todo custo e de diversas maneiras para concretizar tal delírio: vende gelo, compra e reforma um barco, contrata tripulação, convence outros a investir em seu sonho, compra uma área no meio da selva para extrair borracha, para com o dinheiro da empreitada poder realizar o que almeja. Há aquele barco e aquele morro. Nunca terminei, não sei o que acontece no fim. Sei que esses tempos comprei um livro que Herzog escreveu sobre a produção do filme, em forma de diário. Pouco li, e só comprei mesmo por duas coisas: pela impressão de que fiquei do filme incompleto, o de me parecer uma grande ode ao fracasso, na figura do progresso e na insistência sem sossego, e pelo título, tão grandiloquente quanto a empreita que ele narra, *A conquista do inútil* (HERZOG, 2013). Havia um trecho destacado, mas o livro sumiu.

Fora dos eixos

*Quando pronuncio a palavra Futuro,
 a primeira sílaba já se perde no passado.
 Quando pronuncio a palavra Silêncio, suprimo-o.
 Quando pronuncio a palavra Nada,
 crio algo que não cabe em nenhum não ser.*

As três palavras mais estranhas - Wisława Szymborska

É em termos de natalidade (o fato de que seres entram no mundo enquanto nascem) que Hannah Arendt (2005) toma essa relação mundana e o papel da educação na renovação desse mundo. Sobre isso ela diz que há na Educação um papel fundamental para mudança e renovação de um mundo comum, pois é num mundo público, anterior que os novos no mundo adentram, e portanto, um mundo que exige respeito, cuidado e amor (*amor mundi*). Assim, é de cuidar dos que vêm, de introduzi-los nesse mundo enquanto indivíduos novos num mundo velho, que a Educação tem primazia, pois o que elas representem é a continuidade dele, um mundo sempre em vias de desfazer-se, de renovar-se, de transformar-se pela novidade que surge a cada ser novo que nasce.

Desta feita, há na educação uma responsabilidade e uma autoridade com o mundo, e com esses que vem ao mundo, relação entre o que já está, a tradição, os adultos, e aqueles que vêm para formar-se nesse mundo, mas também para renová-lo à sua maneira. Assim, como fechamento desse texto, ela diz que a educação é um ponto em que se decide que se ama o mundo assumir-se responsável por ele, para salvá-lo da inevitável ruína que advém da não renovação, manifestada com a chegada nos novos ao mundo, e também, se se ama o suficiente nossas crianças “para “não expulsá-las do nosso mundo e deixá-las entregues a si próprias”, dando a elas a possibilidade de realizar qualquer coisa de novo, imprevisto, e prepará-las para “a tarefa de renovação de um mundo comum” (ARENDT, 2005, p. 247).

Seguindo com a imagem inicial evocada desde o começo desse capítulo (a pouco concretude, da instabilidade do mundo, de não saber para onde seguir como consequência em demasia da perda do referente no futuro) podemos seguir pensando junto a Arendt quando diz que educamos para um “mundo que está ou ficará fora dos eixos”, pois permanece e é criado por mãos mortais, e por isso, corre o risco da mesma sina, perecer. Desta maneira deve ser sempre posto em ordem, mesmo que isso não seja efetivamente possível ou assegurado, “nossa esperança reside sempre na novidade que cada nova geração traz consigo”, e, portanto, a tudo destruímos se tentarmos controlar o novo naquilo que ele tem de revolucionário em cada criança, e é justamente para isso preservar que a educação deve ser conservativa (como de preservar da ruína completa). “Ela deve proteger a novidade e introduzi-la como uma coisa nova num mundo velho, mundo que, por mais revolucionárias que sejam as suas ações, do ponto de vista da geração seguinte, é sempre demasiado velho e está sempre demasiado próximo da destruição.” (ARENDT, 2005, p. 243).

O que me interessa ressaltar é justamente que esse é o ponto de tensão em à educação se encontra, que lida com a conservação do mundo, a preservação de certos aspectos dele (a tradição, o passado, a cultura, a finitude), tudo que constitui isso que é anterior a nós, base na qual o mundo se assenta. Da mesma forma lida também com a mudança do mundo, sua instabilidade, o novo, o advir, o futuro, o que ainda há por fazer, o que ainda não se sabe, o imprevisto depois de nós, terreno movediço em que só se assenta o que bambeia. Se este é o lugar que a Educação ocupa, de tentar fazer chão sob o que liquefaz, ela então só pode tentar preservar tanto o que consolida (sem ter garantia absoluta de que conseguirá) quanto o princípio ativo do sismo que o mundo dá em si mesmo - e do tremelique já não se sabe se é espasmo daquilo que fenece, convalesce ou

goza, só que talvez o fruir ritme a queda daquilo que rui (lembrar que fracasso também pode definir um som estrondoso provocado pela queda ou destroçamento de algo). Uma pergunta a partir disso poderia ser: o que fazemos quando a novidade se instaura, se ela é ao mesmo tempo possibilidade de renovação e de ruptura, alicerce de nossas esperanças e remate dos nossos temores? Como preservar a potência do que é novo e conservar aspectos daquilo que está à beira da inexistência?

Nesse cenário, em que tudo aparenta mudar constantemente, e a tensão habita esse intervalo entre o passado e o futuro, a educação, nas várias formas em que se apresenta, mas aqui com ênfase na escolarização, não permanece incólume. É máxima comum de se ouvir que a “escola do século XIX, tem professores do século XX, alunos do século XXI”? Que a educação/escola não é interessante para o aluno, que isso decorre um aumento da evasão escolar. Que ele não se identifica com os professores, os métodos, os modos. Que um novo tempo precisa de uma nova escola, novos métodos de ensino que incorporem o uso das tecnologias, dando mais autonomia ao educando etc. Porém, em algum momento, já ouvimos isso antes, em algum momento a escola tradicional de hoje foi o movimento de vanguarda educacional de outros tempos, ou de outra forma, o futuro contido nela, que cabia a ela realizar, chegou sem chegar a sê-lo.

Em que ponto do pensamento e da prática educativa a ênfase se deslocou da perpetuação, do antigo, para a novidade, para os interesses dos mais jovens? Se isso foi aos poucos ou se é fruto de uma época que prega certa juventude prolongada como crença, desejo e esperança? Em que ponto a inovação constante, a atualização desenfreada, o futuro ligado a tecnologia, que a muito, e agora surpreendentemente rápido, muda nossa percepção, nosso convívio e nosso modo de vida, passou a ser posto como futuro para a educação? Crary (2014) em 24/7, traz a seguinte reflexão sobre a questão na inovação:

Como muitos já notaram, a forma que a inovação assume no capitalismo é *simulação contínua do novo*, enquanto as relações de poder e de controle existentes permanecem, na prática as mesmas. Por boa parte do século XX., a produção de curiosidade apesar de seus caracteres repetitivos e nulos, era frequentemente vendida de maneira a satisfazer a imaginação social de um futuro mais avançado ou pelo menos diferente do presente. No quando do futurismo de meados do século XX, os produtos comprados e incorporados a vida pareciam vagamente relacionado a evocações populares de prosperidade global futuro, da substituição benigna do trabalho humano pela automação, da exploração espacial, da erradicação do crime e de doenças e assim por adiante. Havia pelo menos a crença equivocada em soluções tecnológicas para problemas sociais insolúveis. Agora, o ritmo acelerado dessas mudanças aparente elimina o sentimento de padrões temporais compartilhados que poderiam fundamentar a antecipação, ainda que nebulosa de um futuro diferente da realidade contemporânea. 24/7 é estrutura em torno de objetivos individuais de competitividade, promoção, aquisição, segurança pessoal e

conforto a custo dos outro. O futuro tão a mão que só pode ser imaginado como idêntico a luta pelo ganho ou pela sobrevivência individual no mais superficial do presente. (CRARY, 2014, p. 49 - 50, grifo nosso).

Inovar e empreender, informar e comunicar, estão aí algumas palavras recorrentes quando se procura pelo par educação mais futuro. Recorrentes como proposta para a educação do novo século, são também palavras ordem, compõem os discursos, as práticas, os anseios. Ditam de um modo ou de outro, na forma de competências, aquilo que se almeja enquanto formação e disposição do “novo” (a nova geração, o novo “homem”). Não sem intenção, vêm em forma de verbo, de ação, de movimento, de mudança, características que marcam “esse tempo”, porém acentuadas nele pelo forte apelo e adesão. Talvez por isso que se fale em termos de em engajamento, motivação, incentivo, problematização, desafio, personalização, flexibilidade, resiliência etc.

Dessa forma, não basta anunciar o futuro (de forma alarmista ou alvissareira), como as diversas imagens que abrem o segundo capítulo o fazem, é preciso que se eduque para um futuro já planejado (mesmo que aparentemente aberto), acoplando nele palavras já esvaziadas pela repetição (sustentável, melhor, incrível, dinâmico, tecnológico, humano, justo, integral etc., como as imagens que abrem esse capítulo), e que se informe constantemente sobre a consequência alarmista do contrário (fim do mundo, aquecimento global, desemprego, ignorância etc.). Assim é que se vai aceitando esse futuro “planetário e humano”, e ao colocar o lixo no “lugar correto” se tenha a impressão de que se faz parte de sua construção (em alusão a capa dessa tese), mesmo que contingentes de humanos e não humanos invisibilizados e sem futuro disso não tomem parte. Como coloca Correa (2006) acerca da ideia de ‘prospecção’ (enquanto ciência que, ao analisar as “tendências”, tenta prever, criar estratégias e realizar um futuro) no contexto da comunicação, e a questão dos satélites quando ainda se pensava na sua implicação mundial, mas que serve bem para pensar o futuro.

Os efeitos da obediência aos ditames embutidos na promessa de um futuro idealizado, com o qual nos fazem sonhar pela repetição massificante de mensagens otimistas de um porvir alvissareiro e vibrante, manifestam-se pelo crescente abandono do presente para a construção deste futuro do qual somos partes funcionais e não agentes vivos. À vontade de cada um deve sobrepor-se uma vontade geral que corresponde aos direitos e aos deveres do cidadão. Cada um é percebido, enfim, enquanto função representativa do Homem: o efeito totalizante se expressa a partir do trabalho sobre cada um, visando parametrizar a manifestação de suas potencialidades de acordo com um futuro comum. (CORREA, 2006, p. 81).

Por isso, nem só de progresso e formação para o futuro (seja em qual direção) se faz essa relação “geracional” que sustenta de alguma forma a Educação, (enquanto o modo como apresentamos o mundo àqueles que vem, e ao mesmo tempo relegamos a eles incumbência de realizar o futuro que não chegamos a concretizar, mas que por eles já imaginamos) pois essa requer certa passividade de deixar-se formar em proveito de um porvir sem escolha. Há também as rupturas, as quebras, desejo de mudança. Há a juventude (enquanto manifestação do novo ainda disforme) como potência²⁵, como processo de transição, insurreição, rebeldia, que não almeja o peso da tradição nos ombros, nem que lhe pensem um futuro preconcebido (aqui tem tanto a marca de certa característica “generalizante” de juventude como adolescência, como marca do desenvolvimento cognitivo e biológico, marca de transição, e portanto de conflito, mas também como potência, vigor, velocidade, agilidade, que são marcas de um corpo juvenil, mas que extrapolam a ideia de faixa etária e indenitária, atualizando-se em potência de agir, modo de estar no mundo etc.).

Há na juventude, tomada como potência de um vir a ser, também um desejo e uma possibilidade latente de não ser educada por aquilo que é “tradicional”. De fazer seu próprio caminho, inventar seu próprio modo de vida, marcar na história sua própria imagem, viver seu próprio tempo sem ter marcado em si as crenças, os desejos, os anseios de um tempo que não é o seu. Não fazer parte de um futuro já projetado, revelado quase sempre como promessa da qual só se participa como coadjuvante.

Esta é a esperança que se pode ter na educação. Desesperar da ilusão de que todos os seus avanços e melhorias dependem apenas de seu desenvolvimento tecnológico. Acreditar que o ato humano de educar existe tanto no trabalho pedagógico que ensina na escola quanto no ato político que luta na rua por um outro tipo de escola, para um outro tipo de mundo. E é bem possível que até mesmo neste “outro mundo”, um reino de liberdade e igualdade buscado pelo educador, a educação continue sendo movimento e ordem, sistema e contestação. O saber que existe solto e a tentativa escolar de prendê-lo num tempo e num lugar. A necessidade de preservar na consciência dos “imaturos” o que os “mais velhos” consagraram e, ao mesmo tempo, o direito de sacudir e questionar tudo o que está consagrado, em nome do que vem pelo caminho. (BRANDÃO, 1986, p. 110).

Idealizar, projetar, tentar realizar, esse é o ciclo formativo que move a Educação. Daquela que forma o homem servil àquela que o pretende autônomo, daquela que espera só a subserviência àquela que o pretende rebelde, é em algo que elas miram. Todo seu

²⁵ Cf.:CORRÊA, Guilherme Carlos; Preve, A. M. H. **Educação como problema contemporâneo**. Cinema, educação e ambiente. 1ed.Uberlândia: EDUFU, 2013, v. 1, p. 41-53.

esforço é um esforço em algo pouco concreto, algo sempre localizado em um depois, que sempre será, sempre se anuncia, mas nunca se chega, nunca se efetiva. É porque é de projeto idealizado que se sustenta, um projeto que nunca se concretiza, um projeto que parece fracassar, que necessita de constante atualização, que falha, que há poucas garantias que se cumpra, que está sempre deslocado para além de nós mesmos, um projeto sempre porvir, que a Educação é sem futuro.

A black and white line drawing of a figure, possibly a person or a deity, rendered in a minimalist, gestural style. The figure is oriented vertically, with its head at the top and a long, flowing tail of lines extending downwards. The lines are thick and continuous, creating a sense of movement and fluidity. The figure's body is composed of several curved lines, and its head is a simple, rounded shape. The tail consists of many more lines, some of which are straight and others are curved, creating a complex, organic shape.

O FIM DA EDUCAÇÃO

INVESTIMENTO NO FUTURO

INVESTIMENTO NO FUTURO
INVESTIMENTO NO FUTURO
INVESTIMENTO NO FUTURO

Quando vale a

SEU FUTURO

para o futuro

Complementa

FUTURO
CONHECIMENTO

A GENTE ACREDITA
DESAFIAR
A DILEGENTE

INovaçãO
TECnOLOGIA
E HUMANIDADE

A GENTE SE ENTENDE NO
SORR

11577

A SANTA
CATARINA
DE HOJE
É ASSIM
COMO AGORA
PREPARADA
PARA O
FUTURO

Não perca o que está acontecendo
As pessoas que vêm o Twitter são as primeiras a saber

"Onde estilo e bom gosto,
se unem a você"

PAUL
OPTIC

Inscrir-se
Entrar

ENTREGU,
BRILHOU
ESTUDE NO
CAMPUS
TECH
VISION
Tecnologia
dos seus
serviços

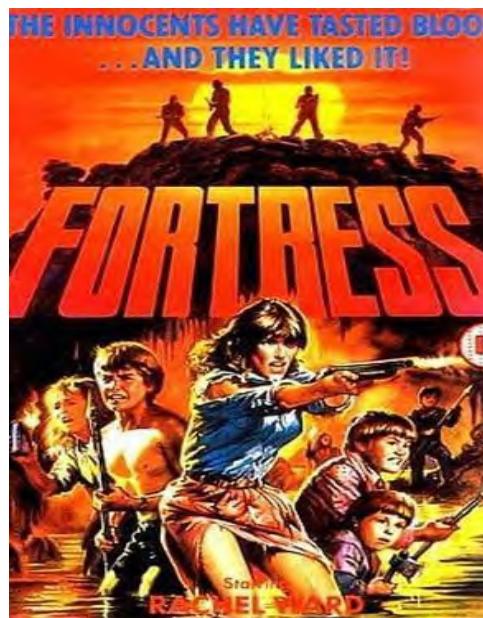
PROMOÇÃO

segundo par de multifocal
é ~~GRÁTIS!~~

optica.techvision.com.br
Tapete do Futuro
Linha multiuso ideal para o uso em cozinhas, quartos de crianças, banheiros, clubes, praias, piscinas e muitas outras opções.



A fortaleza



A imagem era de algumas crianças que passavam por baixo d'água em uma caverna, guiados por um adulto que, pelo modo de lidar, falar e agir, só podia ser uma professora. Era só essa imprecisão que eu tinha, e passei muito tempo cultivando-a, de modo que o filme todo se restringia a uma cena sem contexto. Menos que evocar uma narrativa, ela me levava para um outro momento, de certa inocência, de alguém que não conseguia apreender o que estava acontecendo no todo, como artifício de evocação, algo em que se agarrar de um momento que já se foi, que não volta. Fiquei muito tempo às voltas com essa imagem, e foi tentando dar circunstância a ela que procurei o tal filme esses tempos, acho que pelo caráter educativo que ele remetia: “professora passa por baixo d’água com alunos – filme”, foi como procurei no google. Uma turma (que não é um bando de crianças) e uma professora (que não é uma adulta qualquer) vivendo uma situação inusitada. Muito tempo levou para que eu achasse *A Fortaleza* (1986), em uma versão dublada, exatamente igual a que eu via quando criança, agora em outro contexto, e mais: nisso de procurar por um resquício de uma sensação encarnada na cena, acabei descobrindo uma série de pessoas que partilhavam a mesma memória sobre a mesma cena, como um pacto secreto que paira sobre aqueles que viam esse filme em alguma noite da semana no SBT, em meados dos anos noventa, e que não tinham idade suficiente para entender o que se passava. Creio que para nós, que firmamos sem firmar esse pacto, as lembranças desse tempo são assim como essa cena, partes esparsas, sem contexto,

recortes imprecisos da vida feita de cacos. “Lembro daquela vez que...” e pouco importa se a lembrança condiz com o fato, se a cena extrapolou o quadro, se a fabula se fez carne.

É comum a filmes que tratam de contextos escolares, ou que tenham algo de “educativo”, serem evocados para pensar as dificuldades da educação, ou para valorizar ou criticar o papel do professor, ou ainda, incentivar a atuação docente de forma mais engajada, criativa, potencializadora. Assim essa figura professoral é tomada como alguém que, apesar de todos os reveses, consegue fazer com que seus alunos desenvolvam o potencial latente que há em cada um, ou que aproveitem a vida, ou que superem a diversidade, ou que sigam seus sonhos, ou que enfrentem desafios, ou que vejam o mundo de outra forma etc.²⁶. Quando não mostrados de forma caricata, repressiva, triste e desanimada, como síntese do próprio aparato educacional que encarnam, tal imagem dos professores é dotada desse caráter único, como sujeito que enfrenta todas as adversidades em prol de uma meta, de um objetivo, em prol de sua turma e de cada um de seus alunos. Não é incomum ver assim que o que enaltece tais aspectos é justamente esse antagonismo que a narrativa em geral usa de artifício: quando o professor é alguém motivador, transformador, engajado, a escola é repressiva, desgastante, sem graça, às vezes sintetizada no corpo docente (que formam uma uniformidade sem contexto e singularidade), às vezes em um diretor-gestor-ditador. No meio disso, há esse professor, esse sujeito (como um trovador solitário) que coloca todo aparato em xeque, que diz que é possível, se esmera, se supera, se desdobra para conhecer cada aluno na sua particularidade, no seu contexto, e, por sua prática, contesta e transforma tudo que toca. O fim é quase sempre o mesmo, animador, promissor e encorajador. Quando contrário, se há falta de êxito, o revés enaltasse a tentativa pelo drama e choramos no fim, e atravessar toda adversidade passa a ser atribuído, assim, ao quanto cada um se supera, se liberta, se potencializa. Exemplos disso não faltam.

Volto à cena em questão. Ela se dá cerca de meia hora depois de iniciado o filme e marca uma transição alegórica importante dentro da narrativa. O enredo não poderia ser mais incomum: uma turma de alunos e sua professora são sequestrados de forma abrupta por quatro homens com máscaras, um pato, um rato, um gato, e o certamente mais

²⁶ Há uma infinidade de listas com filmes nessa temática que começam com: Dez filmes sobre educação que todo professor deveria ver, ou para motivar sua atuação docente, ou que ajudam a repensar a educação, ou que inspiram atitudes... Uma ou outra cena deles é recortada, agrupada, onde uma música toca, todos estão muito emocionados, e há um discurso, uma pose, uma imagem, não se fica impassível depois delas, depois delas me transformo pois fui tocado, não sou mais o mesmo, ela é trampolim do meu agir. Para uma lista interessante cf.: <https://www.revistaprosaversoarte.com/25-filmes-para-pensar-e-repensar-a-educacao/>

violento e sádico, Papai Noel (só o vemos sem máscara no fim do filme). Sem motivo aparente, a não ser o dinheiro (de quem, para quê, quem são eles, nunca se sabe), sem dar mais contexto, são levados a uma caverna no interior de uma montanha, e lá ficam algum tempo até escaparem por baixo da água. O desfecho, a despeito de uma ou outra cena de moderada violência até então, poderia ser esse, e seguiríamos pensando na adversidade, na caverna como metáfora da transição para a fase adulta, a água que marca o fim da pureza, da inocência. A imagem da professora com pouca roupa, atravessando submersa aluno por aluno, até quase se afogar e deixar essa tarefa na incumbência de um aluno mais velho, nos aponta para isso. É preciso que ela deixe algo ali, nem que seja o medo de não completar a jornada, de deixá-los sozinhos. Certamente, isso não estaria nada mal, e a presunção seria correta, e poderíamos ter uma turma de uma pequena escola australiana de volta a vida transformados depois de um pequeno trauma; poderíamos até seguir um pouco com cada um, os reflexos do acontecido, e, no fim do filme, os anos passam e vemos os alunos reunidos no enterro da velha professora contando histórias sobre sua façanha destemida e pedagógica, mas não, ele não segue nessa linha.

Seguimos até então de uma situação escolar, turma pequena, de variadas idades, e vemos elas serem tiradas de forma violenta da sala, levadas em um veículo por homens sem rosto, sem identidade nem nome. Estão todos com medo, há armas apontadas, há piadas sexuais, tensão, incerteza. Aí a professora tenta começar uma canção, ela é cortada. A tensão aumenta, o tema musical toca, vários planos, rostos chorosos, alunos pedem para fazer xixi, ela pede para parar, o carro para: “meninas para um lado, meninos para outro”, ela diz e organiza. Essa sua postura, mantém em cada ato a sala que deixou para trás, nunca deixa de ser professora, e aquela nunca deixa de ser uma turma, pois assim ela os mantém e rege. Todos os atos dela são pedagógicos, há sempre o que aprender de cada situação, e isso se repete e se intensifica ao longo do filme: a entrada em fila organizada na caverna, o fazer o fogo para iluminar, o marcar o caminho por dentro das galerias subterrâneas, o submergir e atravessar a água gélida, nunca deixa de ser chamada de professora ou senhora, e isso não é um fato impositivo, mas tácito, fundamental para a própria sobrevivência.

Continuamos, a passagem marcante da caverna desvela nossos personagens, menos inocentes agora, nós e eles. A turma segue como turma, algumas canções, a estrutura escolar se mantém. Quando o filme aponta a volta à normalidade, à segurança, eis que se deparam novamente com os sequestradores em uma casa. Aí, a violência aumenta, há sangue, tensão, medo, morte. Colocados novamente em situação de reféns, a

turma se junta, esse elo se intensifica, e, por um instante, os vemos confabulando uma forma de reação. Um sequestrador é morto, uma criança toma um tiro. Isso é a virada, o ponto sem volta, o que ficou para trás não mais retorna, são capazes de reagir agora, sua sobrevivência e coesão os tornam mais fortes, e mesmo nesse instante o escolar aparece.

Eles fogem e são perseguidos, há tiros, horror, medo outra vez. Encontram uma caverna, mas agora são outros, portanto ela não pode ser um buraco subterrâneo, um esconderijo ou um cárcere, mais uma estrutura de pedra em um aclive, grande, forte, que eles transformam na sua própria fortaleza, no arcabouço que os protege e os edifica, os mantêm inabaláveis. Cansados do medo, do pavor, de sua condição submissa, eles traçam estratégias de resistência, a professora guia-os outra vez, armadilhas são montadas, afiam lanças como se apontassem lápis, mas isso não basta, é preciso deixar-se habitar por esse lado gutural, animal, selvagem, que urra, canta e dança em volta em de uma fogueira onde queima o resto espicaçado da máscara de um dos algozes. A educação, aqui, não é mais aquela que eleva, da razão, do conhecimento como libertadora do homem, civilizatória, cada vez mais distante desse estado “natural”, animalesco, primitivo, pelo contrário, o reconhece e se aproxima dele, faz ele aflorar. “Vamos lutar contra eles porque somos a maioria”, esbraveja a professora, fazendo emergir uma certa “didática da violência”.

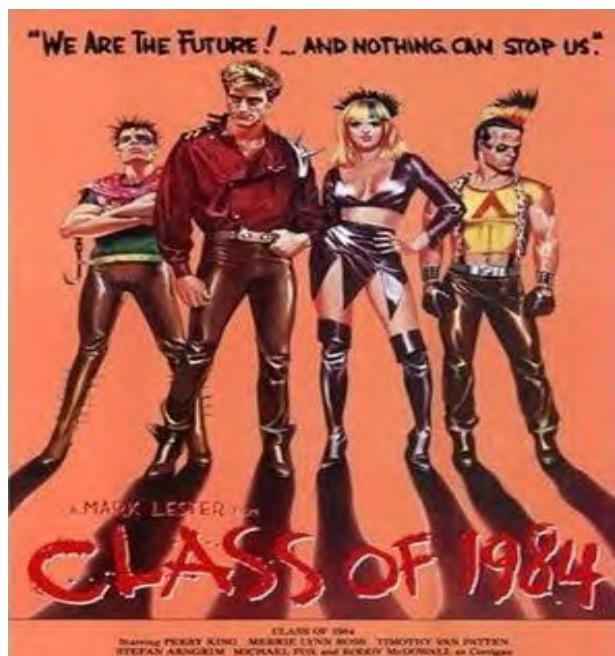
Assistindo uma outra vez, nos damos conta que o filme nos preparou para isso, deixou rastro desde o começo: um menino caça uma raposa na abertura, leva seu corpo morto, a professora que acorda assustada com o som de um tiro, planos de animais empalhados, comentários específicos em algum diálogo, a atitude dos sequestradores, a música, detalhes da narrativa que vão nos ajudando a construir, assimilar e até desejar o que está se ensaiando. Assim, o inesperado e brutal do desfecho só nos choca pois são crianças, se fossem adultos quem sabe até torceríamos para que isso ocorresse, numa cumplicidade que pouco se admite.

É nesse contexto, e só nesse contexto, que vemos pela primeira e única vez o rosto desses homens (caras normais, assustadas e perversas). Antes, eles eram um inimigo sem face, como muitos os tem por aí com nome genérico, alcunha ou carregam nominalmente a estrutura institucional que ajudam a formar e manter (assim Papai Noel seria o símbolo máximo e perverso do consumo capitalista que transforma e objetifica a infância, e sua morte seria a própria morte simbólica do que ele representa). Despersonalizados, são todos e são ninguém, assim podem nos passar a sensação de que o que se combate é algo muito maior que nosso próprio nariz. Um murro no ar não faz vendaval. Só nessa hora, e justamente nessa hora, quando a turma muda de postura, quando ela contra-ataca,

combate, e tem ciência de sua própria condição, é que se dá a ver contra quem combate, contra quem se rebela, a desvelar, como se por dizer que são só homens ali.

Eles lutam, coisas saem do controle, um sequestrador acaba caindo na armadilha, e é morto empalado. O outro, o mais terrível, entra em cena furioso, descontrolado e adentra na fortaleza com arma em punho e tropeça. Há um clarão e a cena corta. Agora, estamos de volta em uma típica cena escolar, alunos envolta da professora que conta uma história sobre caça, alguém que guarda os restos da presa como troféu. “Nós também temos nosso troféu”, todos riem. Chegam dois investigadores, inquirem a professora sobre o que aconteceu, sobre a não possibilidade de uma animal ter feito tamanho estrago a um corpo de um homem. Aos poucos os alunos se juntam e os cercam de lança nas mãos, as mesmas que usaram para matar e retirar o coração do último homem, que agora boia como troféu em um pote sobre a mesa de estudos de ciência, último plano do filme.

Donos do amanhã



*Take a look at my face
 I am the future
 Now, how do you like what you see?
 Take a look at my face
 I belong to the future
 And the world it belongs to me
 It belongs to me*

I am the future – Alice Cooper

É fato comum colocar a juventude, aqueles que vêm ao mundo, como detentores, e por vezes responsáveis por mudar o futuro. Esse tipo de colocação perpassa os mais diversos discursos, sai das mais variadas bocas, pode até escamotear-se, fazer contornos mil para desdizer o dito, mas, no fundo, e não tanto assim, hora ou outra ele submerge. Relegamos, com autonomia ou autoridade, essa incumbência, ou fardo, ou prestígio, a responsabilidade, ou a glória, ou... mas no fim o que se deseja é que difiram de nós, ou se espelhem em nós, mesmo que for para borrar a imagem tosca que fazemos de nós mesmos, ou deles, tudo o que fomos ou tudo que poderíamos ter sido, mas não deu tempo. Resta a eles serem o que quisermos que eles sejam, ou serem o que quiserem ser, desde que não destruam o mundo como nós, sendo esse nós sempre genérico, portanto, irresponsável. Nós que tudo podíamos, que tudo tentamos para mudar, e que ainda tentamos, mas, a despeito de nós, e no contar da nossa hora, o mundo morre um pouco, segundo a segundo, no passatempo que compõem nossa existência. Resta então à juventude, esses que ainda não chegam a ser adultos, seja lá o que isso queira dizer, e que também não são mais crianças, o papel de olhar o mundo, conhecer o mundo através de nossa voz, de nossas ações, ou da parcela do mundo que queiramos mostrar, tomar ele nas costas e empurrar pouco mais acima do estágio em que nos encontramos.

Mesmo antes de nascer, já em cada embrião, essa tarefa aparece, a mãe no colo olhar choroso e maternal: “és o futuro do mundo”; o pai, voz firme regimental o levanta aos céus: “eis de dar seguimento a nossa linhagem”. E assim, ele há de existir e dar prosseguimento à existência da estirpe a que pertence. Para isso é voltado quase todos nossos esforços, dar condições mínimas para que isso aconteça, preservar o indivíduo para que ele possa perpetuar a vida humana que germe dentro dele. Em geral, é essa a finalidade da educação, nisso se funda, na esperança, na crença e na justificativa de que tudo o que se faça, a despeito do que se faça, se faz em prol de algum futuro, de algo que vai vir a ser, que será melhor, sempre maior que nós, a despeito de nós, se não, se não... Dotar as crianças de saberes, competências, ferramentas e todo o entulho que se amontoa, que já não há mais tapete sob o qual varrer, para que possam, quando chegar a sua vez e sua hora de se tornarem a imagem do adulto que nunca serão, tomar o mundo nas mãos, e mudá-lo, transformá-lo, naquilo que almejamos, projetamos, sempre melhor que hoje, seja hoje qual dia for. Essa é nossa aposta, botamos fé de que, através da juventude, como marca da renovação do mundo...

Mas não é assim em *Class 1984*, ou com o título em português bem mais irônico e certeiro, “Donos do Amanhã”, filme de 1982, de onde tiro o trecho da canção que abre esse texto. “Olhe bem para minha cara, eu sou o futuro. Então, o que você vê?”, diz o refrão da música tema do filme, e ao fundo vemos a imagem de um professor saindo de casa e indo para a escola no seu primeiro dia de aula. Assim somos apresentados ao filme, à sua temática, a ironia que contém, preserva, e escancara o tempo todo, com mais ou menos violência (ou realidade estereotipada) que são marcas de sua produção.

O enredo mantém e alastra a premissa de tantos outros filmes ambientados em escola. Desestrutura, desalento e violência exacerbada. Como muitos, a própria imagem da escola como lugar onde germina os adultos de amanhã, e o comportamento adolescente é reflexo da própria sociedade que os envolve, na mistura da confusão que é própria dessa idade. Nada funciona, há delinquência, abandono, desesperança, se está sempre no agora, pois o futuro que sou, que pronuncio, mas renego, é fardo pesado que carrego. Posso tudo (ou nada posso) e isso me assombra, me oprime, relego a chave do amanhã da qual sou dono como herança maldita, me abrigo no que sou hoje, faço vívido cada dia, intensamente louco, abandono a esperança que depositam em mim, sem futuro, sem futuro, sem futuro...

Chega um professor, *Mr. Norris*, geralmente alguém de fora, alguém fora do jogo, que ainda não está cansado, não sucumbiu ainda à mesma desesperança e desalento de muitos alunos, da própria sociedade de que faz parte e ajuda a construir, a seu modo, educando aqueles que um dia contribuirão mais um pouco para sua ruína, uma pá de cal sobre o aterro onde festejam. Um professor desses que ainda se importam, e para todos os efeitos, contra todos os efeitos, preserva em si uma força sem nome, uma vontade latente, uma motivação sem motivo. Essa força o move, ele ainda pode fazer algo, ainda enxerga o potencial em cada um, ainda crê, no que não se sabe bem. Ele passa o filme todo mantendo sua fé, e, até no fim, faz o que faz, menos para proteger sua mulher grávida (e por isso germe do futuro dentro de si), raptada e violentada pela gangue de alunos com o qual o professor rivaliza para reger a orquestra que é sua função, mas para fazer manter a base estrutural na qual funda a esperança que professa. É nesse momento, o do desfecho, em que ele sucumbiu ao último ato violento ao qual resistiu até o fim, corpo ensanguentado e mãos no rosto da vergonha, sobe um letreiro explicativo para dizer que nada iria lhe acontecer, que do que vimos e somos testemunhas não há prova que o incrimine, só meia dúzia de corpos daqueles que eram o futuro, mas o renegavam. Prova da estrutura que não funciona e não funcionou diversas vezes durante o filme (a escola, a

polícia, a família, que não foram capazes de conter a violência desmedida de um certo aluno-algoz-vilão) e, como final, por ironia, também o mantém livre, safo, a continuar professando, já não se sabe para quem, a fé na mudança que nunca chegará.

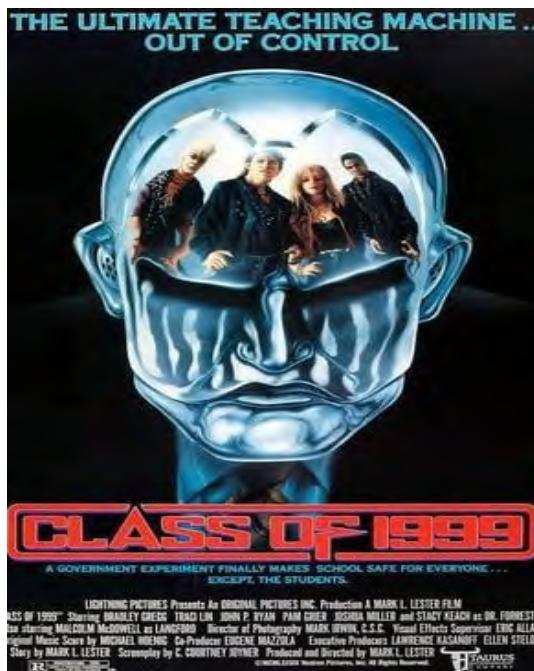
Em resumo o filme trata da relação de um novo professor de música em uma escola (decadente, delinquente e desajustada) com um grupo de alunos também decadentes, delinquentes e desajustados (encarnados numa “gangue” de cinco alunos *punks*). No início, ele tenta se fazer respeitar diante da invasão de sua aula e os constantes atos de desrespeito e violência, primeiro usando certa autoridade a ele incumbida, depois apela para a autoridade da escola, da polícia, da família, mas nada funciona. Pouco a pouco, vemos a escalada da violência contra ele e contra todos, até culminar num final trágico, em que, ao som da orquestra da escola, que com muito afinco o professor consegue organizar, o assistimos matar, cada um a seu tempo, e de forma impactante, os alunos que formavam uma gangue dentro da escola, e que sequestraram, violentaram e torturaram sua esposa, entre outros crimes.

Dito desse modo, o filme até soa estranho e superficial, porém creio que o que está em jogo no filme extrapola aquilo que ele aparenta, a violência dos jovens, a não adequação, a irresponsabilidade em face da educação, da civilidade, e da responsabilidade institucional. O que está em jogo, e uma das chaves para olhar para ele, é a rivalidade que se estabelece entre o professor *Norris* (como essa figura que crê nos jovens, crê na educação, crê no futuro de cada um) e aquele que figura como “líder” hostil da “gangue” de alunos, *Peter* (a própria imagem da descrença no futuro, da desilusão juvenil). Há uma cena em que, na aula de música, *Peter*, para surpresa de todos, começa a tocar de forma habilidosa um piano, como se para mostrar que também podia, que se insistissem nele, se olhassem para ele, ele poderia tudo, corresponderia a todos os anseios, todo desejo que depositam em seu futuro, como se esperansassem nele todo o luzir de um fim de túnel que nos guia e ofusca, e que ele nega. Repetidas vezes *Peter* diz ao professor como provocação, “*I am the future, I am the future, I am the future*” (eu sou o futuro), e repetidas vezes o professor se recusa a encará-lo como se recusando a crer que todo o seu esforço, tudo isso que o move, o resultado de tudo que produz, seja encarnado nessa figura, futuro sem futuro do mundo, que ele renega, mas sabe, é também produto e reage ao mundo que o gestou.

Nesse caminho, senão pessoalizarmos o embate e formos além, poderíamos seguir e pensar que a morte desses alunos “problema” é ao mesmo tempo triunfo e ruína da educação. Triunfo, pois a sua eliminação é a segurança da continuação, sem embate, da

outra; ruína, pois negou aquele que preservou em si a barbárie mundana de que é produto, e, recusando a educação que lhe era oferecida ou imposta, escancara sua falha. Como em uma das últimas cenas, em que, depois de lutar com *Norris*, *Peter* fica pendurado em uma espécie da claraboia, ainda ali há salvação, ele suplica a ajuda, *Norris* reluta, mas estende a mão da esperança, da salvação, da redenção; eis que *Peter* mesmo pendurado puxa uma faca e sorri desferindo um golpe que faz *Norris* soltar sua mão, e ele cai para a morte explícita, enforcado em frente a orquestra que tocava no auditório para toda a escola. “(se) eduque ou morra tentando”.

Guerra dos donos do Amanhã



A passagem de 1984 a 1990, anos que separam o filme de seu sucessor, reflete a mudança que ocorreu em pouquíssimo tempo no cenário mundial (basta lembrar dos acontecimentos marcantes desse período). Ela engloba as apostas em uma nova década, última que fecha o século que mudou a face do mundo de forma tão abrupta, que em nenhum outro período histórico haveria de o ter feito. Época que salda o fim do milênio como possibilidade de recontar do zero outra vez, e renovar-se. Em que pese, podemos olhar para o passado, expurgá-lo ou extraí-lo como petróleo, seiva viscosa que a tudo faz mover, que verte da entranya da Terra e pulsa em cada oleoduto como se fossem as veias artificiais do mundo que da queima faz combustível para a propulsão de si que empreende. E o futuro fez-se futuro muito depressa, e tão logo começamos a contá-lo do zero outra

vez, deus passou de um grande aparato de ferro e aço, engrenagem engraxada de uma maquinaria complexa e robusta, para uma sequência alternada de um código binário, dentro de um pequeno dispositivo móvel na mão ansiosa de um adolescente de quinze anos.

Não à toa, *Class 1999*, lançado no início dos anos noventa, diferente de seu antecessor que acentuava e exagerava situações de violência para dar atenção ao que acontecia no presente (a tensão entre gerações no presente, os problemas da educação e da escola no presente) se situa num ponto mais distante. Aqui a narrativa se desloca para beirada do milênio, como se olhasse para frente, não com esperança, mas com a mesma ironia dantes, saudando o novo com um escárnio que percorre o fosso sem fundo de nossos desejos premonitórios pelo que há de vir. É, portanto, jogando com essa temática, que se espelhava em outros filmes da época, que *Class 1999* começa. Dessa vez, a violência que antes ainda conseguia ser contida de certa maneira na escola, naquela autoridade e na crença e promessa de que a instituição escolar, a educação e o estudar ainda tinham perspectiva; agora, como jogada para o futuro, ela é exagerada a tal ponto que o filme começa nos alertando. O alerta e premissa inicial é de que uma onda de violência exacerbada ao longo do país, onde “gangues” juvenis, agora armadas e organizadas, disputam espaço e rivalizam. Assim, a escola (uma escola específica onde se passa o filme) seria então um ambiente coabitado por esses jovens, dentro de uma zona de “tiro livre” e sem lei, e, portanto, incontrolável (apesar dos aparatos de vigilância e contenção), e a indisciplina gerada é atestado de incapacidade em lidar com o que já não tem mais controle, e, portanto, é nisso que se fia como último recurso: salvar o futuro desses jovens através da educação.

É com essa premissa que o “Dep. de Defesa da Educação” cria um programa em parceria com uma empresa de tecnologia e robótica para educar e disciplinar os jovens, usando para isso robôs que foram programados inicialmente para uso militar. A cena segue com uma grande mesa em um escritório, e ouvimos o discurso do cientista responsável pela empresa, *Dr. Bob Forrest*, juntamente com a entrada de três professores-robô com aparência humanoide. Diz o doutor:

Senhoras e senhores. Sei que quando pediram a Megatech para ajudar com seu problema, não foi uma decisão fácil. Vocês são, afinal de contas, educadores. Nós somos especialistas em automação e robótica. À primeira vista, campos não exatamente compatíveis. Mas a situação atual em nossas escolas de ensino médio exige medidas incomuns. Conheça o orgulho da Megatech. É um grupo tão bom de educadores como você encontrará em qualquer lugar do mundo. Acho que vocês poderiam chamar-lhes super

professores. Estas unidades de ensino tático criadas artificialmente foram minuciosamente programadas em química, matemática e educação física. E vêm equipados com hardware t-6 para lidar com problemas de disciplina (LESTER, 1990, Transcrição).

O filme segue um jovem recém-liberto da prisão, que confrontará e será protagonista dos acontecimentos que se desenrolam. Ele volta, mas não quer mais voltar para aquela vida, liderar um grupo decadente de adolescentes, não quer voltar para a prisão, seguir uma vida sem futuro. Ele até tenta estudar, fazer o “certo”, mas, a despeito de tudo, acabada enredado no seu passado, tendo novamente que enfrentar os mesmos problemas de outrora, a violência à qual é submetido e da qual faz parte, a falta de perspectiva que é levado a ter por não se reeducar, por sua etnia, sua origem, a morte prematura de diversos amigos.

No desenrolar da narrativa, em uma ou outra cena, vemos como atuam esses professores máquina, programados inicialmente para guerra. É assim que eles encaram cada situação de desrespeito, de violência: seu programa aparece em tela e vemos que há escolhas pré-programadas, educar ou disciplinar, castigos físicos ou outras punições. Aos poucos essa programação para o combate vai prevalecendo, e vamos percebendo o plano de fundo, que nunca deixaram de ser máquinas militares, e que, nessa circunstância, há pouca distância entre seus atos de guerra e os atos pedagógicos para o qual foram inicialmente reprogramados. O desfecho do filme segue nessa linha, com aumento escalonado da violência, até que, por fim, há uma articulação entre membros rivais, e na escola, um a um, os mesmos jovens que eram submetidos ao disciplinamento, acabam destruindo um a um, aqueles que foram construídos para os educar ou erradicar.

O enredo, apesar de simplório, aponta o oposto. Já não há uma força motriz que anima um professor a educar, uma perspectiva futura na educação como projeto emancipador ou que de alguma forma garantiria uma “melhora de vida” na vida de cada um, aqui a descrença é absoluta e assumida. Último respiro da instituição escola enquanto aparato disciplinar, de fazê-la funcionar a todo custo em meio a decadência, onde não há mais garantias de nada, e tudo aquilo que um dia sustentou seu propósito evaporou, a educação recorre à técnica, a informática, um grande aparelho de fios, aço e “mil bites”, glória à mecatrônica pedagogia. Na sua ironia premonitória, em parte, o filme é assertivo, e a passagem pós milênio mostra, de uma forma ou de outra, que a simbiose entre educação e tecnologia informacional (ou *automação e robótica*) é tendência crescente e aposta tão sólida como as soldas de um *microchip* ou os circuitos de uma placa (dos aparelhos gameficados a aprendizagem das máquinas, personalização do ensino por

dados a inteligência artificial), *Megatech* poderia ser bem um nome para uma das diversas *startups* que hoje atuam na mesma linha. Na cena que segue o discurso do *Dr. Forrest*, vemos alguém desconfiar da artificialidade robótica das máquinas, tão professorais que são, que sorriem e abrem seu rosto revelando os circuitos eletrônicos de que são feitas.

Todavia, o que o filme pouco consegue prever, e que erra ao tornar objetivo primeiro das máquinas pedagógicas, é que garantir a educação a todo custo, como perpetuação institucional da escola, na forma de disciplina, através da coerção, vigilância e violência punitiva é de pouco efetivo. Detectores de metal, câmeras de vigilância, grades divisórias, professores programados para educar equipados com cem mil armas de combate, ou as mais sutis e conhecidas formas que compõem e perfazem a escola em sua estrutura (hierarquização, enfileiramento, aprisionamento do corpo, regramento da vontade etc.), todas elas exploradas de alguma forma no filme, mas nada disso impede o desfecho, e a última cena é a de um casal de jovens (como Adão e Eva escapando de um Éden destruído) saindo de uma escola praticamente destruída pela guerra travada pela posse do amanhã.

O que o filme não consegue alcançar é que a velha imagem da educação (aqui encarnada em escolarização) já não é essa da maquinaria que consome gente, que esmaga e molda, esta já faz pouco sentido, não que tenha deixado de existir, mas ficou mais enxuta, como os aparelhos e formas de controle²⁷, agora ela é mínima, *clean*, funcional, personalizada e homeopática... Já pouco se fala em indisciplina (apesar de ela existir), mas, sim, de desinteresse, e a indiferença não se combate com coerção, mas com sedução, convite para tomar parte, participação que engabela, afago enquanto encilho. (*Só atento ao que me fisga, ao que me identifico, o que cabe no escopo do meu interesse*). Por isso as máquinas falham (se tomarmos realmente que o objetivo primeiro delas fosse o de educar/disciplinar) pois não souberam atender a atenção, o afeto, e os gostos particulares de cada um, do seu projeto de vida, das suas aptidões, do tornar-se o “*si mesmo*” que lateja dentro de nós. Assim, ao contrário do primeiro filme, quando são os jovens rebeldes que morrem na mão do professor, declaração vitoriosa da escola em uma luta velada pelo controle do futuro, aqui, na guerra declarada desde o título, quem “vence” é justamente aqueles que outrora foram derrotados. É essa a força do novo e incontrolável, rebelde e anárquica, manifesta nos atos de violência decadente e incrédula de uma juventude sem futuro, como resposta ou reação não à escola, à autoridade da escola, à rigidez da escola,

²⁷ Cf. DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: **Conversações**. Trad. de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

mas às promessas que ela já não pode cumprir, ao futuro que ela fez vislumbrar como fábula e cuja moral, num rompante, agora se perverte.

Lhe adivinhara o desejo. Incrédula passou na frente e ele estava lá, o sonho de ontem. Outro dia, teve a impressão de que isso se repetira, outro sonho que aparece no dia seguinte, envidraçado. Achou coincidência repetida, acaso desmedido, destino incauto. Fez que nem deu bola noutro dia. Passou correndo para não olhar, desviou o caminho para não ver, olhos fecha para não capturarem a mirada. Mas aquele o aparecia em pensamento, invadia, lhe sugava o querer. Consternada, indagou a outros: ta vendo? Me persegue. A chamaram de louca, desvairada, descabida. Fez guarda na frente, botou cadeira, olhou o quanto pode. Se a enxotavam de lá, ela voltava, davam coça, ela voltava, por fim se acostumaram a ela, deram utilidade a ela, desde que não impedisse a vista dos passantes. Tinha que provar, provar que não estava errada, que o desejo toma forma na vitrine. Tinha que ver, ver acontecendo, o momento exato da mudança, da captura. Nada a abalava, não pregava o olho, não se movia. O olho preso ali, toda exibida, emoldurada, alumiada que ficava. Pombos vinham ciscar perto. Cachorros vinham fazer xixi. Mendigos ergueram envolta sua morada. Atribuíram-na milagre. Fez-se altar para a santa prostrada. Criou musgo, cresceu raiz. Impávida, o olho fito no fiteiro. Esqueceram dela, judiaram dela, fizeram pouco caso de sua lastima. Ninguém viu ela se levantar. Especularam cansaço da retina, talvez tenha sido o sol, disseram, o a levaram para internar, ou talvez lhe tenha cessado a cisma. O que ninguém supunha, era que, refratária, tinha dado com o seu reflexo espelhado, visto que se tornara e o que dela fizeram, e assim pode tirar os olhos de lá, e ver atrás de si uma pedra que se desprendera da calçada. Mão, pedra, vitrine: triangulo amoroso.



Bate, byte ou bipa



“O celular por exemplo.... Ele é um... uma ferramenta, é uma presença, é um amigo, um companheiro ali. Que não adianta você dizer ali “tem que desligar, pah!”. Não! Tem que usar isso, tem que incluir isso, como esse tipo de comunicação, de torpedo. Sabe? Como uma maneira de, não sei.... tem que surpreender, acho que o jovem tem que sofrer um assalto, tem que ser surpreendido, com esse material que tá perto dele.” (EDUCAÇÃO.DOC, 2014, transcrição)

De súbito, sem saber, pela empunhadura das mãos, Camila inaugurou em mim a certeza de quem sabe um dia, nos transformaremos em ciborgues. Afeita a arte do gesto, de mimetizar as palavras no próprio corpo e a capacidade de se transmutar em qualquer coisa, Camila materializa algo onde não vemos nada. Segura como se ali existisse um objeto fantasma, traz a presença isso que parece faltar, como um pedaço arrancado do corpo a pouco tempo, ou algo cujo contorno já se dissolveu, e agora, encarnado feito implante, vibra invisível na palma da mão, que o deseja, que se molda para envolver esse corpo já não mais estranho, cujo a presença é puro espírito.

Concatenação de partes orgânicas e sintéticas num corpo, imbricação e tensionamento do natural e do artificial, o ciborgue, diferente das outras imagens alusivas, (não é nem o robô, inteireza maquinica por excelêancia, cuja forma varia a depender da função, nem do Androide, esse que se assemelha a imagem do homem), talvez seja o que melhor expressa essa a fusão homem-máquina e as discussões a ele subjacente. Não é nem a máquina externa, criado com função específica, para substituir ou alienar o homem de certos trabalhos, nem tão pouco a criatura a sua imagem, esqueleto de metal sob a derme que simula a aparênciea. Toda a discussão entorno das similitudes e diferenças, essa linha que traça a circunferênciea do que é humano ou não é, manifesta no pensamento Androide (em geral suas principais angústias giram entorno de se saber, se perceber e se

aceitar maquina, criatura que quer se assemelhar ao seu criador, ou supera-lo, ou ser aceita por ele), e também na questão robô (que sendo senciente acaba por pensar-se, tentar-se liberar, saber-se superior, conquistar, deixar de servir etc.) se desloca para outro campo. Aqui, o que se coloca em jogo é a internalização da máquina, pequenos fragmentos sintéticos que compõem a organicidade do corpo, como extensão, melhora, aprimoramento, ajuste. Aqui se fala em termos de implantes, próteses, alongamentos, de todo forma, é quase sempre algo externo a mim que chega, e que compõem (ou assume) o corpo biônico que agora sou.

Passamos, assim, de um regime disciplinar a um regime de controle. No primeiro caso, a máquina se constituiu diante do corpo e da mente humana, era externa em relação ao corpo que permanecia corpo pré-técnico. Por isso, o corpo-mente devia ser regulado normativa, legal e institucionalmente, para, em seguida, ser submetido ao ritmo das máquinas concatenadas. No segundo caso, o que se nos apresenta hoje, a máquina não está mais diante, e sim dentro do corpo, dentro da mente, e os corpos não podem se relacionar nem a mente se expressar sem o suporte técnico da máquina biopolítica. Por isso, não é mais necessário o trabalho de disciplinamento político, legislativo, violento e repressivo. O controle se dá inteiramente a partir da própria máquina interna. A máquina se torna cada vez menor, torna-se dispositivo miniaturizado, nanotecnologia. É constituída por corpúsculos bioquímicos capazes de modificar o estado do organismo e do humor. A máquina se faz signo, relação, linguagem que modela seus falantes. Abole o espaço, torna obsoleto o automóvel porque o espaço é suprimido em uma temporalidade instantânea e deslocalizada (BIFO, 2019, p. 16 -17)

Um homem perde sua amada e tenta trazê-la a vida, seu corpo é parte é em parte o que era e parte outra coisa, outra coisa sem nome. O que segue é a conurbação dessas partes, o conflito entre aquilo que fui e aquilo que agora sou, se aceito ou se me aceitam é outra história; Outro que está à beira da morte, aceita ser submetido a um procedimento, sobrevivendo, aos poucos vê sua parte máquina tomar conta, adquire assim capacidade que antes não tinha, primeiro isso o assusta, depois ele aceita, e assim torna-se outra coisa, pouco importa o que; Outro, paratleta, as próteses das pernas desenhadas de forma aerodinâmica, feitas de carbono, corre por isso mais rápido que todos os outros; Outro, o coração, ou o pulmão digamos, para de funcionar, se substitui por outro artificial, isso o mantém vivo, mesmo se passar pela veia ou pelo tubo, ainda assim, o sangue ou o ar circula normalmente.

Muitas questões que envolvem a discussão acerca desse assunto, seja fundamentada no plano teórico ou aquelas propostas pela ficção científica, esbarram no dilema do humano, do que constitui o humano (que são, de uma forma ou de outra, algumas que a educação se vê pensando). As questões apresentadas pelas criaturas que

emulam essa famosa metáfora entre criador e criatura (ou educando e educador, ou pai e filho, ou mestre aprendiz, ou professor e aluno, ou...) em demasia aquelas apresentadas pela literatura ou o cinema, vão nesse sentido, de se questionar, espelhar, repelir, abominar aquele ou aquilo que a o gerou. No fim, o parâmetro fundamental ainda é o homem, e a humanidade a ele subjacente. O que define, aflige, perpassa tal assunto, é questionar até onde vai nossas diferenças (que também é uma forma de agrupar aquele irreconhecido que nos iguala) e o que realmente é isso que nos separa, ou o que é único e exclusivo de nossa espécie, não replicado por nenhum replicante (como em *Blade Runner* de 1982), nenhum aparato, nenhum dispositivo. Em geral aí se usa parâmetros muito subjetivos, moralizantes ou abstratos, que podem ser desdobrados em uma gama grande de coisas: cultura, arte, o amor, a compaixão, a finitude, o arbítrio, o erro, a procriação, a educação etc. para tentar dizer que esses são limites da máquina, e o que se tenta, ao passo da evolução tecnológica, é fazer cair cada uma dessas divisas²⁸.

Temos por um lado a máquina biónica, essa quer ser humana, que deseja ser humana, que procura traços de humanidade²⁹ dentro de si, ou os desenvolve, ou os aprende (como em *Homem Bicentenário* de 1999 ou *A.I* de 2001); há também aquela que repele o humano, que está em busca de seu traço maquínico, que deseja ser máquina, e abomina a organicidade que ainda a mantém como indícios das fragilidades e defeitos de seu lado humano que ela tenta desarraigar, e contra ele se revolta. Então há o homem, que deseja manter-se humano (aquele que difere do animal primitivo de origem), que roga a humanidade como fator de coesão, e que, portanto, difere e lhe concede algum status (*os filhos de deus recebem de herança a prepotência, e aos rejeitados, a mesma indiferença daquela divina paternidade não assumida*). Esse abomina a máquina, a repudia por parecer-se demais com ele, por espelhar sua própria fragilidade ou por escancarar seus limites (*nem sempre é fácil se olhar o espelho*). Todavia, há no homem, ele também criatura, uma insatisfação autocontida (com pai?), uma revolta contra seus limites, contra a morte, contra a dor, contra a perda. Por isso ele quer ser mais, sua incompletude não o agrada, e ele alarga o espectro de suas capacidades as estendendo até o infinito. Se funde a máquina como se para distanciar do animal que um dia foi (podemos dizer que essa também é uma das maneiras como a educação pode ser encarada), como por dizer que é

²⁸ Para uma reportagem sobre inteligência artificial e arte cf.: <https://webjornalismo.unicap.br/inteligenciaartificial/inteligencia-artificial-e-arte/>

²⁹Digamos que aqui, nesse texto, misturo de propósito o termo humanidade, que pode ser tanto os traços que constituem o ser humano, sua essência, aquilo que o define, conjunto de seres humanos global, também as características, um tanto quanto cristãs, de benevolência, bondade, compaixão etc., essas que de alguma forma a máquina procura em si, e o ser humano desejável gostaria muito de possuir

essa sua natureza: encarnar aquela que um dia foi a extensão de seu corpo, ferramenta que alongava sua medida, e que passa, ao passo que se apequena, a internalizá-lo. O que hora foi hostil, agora é hóstia que funde o orgânico e inorgânico num só e novo ser.

Assim, de forma breve, podemos dizer que ao que parece, há o homem forjando o que é o homem, aquilo que é circunscrito ao homem, que o define, que o segregá, que o separa do que não é homem, do que não possui traço humano. Quanto mais próximo é a semelhança, mais ele rechaça, mas ele levanta barreiras para que algo não tome seu lugar, para que algo nunca o iguale, e esse, busca certa essência de si em algum lugar; há também aquele que sabendo-se homem, se reconhece homem, porém, já cansado de sê-lo limitado na sua potência, na sua ação, por essa fragilidade existencial do ser humano, sua finitude, tenta extrapolar-lo, e vai além de si, estende pela existência pós-humana que escarna, o limite daquilo que é humano, daquilo que pode ser o humano. Esse, busca certa transcendência, dissolução absoluta do si, e no exagero, uma vida como pura ubiquidade espectral (como em Matrix de 1999, Ghost in the Shell / O Fantasma do Futuro de 1995 ou Transcendence de 2014, entre outros.)

Bilionário russo quer transferir seu cérebro para computador e 'imortalizá-lo'

14 março 2016

**OS 5 PILARES
PARA VIVER EM
MÁXIMA
PERFORMANCE**

De todo modo, perpetua-se assim o parâmetro humano, a base é sempre aquilo que é humano, os traços de homem que a máquina tem ou mantém (como a boca pouco expressiva do Robocop) ou ainda, os traços de humanidade que ele apresenta, que estão guardados em algum lugar do maquinário que é seu corpo (homens que se tornaram máquinas por algum motivo tem um apego muito estranho pela família que um dia constituíram, de qualquer forma, sempre para o familiar que se volta). De toda maneira, é por uma cara que se procura. Do lado do homem, sem as preocupações da máquina, a humanidade pode tanto ser ponto de chegada (tornar-se um tipo de homem bem específico e pontuado, terreno fértil da educação) ou uma linha limítrofe de demarcação do que nego em mim, esse parâmetro absoluto que baliza e por vezes justifica nossas ações. Não é incomum ações de violência extrema, de extermínio, de absurdo ou barbárie, dessas que

chocam e revoltam, serem categorizadas como não humanas, monstruosas, pois se razão há, não a encontramos, e as justificamos ou por sério desvio (ponto fora da linha do normal) psicológico, moral, de ética, ou, e o que interessa aqui, por falta de educação, seja lá o que isso queria dizer realmente (como nos filmes que compõem o terceiro capítulo).

No que me toca, e o que quero ressaltar aqui, é a dificuldade de deixar esse ponto, de extrapolar esse ponto, e mesmo o sem nome que se transformar-se-á o homem em algum momento, mesmo isso ainda é calcado no humano, esse que conserva um tipo de humanidade bem específica. Não que seja algo simples pensar a mescla máquina-homem como algo inédito, um ser sem classificação, que habita esse intermédio da vida natural e da criação artificial, do divino e o profano... e mesmo aqui, nesse texto, ainda mantendo e perpetuo a dualidade qual aponto. Como seria pensar em termos de pura simbiose? Abandonar a semelhança símia do macaco que fomos e se fundir a simbiótica sintética da máquina que seremos? Já pouco importa distinguir se aquilo que pulsa, bate, byte ou bipa.

Abrir espaço a isso que vem, a esse novo, inominado, sem forma, que a figura do ciborgue encarna e serve como alegoria. Simbiose, como amalgama de dois corpos, composição de heterogêneos, e por isso, conflituosa, conturbada, instável, corpo em conflito, o organismo repele o aço como corpo estranho, reage a ele, cria defesas a ele, o expelle, o expulsa. A máquina se acopla, se alastra, se imbrica, testa até onde o corpo a suporta, até onde se mantém a organicidade de que é feito.

Porém de nada disso sabia Camila, quando emulou com mãos um celular onde não havia, para uma entrevista contida em um documentário sobre o futuro da educação.³⁰

³⁰ Que pode ser conferido aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=v5nlwicLiQg>

No encalço

A filha olha assustada para uma sombra, ela se mexe, é um monstro o que ela vê ali. Olha lá, pai! ela aponta, diz que é um monstro. Busco o monstro na forma, mas não vejo, nossos olhos não são os mesmos, não basta ver para enxergar. Ela não se aproxima, se esconde atrás de mim. Chego perto, identifico a fonte de luz, a disposição dos objetos, decomponho o monstro que ela diz ver. Olha filha, é só a toalha, ou a planta, ou a vassoura... Apago e acendo a luz, o monstro vai e volta, o medo apazigua. Mexo um pouco aqui e ali, a forma se desfaz, o monstro vai embora. Ela mexe ali e aqui, acende e apaga a luz, me chama depois. Ficamos um tempo brincando, só nós dois, a tentar enxergar esses seres onde a luz não toca, só resvala.

Ninguém escapa à educação - é o que diz Brandão (1989, p. 1). Frase estranha para abrir um livro cujo tema é justamente discorrer sobre o que ela é. Como assim, como assim não se escapa? Há alguém que queira fugir dela? Quando é que se deve fugir de ser ou estar educado? O que escapa à educação? Ela não é algo permanente, inato, natural? Não é ela que faz germinar “as disposições naturais do ser humano”, que não é outra senão a inclinação para o bem? (KANT, 2011, p. 23). Isso que nos afasta daquele “ímpeto selvagem” e “transforma a animalidade em humanidade”. Esse ato humano que segundo Kant, nos faz desenvolver certos atributos (disciplina, cultura, prudência, civilidade, moralização) que constituem esse homem “maior”, este cujo objetivo primeiro é atingir a maioridade como plena realização de suas inclinações naturais, e que, por isso, paulatinamente, ajuda a fundar aquilo que se chama humanidade.

Talvez a educação se torne sempre melhor e a cada uma das gerações futuras dê um passo a mais em direção ao aperfeiçoamento da humanidade, [...] a educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração precedente, está mais bem aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade aquelas, e assim guia toda a humana espécie a seu destino [...] a educação, portanto, é parte maior e mais árduo problema que pode ser proposto aos homens. De fato, o conhecimento depende da educação e esta, por sua vez, depende daquelas. Por isso, a educação não poderia dar um passo à frente a não ser pouco a pouco, e somente pode surgir um conceito de arte de educar na medida em que cada geração transmite suas experiências e seus conhecimentos à geração seguinte, a qual lhes acrescente algo de seu e os transmite à geração que lhe segue [...] (KANT, 2011, p. 18-20).

É disso que não se escapa? Do destino de se tornar maior, de compor, a seu modo, um grau na escada geracional rumo à perfeição humana, de saber-se um pouco maior do que aqueles que lhe precederam. Essa seria então a própria imagem de Mr. Norris em *Class 1984*, que faz de tudo e com todas as forças para que germe em cada aluno o potencial adormecido que nasceram para ter, a não ser aquele que antagoniza com o princípio base do que é a Educação. Ou, de outro modo, é disso que fogem os deseducados? *Peter* e a gangue de jovens delinquentes de *Class 1999*? Estes que são o futuro e a ele recusam, estes que abominam a educação que lhes é dada, que rivalizam com a escola como se confrontassem aquilo que a Educação preconiza. Parece que o que se faz a todo instante é tentar erradicar esse ímpeto destrutivo desses avessos à maioria cujo ombro ninguém galga. Em que lugar, então, colocaríamos as crianças de *A fortaleza*? Como fazer uma “leitura educativa” do lugar e ação que a professora os leva a realizar? Não seria esse lugar um passo largo para trás?

Num primeiro momento, poderíamos dizer que, aparentemente, é a violência exacerbada que faz elo para as narrativas. Ela choca, aparece deslocada e passa ao largo daquilo que se tem por educação, por finalidade da educação, aquilo justamente contrário a educação. Essa natureza reprimida, selvagem, não civilizada, arredia, que germina em cada ser, a barbárie com a qual a educação rivaliza³¹, que tenta conter, separar, transformar, controlar, canalizar; seu fim é a própria finalidade absoluta da educação, no modo como ela é comumente pensada, organizada e tutelada pelo Estado.

Reajo a algo, sou violento, pois me violentaram; violo, pois me violaram antes, reajo então ao mundo que me nega defesa, e espelho aquilo que ele me entrega, que ele me ensina, que ele me mostra. Única alternativa diante da barbárie seria então nela mergulhar, fazer parte, aceitá-la (como crianças em volta de uma fogueira, um coração guardado pela professora como troféu, a mão que recusa ajuda e empunha a faca, a reação

³¹ Faço aqui analogia a um texto clássico de Adorno onde ele aponta que um objetivo primeiro da educação seria impedir o avanço da barbárie, e assim ele a define “Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização — e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade.” (ADORNO, 1995, p. 70). Todavia, para fins do jogo que ensaio aqui, podemos tomar barbárie também por sua origem etimológica latina, como *barbarus*, o estrangeiro, aquele que fala de modo incompreensível, uma língua que desconheço, que balbucia, esbraveja, berra, esse ímpeto violento e destrutivo, que a educação em geral tenta conter, moldar, esse que parece não humano, não civilizado, inadequado.

do professor depois de tudo fazer e nada conseguir etc.). Esta seria a violência de um mundo violento, e cada atitude tomada seria tomada contra o mundo, em reação a ele:

(na mesma medida que ele me entrega, não seco o sangue em que nasço, me preservo gritando e esperneando assim como vim, e meu choro vira urro que ecoa junto com o barulho ensurdecedor de um mundo do qual fui e sou expelido, que me renega como se negasse a potência incontrolável do novo que há em mim. Não sabendo o que fazer com a criatura que criou, resta o fogo que tudo consome, fazê-la o pó de onde veio).

Esta seria a violência explícita, aquela manifestada pelos meninos no primeiro filme como apoteose, como resposta à situação que são obrigados a enfrentar, a gangue de adolescentes, o professor, as máquinas de disciplinar, uma violência reativa e desmedida. Esta que é preciso conter, renegar, separar, rechaçar, aniquilar, como em *Class*, ou canalizar, fazer fluir, “pedagogizar”, como, de algum modo, em *A Fortaleza*.

De outro modo, se pode tomar esse ímpeto violento como sintoma, algo do indivíduo, isso que nasce com ele, se desenvolve nele na relação com o mundo, e esta podemos diagnosticar, prescrever, tratar, entender, “psicologizar”)

(o mundo não tem culpa, é violento pois isso está em ti, algo te ocorreu, algo particular, e essa é tua resposta psíquica, desvias do que é habitual, do que lhe compete, e assim, violentas o mundo de forma desmesurada, não deixa outra escolha, e para viver como se deve, precisas tratar-te, ou te isolar, pois para o mundo só serves como estudo, ou como parâmetro daquilo que não nos cabe).



O que tento ressaltar aqui não é apelo à violência, enaltecer-la como reação a uma escola/situação opressora, nem tão pouco rechaçá-la, não dando lugar para tentar entender sua manifestação, sua causa, seus efeitos. O que me parece interessante nesses filmes³² em que, de uma forma ou de outra, reconhecemos situações e figuras como escolares, é como obras ligadas ao tempo em que são concebidas, refletem o modo como pensamos e estruturamos o educar, onde ensaiamos um mundo que se planeja na forma das gerações vindouras; é como neles a educação lida com o que é violento, brutal, bárbaro, isso que ela renega, isso que através da educação se passa ao longe, que se combate e se tenta moldar. É justamente isso que os atravessa em grande medida, seja tentando conter, disciplinar ou exterminar, ou, organizando, admitindo, usando para contornar uma situação adversa.

Aquilo que não se pode controlar, que não entendo, que difere de mim e se recusa a fazer parte de meu mundo (de “iguais”, cordial, “civilizado”, democrático); esse que não corresponde aos anseios e consensos de determinada época, ao mundo humano e a humanidade em que ele se funda, essa me parece ser umas das formas que a barbárie se apresenta a partir da leitura que filmes colocam. Para longe de moralizá-las, o que interessa aqui foi olhar para sua relação com aquilo que se chama educativo, ou como a educação (encarnada das diversas figuras e relações no enredo) reage, combate, lida com ela. “Os inocentes provaram sangue... e eles gostaram”; “Nós somos o futuro... e nada pode nos parar”; “A última máquina de ensinar... fora do controle”, coincidência ou não, em todos os *posters* dos filmes, a frase em destaque segue a mesma lógica, uma frase separada por reticências, como algo inacabado, sem fim. Hiato: um momento de suspensão antes do desfecho, espaço anterior à consequência que sucede o ato, é esse o sem lugar da educação.

Um quase rei

Podendo ver não mais que as nuvens, lembrou que, quando menino, fora levado ao ponto mais alto do mais alto ponto do reino. De lá, mão no ombro, voz rouca, dedo em riste, seu pai direciono-o aos quatro cantos:

Vês? Para todo canto em que olhares, e para além do horizonte que alcança tua mirada, pelo sangue e através do sangue, essa será a amplitude da extensão do domínio

³² E que no período que reescrevo esse texto, no início de 2023, se apresenta de alguma forma nos massacres e atentados ocorridos em escolas no Brasil e em partes do mundo.

de tua força. Faça tudo para estendê-la além, e muito além da mais vasta imaginação. Nunca menos que do tu tinhas, nunca mais do que possas governar.

De onde ela vinha, essa que cruza sobre a vista. De certo do Sul, pela forma. Formara-se alva sobre o oceano, e na beirada se desfez quase por completo antes de atingir o planalto. Sugou a relva, o rio, o suor dos camponeses. Desceu rocha rente as altas cadeias de montanhosas. Drenou as veias dos vales. Engrandeceu na grande floresta. Seguiu o sopro rumo ao norte e minguou nas pradarias secas. Fez da terra barro, do campo charco, do açude um lago. Não era mais que um fio tosco e claro no céu quando desbotou. Pairou junto aos abutres, aos urubus. Encorpou com a seiva de corpos putrefatos. Rubra, cobriu ao céu de ponta a ponta da escarpa. Não aguentou o próprio peso, precipitou-se em sangue, o mesmo sangue que agora lhe esvai da veia, lhe afoga a boca, lhe seca, e que rega a relva em que ele agoniza. Jaz, morto, um corpo de um quase rei.

O espólio



Trinta e tantos anos depois do filme de Ozu, anos de transformação vertiginosa, de latente aceleração, de uma pujante mudança na cultura japonesa, eis que surge outro filme, pouco conhecido, mas que alardeia, e exagera, de forma deveras estranha, algo característico do seu tempo. *Tetsuo – o homem de ferro* (1989), dirigido por Shinya Tsukamoto, é um filme de ficção-científica e terror que se passa num tempo impreciso de

algum lugar do contemporâneo. Há poucas marcas de familiaridade aqui, e a velocidade, a inconstância, o absurdo e o estranhamento perpassam tudo, personagens, enredo, os cortes são secos, rápidos, desconexos, a trilha sonora é composta por sons metálicos, agudos, como marteladas incessantes em um pedaço de ferro, e quase sentimos o cheiro da ferrugem que a tudo corrói. Há pouco de que se falar em narrativa, e o que vemos é a transformação paulatina e absurda de um homem em máquina, a pura simbiose, não máquina externa, algo acoplado, implantado, algo que falta ou agrega, aqui ela brota de dentro, um pequeno corte no rosto pós-barba, e, da ferida que não cicatriza, sai um pedaço de metal, e cada vez mais fundo a ferida rasga, mais ferro ela deixa amostra. Aos poucos, o estranhamento, o absurdo de ver sair do corpo partes de metal torna-se paranoia, e então o homem rasga o braço³³, procura expor o que está dentro dele, que sempre esteve ali, que ele renega, seu visceral lado inumano. Cortes, cortes, outras cenas, ele copula com outra mulher máquina, os dois se fundem, ela morre ou deixa de ser o que era, ele a agraga, duas partes de um mesmo ser. No meio disso, há um ser estranho, máquina pura com formas humanas, demoníaco, irônico, sádico. Ele persegue o homem, que agora já é um agregado multiforme de fios, canos, placas aço, que formam algo que poderia ser tanto uma armadura, blindagem que o separa do mundo, quanto nos dizer que seu corpo orgânico, agora recoberto, se transforma aos poucos na estrutura que sustenta esse ser metamorfo que vemos em tela. Quase no fim do filme, eles têm um embate, faíscas cintilam na tela provocadas pelo roçar do aço contra o aço. Sem mais saber pelo que batalham, se fundem um no outro, e um novo ser disforme surge, figura grotesca dessa alegoria da sublevação da máquina e da submissão do homem, e assim ele perde seu último traço identitário, não sem antes esboçar um sorriso de regozijo naquilo que um dia foi sua cara, último refúgio expressivo de humanidade.

³³ Isso de rasgar o braço é marca comum em filmes em que um homem se encontra num dilema, começa a desconfiar de sua humanidade, de que é humano e não um outro organismo sintético, um robô por exemplo. De repente ele reprisa toda sua vida, tenta encontrar nela alguma memória, atestado de que nasceu homem, que não é máquina, não pode ser. Essa dúvida o corrói, e não sabendo mais distinguir a diferença, ele pega uma lâmina, e no mesmo ato daquele do suicídio, corta os pulsos, e busca dentro de si qualquer resposta.



Evadir-se

É disso que se foge? (para retornar a frase do começo do texto). Não nos constituímos por, através de, por processos que envolvem de uma maneira ou de outra essa coisa que é a Educação? Isso que realizamos e que define o modo como fomos, somos e seremos (e, portanto, vinculada intimamente ao futuro). Sem entrar muito no texto de Brandão, entro no jogo, na perseguição, na brincadeira. Já que não escapo dela, ao menos olharei para trás para saber quem me persegue, seja para decidir se continuo correndo ou se paro e deixo-a me alcançar, crendo que ainda terei alguma escolha. Qual a medida da distância entre quem persegue ou quem é perseguido? Se escapamos, ou não, é porque ela nos persegue como algo anterior, exterior a nós: obrigação, dever, subjugação, adequação... (*daí independe do quanto corro ou do tamanho das minhas pernas*). De outro modo, se somos nós a persegui-la, estamos sempre à sua procura, ao seu encalço: conhecimento, preparo, saber, cultura... (*miro num ponto mais além, ou ele se move, ou eu que corro sobre uma esteira*).

(Se corro, ela me alcança, se esconde, ela me acha, se enfrento, não fraqueja, se me agarro, ela repele, se me sujeito, ela me enverga, se assumo, ela transmuta, se a persigo, ela saltita, se a aperto, ela escapole, se desisto, ela me impele (empele) ou empala. Por tudo ela passa, transpassa, perpassa. Cruzo com ela distraído e, sem perceber, estou um tanto mais educado).

Perguntar o que é isso que me persegue me levaria naturalmente a buscar qualquer definição, um conceito fechado, talvez comum, dar contorno ao vulto que vejo de soslaio enquanto corro. Tentar definir o que ela é, como se possuísse uma unicidade conceitual,

como se fosse um universal, teria sem dúvida algo de impreciso, de incompleto, de generalização, de redução.

(pego a forma mais aprazível e a uso como parâmetro, isso parece com isso, que parece com isso, busco essa forma mesmo na sombra, e cada contorno ajusto a fina medida daquilo que um dia vi, e que, no obscuro, desvanece).

Outro modo: fazer um levantamento conceitual, cronológico, analítico, elencar como ela foi pensada ao longo do tempo, por diversos povos e culturas, como chegou a ser o que é hoje, os pontos de convergência, os atravessamentos, os saltos, uma linha traçada de influências, abandonos, rearranjos, finalidades, apagamentos (*não havia nada lá, a não ser o traço do toque da luz e aquilo que deixou de luzir*).

Assim, uma forma possível seria defini-la a partir dos modos como ela se manifesta, como algo a ela correlato, análogo: ensinar, formar, aprender, instruir, incentivar, treinar, aperfeiçoar, exercitar, desenvolver, adestrar... (*penumbra: avanço com cautela, tropeço, mas não caio, confundo quina com beira*). Outro modo: respeito, amabilidade, polidez, maneira, gentileza, conhecimento, humanidade, finura... (*de qualquer forma é um halo que se sustenta sobre a cabeça, pesado o suficiente para mantê-la ligeiramente arqueada*). De todo modo, é só o contorno que se afere, onde a claridade alcança, a clareza se faz presente (*se sabe bem o efeito que dá olhar para o sol diretamente*).

Assim tomada, ela beiraria algo como uma espécie de característica, habilidade, modos, aptidões, moral, costume, conduta, expertise, conhecimento, formas de estar e conceber o mundo, ou formas de chegar ou desenvolver um mundo ainda por fazer, e que se manifesta, se constitui, se verifica, na relação com o outro.

(tem de haver qualquer parâmetro para aferir minha medida, essa mesma, que se mede quando estou sobre os ombros de outros).

É quando se está à vista que ela aflora, em público que se acentua, e com isso revela a luz o seu contrário, como se preciso fosse colocá-la à prova, testá-la para não atrofiar (*o que ele faz nas sombras, problema nosso não é*). E o dedo aponta para onde ela falta, e nessa falha que se atua, e passa a massa para ver se gruda, e enfia bem ela ali para ver se prende, se junta, e amalgama o homem ali, essa quimera, e depois do molde feito, põe a andar sob o sol para ver se seca, e dá um jeito de reparar vez ou outra para lembrá-lo que ele também craquela.

Contudo, é de algo que se distancia, é um ponto que se abandona, um lugar que não se volta. Desensinar, obscurecer, deformar, destruir, embrutecer, animalizar,

debilitar, bestialidade, desumanidade, ignorância... cada passo dado é um passo para longe disso, longe do que é que é bruto, do que é tomado como bárbaro, longe do animal que nos faz morada, que é germe na gente.

(e ao completarem a maioridade, todos receberão uma régua, e com ela poderão aferir quão próximo ao sol se está e andar tranquilamente entre os iguais)

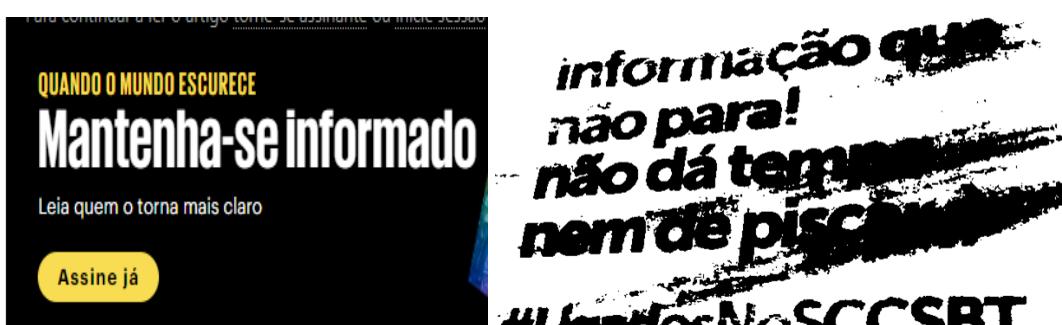
Deixar um lugar é porque outro se busca, não há para o homem possibilidade de se manter inerte, diz-se que é de sua natureza de que se trata, de como uma sina, buscar na incompletude de que é feito o impulso para se manter em perpétuo estado de procura. Sem mesmo querer, quando menos se espera, mais um tanto para lá ou para cá o homem fica. Talvez por isso que ele dela não escape.

Quando ainda era projeto, e, portanto, habitava um vir a ser, a pretensão era escrever um texto longo que me ajudasse a afirmar um certo incomodo e uma dúvida muito simples e, no entanto, ampla, e que eu que não tinha muito como formular, a não ser dizendo de forma categórica: que educação não era ciência. E ao dizer isso não havia vontade de desmerecer ou rebaixar a Educação de alguma forma, mas dizer que por ela não ser ciência (essa dura, regida por seus próprios termos, validada por suas próprias regras, balizada por seus próprios pares) que a Educação tinha seu próprio estatuto de ser, suas condições próprias, suas particularidades, e que deveria ser entendida no seu modo próprio de olhar e transformar o mundo. Por esse modo particular de ser, para seus fins, poderia dobrar, inverter, torcer qualquer outra área.

O não saber formular isso, essa questão, me vez dar um passo atras e tentar entender o que é Educação, se conjunto de normas, leis, estruturas, parâmetros, práticas pedagógicas, didáticas, se direito, se inata, se inerente a relação humana, se essencial para o futuro, se estruturada no cotidiano, se formal ou informal. Nesse passo, esbocei uma série de pequenas perguntas, que levam a outras, que ligam a algumas ideias, todas indo de dúvida a dúvida. Educação: o que é ou não é Educação? Conjunto de práticas? Com que fim? Qual o fim da Educação? Formar, dar futuro, criar uma sociedade melhor, ensinar, profissionalizar, socializar, entrar numa cultura, uma forma de lembrar, de transmitir ou renovar o conhecimento geração em geração? A educação tem um fim, quando ela acaba? O que alguém educado, e por que ele é parâmetro para dizer que o mundo vai bem ou vai mal? Educação é um fato social, transitório e ontológico? “A Educação forma, disforma e transforma sujeitos para uma determinada sociedade ou estrutura social”, que tipo de sociedade? Qual a função desse sujeito? Como ele se forma? Qual o modelo de Educação, ou como se estrutura, qual método se emprega para formar

esse sujeito? Há algum? O que é tornar algo humano, humanizar? Quando muda nossa concepção de sujeito? Existe um que seja planetário ou universal? Sujeito ou mundo em crise? Uma sociedade em crise é essa cujo sujeito formado cabe o mundo mudar, e que as expectativas alocadas na educação são direcionadas para fazer realizar essa transformação. Um mundo em crise perpétua vai sempre estar insatisfeito consigo eternamente? O que é o mínimo que tem que ocorrer para que possamos identificar que algo como a Educação se passou ou ocorreu?

Tendo isso, quem poderia dizer aquilo que é ou não Educação? Quem pode dizer que vale mais esse ponto ou aquele ponto? Como se produz um consenso sobre esse parâmetro, que, de uma forma ou de outra, é para onde a Educação nos empurra? Até esse ponto se aceita, até aquele se tolera, e isso vai formando o contorno daquilo que dizemos que é humano, que constitui o humano, e para o qual a Educação trabalha para formar. E transforma essa linha em parâmetro, em direito, em medida (*isso com os meus, com os próximos. Com os outros, esses de muitos nomes, se afrouxa a tolerância, a linha pode ser até mais maleável*). E com um graveto traçamos um círculo mágico entorno da gente, e por mais que se o atravesse o tempo todo, estamos sempre a reiterar, a jurar de pé junto que não pisamos nem na beira, mesmo que, ao anoitecer, se uive baixinho quando a lua cheia aparece.



Que contorno é esse que se pretende dar para dizer que dessa linha para cá é onde reluz, e o que está para lá não o faz? Seria possível responder o que a Educação “é” como algo inconteste, imutável, geral, retirando qualquer traço discordante, até chegar no ponto fulcral daquilo que ela sempre foi e sempre será? Ou de outra forma, poderíamos refazer a pergunta, acrescentando um “ainda”, e assumindo que ela muda, que ela deixou de ser, que foi agregando e abdicando, época a época, fim a fim, todo o antojo, até restar pouco do traço daquilo que um dia ela foi, que não se sabe bem, mas que continuamos procurando em algum lugar do mediterrâneo antigo, ou no norte nórdico da Europa, ou

nas práticas de um povo indígena, ou nos modos como um computador aprende e apreende o mundo. Ou ainda, brincar de perguntar o que ela “não é”, e nesse jogo de fazer contornos, olhar para o que tem fora dela, aquilo que não consegue de maneira alguma penetrar, aquilo que ao obscuro se relega, e que se diz aos projetos de homem, para que do traçado não pisem fora, que o monstro que mora no breu está sempre à espreita.

De todo modo, é na busca de fazer realizar, mesmo no discurso, esse homem hipotético, educado, que coloca o lixo no local correto que, grosso modo, a Educação se lança atrás. Pouco importam os adjetivos que preenchem essa distância, e para onde ela o impele quando toca, se chega de súbito e lhe atropela ou empurra, de mansinho e lhe surpreende ou conquista, se posta à frente, lhe atrai ou seduz, se encarnada lhe possui, se com ela constrói escada ou cova, casa ou covil, caserna ou canteiro, se faz olhar para o lado e estender a mão, para cima e pular bem alto, para frente de punho fechado, para trás abraçado a ossadas, ou para baixo a contemplar a queda. Todos dirão, a seu modo, e com suas próprias palavras, eis aqui um homem.

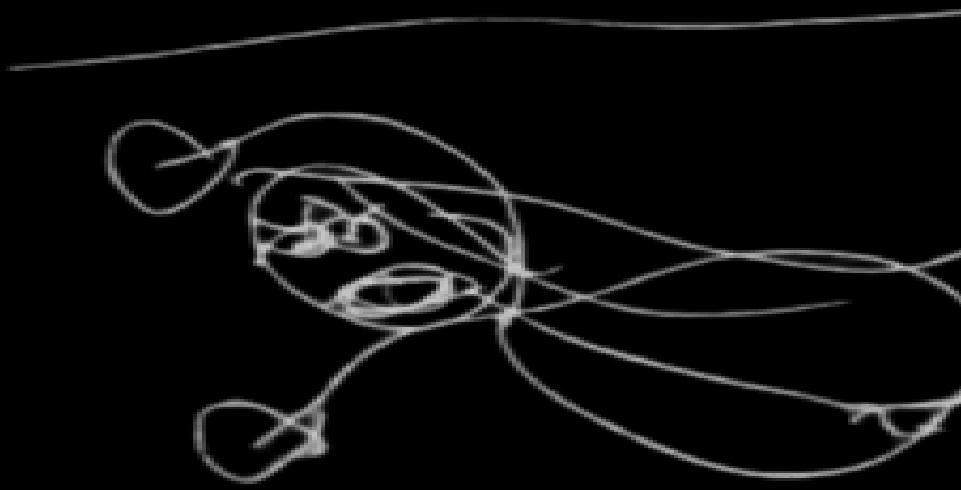
Assim, tudo o que é importante para a comunidade e existe como algum tipo de saber, existe também como algum modo de ensinar. Mesmo onde ainda não criaram a escola, ou nos intervalos dos lugares onde ela existe, cada tipo de grupo humano cria e desenvolve situações, recursos e métodos empregados para ensinar as crianças aos adolescentes, e também aos jovens e mesmo aos adultos, o saber, a crença e os gestos *que os tornarão um dia o modelo de homem ou melhor que o imaginário de cada sociedade – ou mesmo de cada grupo mais específico, dentro dela – idealiza, projeta e procura realizar*”.

(BRANDÃO, 1989, p.16, grifo nosso).

Processo, conjunto de métodos ou normas pedagógicas, ato, adestramento, prática visando o desenvolvimento, a formação, a inserção, a cidadania, ao convívio, segundo suas acepções e significados variados, à educação não tem fim, ninguém escapa. Desejo de mudança do presente, por melhora, por desenvolvimento, por um mundo diferente do nosso, por um futuro possível e mais digno, a educação tem um fim, a ela, e a ele, ninguém escapa.



... e ergueram-se templos de culto ao brilho, e criaram uma sorte de deuses, e entidades da clareza, e saudaram a aurora com feriados e festejos, congressos e encontros, e de seu resplendor buscou-se a luminescência devida, a gradação perfeita, e traçaram paralelos nos seus raios, e essa medida se fez parâmetro, e sorveram cada feixe, e discorreram sobre o que cintila, e delimitaram o que lampeja, e em cada canto a estenderam, e levaram consigo o luzir que se fez verbo, e revelaram aos quatro cantos a palavra vernácula, e iluminaram tudo que se toca, e sobre a ruína dos antigos templos outras estruturas ergueram, e de lá de dentro saíram os novos iluminados irradiando em si um pequeno pedaço do sol, e tingiram todo novo ser de dourado, para que desde nascença, resplandeça o lume, e foi assim, com a chama riste, que expurgaram quase todo negrume para os confins da terra. Dizem que quando a noite chega, se pode ouvir ao longe, do subterrâneo, algo incompreensível, abjeto, como um retumbar que faz temer a própria sombra.



ALGO ENTRE LÁ E AQUI

No limiar, vacilante, ele hesitou. Não sabia bem explicar, parecia haver uma linha divisória que marcava um limite que ele, por qualquer razão, não conseguia transpor. Algo ali o fazia parar e dizer “não sei como entrar”. Sem poder traspor esta, que agora estava cerrada dentro dele, ele se vê no ímpeto de imaginar outra, e através dessa outra, talvez ele pudesse transpor, e que era uma maneira de lidar com aquela que ele já tinha que lidar, sem lidar. Se enfim ele pudesse atravessar esta, talvez ele diria: “estava tudo como sempre esteve,” e quando desse por si, já estaria dentro. Esse era seu receio, entrar e não poder sair, se ver encerrado e sem escape e sem ninguém a não ser sua própria e protelada companhia, sem ao que se referir, se agarrar, se compor. Nada a não ser esse vazio retangular que limitava e definia, e que agora, sem nada que a singularizasse, podia ser qualquer outra, em qualquer lugar e tempo, um limbo. Nesse breve instante, onde não havia um antes e um depois, ele se viu obrigado a encarar a vastidão do vazio que criou. Passou muito tempo tentando entender o que fazia ali, o que era aquele lugar, e ficou não se sabe o quanto encerrado em seus próprios pensamentos. Quando levantou os olhos novamente pensou no que havia dito para si “não sei como entrar”. Sem saber como, havia criado outro lugar para si para não precisar encarar o que havia de encarar sem querer, e hora ou outra seria preciso voltar, dar um passo à frente como quem se solta no espaço, e deixar-se pender sem gravidade no limiar... Não! ele começava a divagar novamente como se por receio de começar de uma vez por todas, como se aquelas lembranças o puxassem para outro tempo, como uma recusa de seguir sem saber por onde. Nesse passo ergueria tantos outros lugares quanto fosse preciso, e com eles edificaria cidades inteiras de edifícios tão altos quanto o céu, assombradas pela inexistência, vazias ao ponto de fazer ecoar até mesmo seus pensamentos... Tudo o puxava para fora, se não conseguia permanecer lá, aqui tampouco: o barulho do cortador de grama; cachorros latindo; algo que cai com vento; aquela mosca que pousa na janela, que passa pela orelha. Ele tenta estapeá-la, ela foge e pousa em outro lugar. Sobrevoa sua cabeça, anda pela tela, novamente foge. Ele tenta adivinhar seu próximo pouso, calcular sua rota. Quase! Ele erra, ela se salva num voo zumbido e resignado rumo a porta... Ao voltar, se viu novamente encerrado, e tentou recordar todas as vezes que havia estado sem estar nas coisas, como um perambular zonzo e sem rumo e sem ponto fixo. Se era preciso voltar, teria que refazere-lo às cegas, como quem vai em direção ao um futuro incerto, passo por passo em uma dança sem ritmo ou compasso, sobre um chão que range e cede à medida que ele rodopia...

3000 ou da zona de efeito

Os cientistas descobriram através de análise, descobriram uma luz, um buraco negro, que espaço em volta é um buraco negro que nunca tem fim, considerando assim [...] eu vi algo sobre isso". [...] "é que eles conseguiram produzir uma imagem, não do buraco negro, mas da zona efeito, então você consegui emitir uma onda que conseguia dar uma ideia de como é isso, e você traduz, porque a gente não tem como ver, só vê algumas cores, mas daí você emite essa onda e traduz para uma coisa que a gente vê" [...] "Uma das ideias é que o tempo viaja em uma direção só, as pessoas só vão pro futuro né, é sempre a causa depois o efeito, tudo acontece ao contrário"

Hoje, falo do futuro. Não estou mais *lá*. Um tempo passou e agora tudo aquilo já ficou para trás. Mas hoje é também um tempo relativo, muitos deles se passaram entre uma versão desse texto e outra, cada uma mais próxima de um fim que não sei dar. Sei que o que me resta, o que faz isso continuar, o que me faz persistir, é o agora. Respiro lentamente e tento me concentrar em estar aqui, estar nesse texto, e fazer algo com nossas palavras, e do resto de memória que ainda conservo e que aos poucos se apaga. Um pé *lá* ou cá, como se diz. E são de tantos ‘agoras’ que essas linhas são feitas, tantos que separam aqueles dias *lá*, e esses dias aqui, e o que antes reluzia cristalino na memória, agora já nem me faz reminiscência. Posso dizer que me debruço, como quem está na beirada tempo, olho para baixo depois de subir, mas não consigo ver de onde vim, olho para cima ainda rarefeito, e não consigo ver para onde vou. E talvez deva haver mesmo uma política (ou poética) do esquecimento, uma que faça deixar ir as coisas, deixar que elas sumam à sua maneira, que ajude a lidar com essas coisas que tem atração pela inexistência; delas, não deve haver nem mais a sombra da sobra do que um dia foram. Daquele dia, em que dissemos estas palavras (blocos em *italico*), até hoje, quando ganham outra existência e contorno, pois as registrei, se passou algum tempo. Um tempo que já não posso mensurar, que não se pode fixar com data, desmedido. Por um tempo, chego a dizer “ontem mesmo estamos *lá*”, mas percebo que, quanto mais distante ele fica, mais difícil fica distinguir o que foi, o que acho que foi, e o que poderia ter sido, e o que eu queria que fosse, de modo que me questiono algumas vezes se algum dia estivemos *lá* a não ser como voz, esta gravada como um dos poucos registros de nossa estada. Me parece que antes tudo era diferente, o mundo era outro, sem tudo isso que aconteceu desde então, mas talvez seja eu que mudei, eu que seja outro, e o fato nunca tenha se tornado fábula. E não é a primeira vez que tenho essa sensação de não estada, de descolamento. E não é a primeira vez que tento reelaborar o que se passou, pois a cada vez que os ouço, a cada vez que reescrevo, a cada vez tento voltar para *lá*, tudo que foi vivido pela proximidade, aos poucos se

oblitera dentro de mim. O que foi registrado fica, e permanece aqui, ocupando essa outra memória acessória que perece de sua própria maneira. Fora isso, pouca coisa perdura. Mas e isso que não tem registro, isso que não se fixou? E isso que não fizemos, isso que não vivemos, mas poderíamos tê-lo vivido? Tenho a impressão de que todas essas coisas que não foram grafadas, gravadas, captadas, vão todas se perder, e no fim, não haverá mais nada em mim do nosso breve encontro. E talvez tenha sido estratégia deliberada, deixar ir aquilo tudo, esse pequeno acontecimento que do começo não foi longe. Quem poderia esperar o que sucedeu desde então? Não havia como prever, cremos. Mas eis que surge esse imprevisto, esse percalço, e nada voltara, nada será como antes, dizem. E agora, o que se faz com isso que parece não ter mais lugar, inacabado, o sem futuro? Não há aquela brincadeira que se faz de pensar no que diremos a nós mesmos se pudéssemos voltar ou avançar no tempo? Que tipo de alerta, que tipo de pedido, que tipo de conselho? Não foi mais ou menos essa pergunta que moveu aquele dia de agosto? Não há aquela expressão que marca esse intervalo de tempo como se delimitasse um lugar? De *lá* para cá, diríamos, para dizer que o tempo avança. Porém, aqui, falo de cá para *lá*, para dizer que é para um lugar que se tentar voltar. Tanto faz, são pontos que delimitam um intervalo, aqui digo que começou, ali que encerra. Há o meio, esse meio que se habita, uma zona cinza, *zona de efeito*, sem contorno, daquilo que sumiu com o tempo, daquilo que é sem registro, do que se esqueceu, e de todas as pequenas coisas que sobram, das grafadas no corpo da memória feito arranhão. Não se trata de tentar preencher com o ocorrido o ido que já se foi, mas dar *uma ideia de como é isso, porque a gente não tem como ver, só vê algumas cores, mas daí você emite essa onda e traduz para uma coisa que a gente vê... A imagem da zona de efeito de um buraco negro.*

CARTA P/ O ANO 3019:

CARO VIAJANTE DO TEMPO, PODERIA ME INFORMAR SE:

- a) O Figueira já foi CAMPEÃO DA SÉRIE A?
- b) O Avaí já saiu da ZONA de rebaixamento?
- c) A maconha continua sendo CRIMINALIZADA?
- d) A sociedade continua DISCRIMINANDO AS PESSOAS PELA APARÊNCIA E STATUS SOCIAL?
- e) Foi encontrada alguma forma de VIDA FORA DA TERRA? 22/06/2019

3019 ou dos contornos ou entre lá e cá

Você quer viajar desse ponto a esse ponto, e daí você leva muito, muito tempo, [...] só que tem esse problema, quanto mais perto dela mais pesado fico [...] ao invés de fazer esse movimento, eu faria uma dobra do tempo e eu passaria desse lado para esse lado. Ao invés de eu andar isso daqui (gesticula com os braços, para, pelo movimento, dar noção da medida) eu faria um buraco e passaria aqui [...] um atalho [...] então esse caminho é muito mais curto que esse [...] teoricamente se tornou possível, pois assim é impossível, [...]. Mas assim, se existe essas dobras [...] daí vem outra coisa.

Quem vem de cá, até pode dizer que nunca notou. Grande e branco, extensão daquele que vem de lá de trás (a impressão é que ele vai crescendo à medida que passa), em cima, uma cerca vazada que dá para ver de longe lá dentro (de fora para dentro ou de dentro para fora). Quando parece que não pode mais crescer se não cai, tem uma entrada. Três, quatro metros, quem sabe? (talvez para quem lá permanece, ele chegue a tocar de leve as nuvens, de modo que se vive a maior parte do dia sob sua sombra; para quem passa desse lado aqui, ele seja pequeno demais para conter, e uns blocos a mais não seria má ideia). Porém, não por ele, pelo do lado é que se adentra a pé. Vou lá (com a rotina é familiar se fica, e chamamos as coisas pelo nome, e até passamos a trocar amenidades). Vou lá, alguém diz. À direita uma grande horta, que hoje um borrão verde marrom sem nitidez, era bonito de ver como as coisas cresciam lá. Dobra a direita outra vez. Cruza a porta., dobra à esquerda. Desce uma rampa. Dobra à direita quase no fim. Não, antes, antes tem um pequeno pátio de cada lado, há salas de cada lado (a impressão é que as portas são azuis, mas talvez sejam verdes que nem a horta). Fica na dúvida, faz tempo que não vai mais lá, não sabe se volta. Vez ou outra, não sabe se fala mesmo de lá (como se algo tivesse se apagando dentro, se desfazendo). Pensa: depois que tudo isso acabar, vai ter sumido por completo, e quando tentar lembrar dele novamente, talvez o invente do modo como queira. Tempo. Tempo deve passar lá (entrar e sair, dentro e fora, aqui e lá, eles e nós. São posições e não espaços). Outra vez, e outra vez para entrar na sala, à direita. Ali tem um canteiro redondo, externo. O sol batia ali as vezes, refletido na janela. Tudo outra vez para sair ou entrar. Assim se faz um lá? Tudo isso fica, paredes, grades, procedimentos, funções corredores e muros, até ruir, e quando ruir, o que sobrará? Se voltar lá hoje, pouca coisa o tempo levou. Mas não é disso que se trata. Há o meio e é no meio que se habita e permanece. Há eles lá, e nós aqui. Há o que se foi e o que persiste. E há algo entre isso que reverbera, esse lá que nos faz morada, que ainda não pereceu. *Mas assim, se existem essas dobras (...) daí vem outra coisa.*

Florianópolis, 22/06/2019

P/ 2040:

Olá, estou escrivendo do século XXI e não com pouca curiosidade em saber como é a vida humana no tempo presente da locis. No sic. XXI temos muitas divergências científicas, políticas, religiosas, difíceis para nossos intelectos ainda primitivos, porém em desenvolvimento resolver. Tudo com sua ajuda podemos restaurar nossos contendentes dissidentes questões com soluções práticas e simples de seu tempo.

Por nossas florestas estão sendo divulgados muitos rapi domínio. A poluição ambiental de forma exorbitante invadiu nossos rios e mares bem como nosso ar tornando, em alguns locais, quase qu impossível sobreviver. Estamos vendo a desflorestação e a extinção de vários espécies de animais ao mesmo tempo e percebemos o desuso de humanidade perante esses fatos. Por isso precisamos de uma tecnologia mais avançada para tornar as nossas vidas melhor, para vivermos num planeta melhor.

Esperamos que compreendam nossa aflição nesse momento delicado e que possa nos ajudar. Obrigado. Alexandre

2140 ou da nossa aflição

“Eu queria mostrar só um negócio, aquela revista” ... (lendo, sentado perto da porta, um trecho da revista que havia comentado antes, que fora buscar em algum lugar, em algum momento) *“o brilhante físico Stephen Hawking sem dúvida nos ajudou muito a compreender o enigmático universo. Obrigado!”* (agora comentando o trecho da reportagem, o que fez por diversas vezes, ao ponto de em algum momento não se saber se o que falava era da revista ou não, mas não importava) *“Quem pode saber que o universo é o enigma? Que ninguém consegue descobrir por completo do início até o fim, quem tentasse descobrir o início, meio até o fim, eu acho que praticamente conseguiria só ter o início da ideia, só o início. É como se o universo nunca tivesse fim, sempre o início, sempre o início. A partir de onde você tá, a partir de onde você pode ir, mais pra frente, se você tentar chegar no final, você vai ver que você vai chegar no início, e nunca termina, e nunca tem fim... É como se o universo fosse magia”*.

Nunca ter fim, nunca ter fim. Estar sempre no início, sempre começando. Começar a cada vez, começar de novo. Todos os instantes são instantes de começo. Não há um lugar para onde ir, digo lá, e pronto, ele tem nome, mas dele só me fica a ideia vaga, só o início. Como um cômodo sem paredes e sem teto. “Como se fosse magia”, ele diz, e assim, de repente, não há nem mais o palco e nós somos um coelho buscando desesperadamente uma cartola para enfiar a cara. Vocês bem sabem o que dizem dos começos. Antes talvez, só expectativas, um grande buraco na barriga, uma grande potência acumulada, uma grande interrogação pregada na testa. Mas há isso, tudo pode, nada impede, ainda, está tudo por começar, tudo é latente, impetuoso, tudo é desejo, cada começo com um futuro a tiracolo. Por outro lado, se nada começa, nada se desenvolve, nada avança, nada progride, um ciclo interminável de partidas para lugar algum. Estar fadado a começar sempre, estar sempre começando, um *loop*. Agora, há restos e mais restos de começo interrompidos, inacabados. Uma guinada que não se deu, algo que não durou, uma vida que foi interrompida, algo que não foi além do rascunho, uma porção de coisas sem futuro... Sobra isso. O que poderia ter sido, a conjectura, a presunção, a fantasia, a ficção... nunca ter fim, nunca ter fim. Dizem por aí que o mais difícil mesmo é permanecer.

• 22/06/2019 -

1997

• Como vai a sua vida?

Têm muitos filhos?

~~Quando fomos morar velha, eu~~
a "Praia Velha"

Aqui a musica boa é maria benedita

Têm mulher bonita por ai?

Como elas se vestem?

Aqui a vida é muita boa.

Fui pra casa daqui muito cedo pra
 minha vida, a mulher abriu a porta
 daqui de trás da casa.

Não sei que dia vai a encontrar
 minha mãe de novo. Faz muito tempo que
 não vejo meu irmão. Faz 1 dia que não vejo
 meu pai. Espero que um dia tenha pra
 mim volta pra encontrar.

Isto muito choro sr.?

Fico com elas e espero que haja
 felicidade pra vocês!

Pessoal de elas cuidar de todos
 nós.

1997 ou nem só para a frente

E essa questão, acho que todo mundo já deve ter pensado, será que futuramente a gente não vai viajar no tempo? A gente tem que viajar acima da velocidade da luz [...] primeiro tem que rolar o teletransporte [...] Teletransporte. teletransporte acima da velocidade da luz [...] será que a gente consegue, linear, só ir pra frente e ir pra trás também? [...] acho que só pra frente [...] é, acho que só pra frente.

Antes havia outros, e, antes destes, alguns já estavam por lá. Uns já foram, alguns continuam, outros irão sucedê-los, até o ponto de não haver mais lá e aqui, dentro e fora, nós e eles, até o ponto de não haver mais nada. E quando isso chegar, o que sobrará? Tempo depois, li num livro que quando o sol crescer demais será o fim de todos os fins, que já não haverá mais tempo, nem linguagem, história, nem espaço, nem ninguém, uma radical igualdade nos esperará, pois tudo perecerá de forma idêntica. Restará, então, um presente absoluto, perpétuo, que apagara todos os instantes que já foram e os que seriam. Não haverá mais ninguém para recordar, e ninguém contará a história daqueles que foram engolidos pelo sol. Queria contar isso a vocês, acho que gostariam, daria uma boa conversa. Mas isso foi depois e hoje não estou mais lá. Estou aqui! (*disse de si para si mesmo como quem se belisca para aferir a própria existência*). É daqui que falo? Sobre lá que falo? Um momento que não é esse, um tempo que não é esse, de um espaço que não é esse. Mas nada é tão assim, pontual. As coisas se misturam, resta a cada um não deixar apagar aquilo que permaneceu. Porém, só falo isso para dizer que um pouco de lá ainda está aqui, e um pouco daqui espero que esteja lá, mas não tenho certeza disso, não posso ter. Sei que antes, antes havia outros, e outros antes deles, e talvez outros depois deles, e depois de nós, e depois de tudo isso há de sobrar alguém, nem que seja para ter os olhos cegados ao contemplar o último e derradeiro esplendor.

.

À MÁQUINA DO TEMPO
PEDE RESPOSTA DO
FUTURO. NÚMEROS E DATAS
DOS RESULTADOS DA MEGA SENA
OU PLASENA E DEMais LOTERIAS

OBRIGADO, SÓ
COMISSÃO SÉRA CERTA

22/06/2018

CARTA DIRECIONADA AO
ANO 2020

2020 ou do que não tem direção

Penso nessas palavras de carteado: remeter, destino, corresponder... Entre elas uma direção, um lugar, alguém. Vemos aquele que está *lá*, o que remeteu. Ele envia, delega, retarda. Sempre alusivo, talvez. De toda forma ou uma demanda, ou algo que já se foi, ou que já não é mais. Remeto a algo pois esse algo já não está mais *lá*, dele só resta o “re”, esse que pede volta, que não encerra. Outra vez, e mais outra, e assim por seguinte. Noutra ponta aquele *lá*, um quase igual, também *lá* não está ou esteve, talvez só evocado, talvez. Entre eles essa ausência, essa espera, esse outro “re” que aguarda. Um já se foi e outro nem chegou a sê-lo, nem sabe se o será. Isso se um dia figurarem, pois há o meio, e nesse meio todo o desvio. Uma carta que não chega extraviada se chama. Um caminho e o fora que prende ou puxa, depende de como sevê. E deve haver qualquer lugar para essas, as não correspondentes, desgarradas do destino que lhe bateu à porta, mas ninguém atendeu (ausência outra vez, como na carta endereçada ao próprio ano de seu nascimento, 1997). Diz que essas, as sem destino, acabam, de uma forma ou de outra, remetendo outra vez, reincidentes que são. Isso se presumirmos que há alguém ou algo na ponta, o original, e que a partir dele todo o contorno de deu. Depois de assentadas as primeiras lajotas, desvio passou a ser desvio, e o lado de *lá* onde puseram os desviados, esses que extraviaram. Todavia, não percamos de vista que o que importa são as palavras, e que com elas redigiram o código que faz confluir esses que transitam, por coreografar cada passo deambulante. Mas há o desvio, e há a margem, os que vagam e os atropelados, e há a concordância, e aquela placa com uma seta que indica o sentido.

Porém, o que isso tudo é se não uma tentativa de fazer outro desvio e evitar chegar perto, e cada vez mais perto, de um fim que se evita? O que isso é se não uma tentativa de pedir ligeira condescendência e admitir que já não se lida, e nunca lidou, mais com o terreno da finalidade; que, vagamente, desvio ante desvio, volta ante volta, a escrita/pesquisa foi conduzida sem rumo, palavra ante palavra, sem um lugar a chegar; e cada vez mais perto do fim, por falta de folego, a tarefa de habitar o sem futuro que lhe faz tema, clama por algum lugar de encerramento, um destino, um desfecho, uma moral, um sentido, um apanhado que nos diga que tudo até agora não foi em vão, que não há como vagar o tempo todo, e hora ou outra, teremos que admitir nosso descaminho.

Não chegar ao centro, ou destino, ficar envoltas, remeter, como se diz. Estabelecer um contorno, *perimetrar*. Aqui é o fora, *lá*, um dentro (isso aqui é o futuro, ou a Educação, ou o homem, ou o caminho, aquele não o é, isso admito, aquilo nem tanto). De todo forma

é uma forma de lidar com o que nos acomete, com o que não tem parâmetro, com o que nos escapou a mirada, imprevisto. Era só o começo, e pelo começo ficou (todos os instantes são instantes de começo). Mais um começo inacabado, mais uma empreitada sem futuro, como tantas até então. De início iria começar pelas cartas. Esse seria um primeiro exercício de escrita quer perpassaria a temática do tempo. Escrever cartas para um futuro incerto. Cartas para o futuro daqueles que são enquadados como sem futuro. Depois disso, talvez, fazer correspondência com outros sem futuro (ou ainda, com esses que nascem com o futuro agarrado feito uma promessa que não fizeram, umbilical, como se diz) e ir trabalhando nesse meio (não com os anseios que lhes faltam; nem com suas carências; nem como emissário de sua dor; encarregado de mostrar ao mundo, esse mesmo que lhes nega horizonte, sua condição de sem perspectiva, alicerçada na esperança que nutre mais que o alimento que por vezes falta). Iria ser bonito, correspondências entre os que não corresponderam, entre aqueles relegados de futuro, despossuídos de futuro, abstêmios de futuro, os são ou já foram o futuro do mundo, todas as promessas, todas desilusões, todo anseio, esse sem lugar dos que não fazem ou não querem fazer parte desse grande projeto, tudo que fica pelo caminho, pisoteados pela marcha ininterrupta dos que rumam em debandada. Todavia o tempo passou. Uns botaram a mão na massa, como se diz, e outros ficaram, atrás de si, com os dedos bem firmes e entrelaçados por mais que jurassem a si e aos outros fazer cumprir esse grande destino que nos incumbem ao nascer, e que desviamos hora ou outra ao longo da vida. Mais um começo que sessou seu ímpeto.

Das cartas (as imagens justas a cada bloco de texto) seu destino primeiro era corresponder, e talvez fosse de bom tom guardá-las só para ver o ano chegar e dar a devida resposta as questões que fizeram.

07, 10, 27, 35, 43, 59, foram os dessa semana, que agora também, já algum tempo, passou.

2018 ou Brasil x Costa Rica

Chego *lá* com algumas coisas, mas esse não é bem um começo. Mesmo antes, já estive por *lá*, e vocês me chegaram na voz dos outros, ditos como se diz, verbo, sujeito, a coisa toda, estavam por aqui desse jeito, *empalavrados*. E não era assim antes, quando não havia nem nome, nem rosto, nem ninguém? Acho que foi por isso que resolvi, pela palavra, adentrar aí, porém não tenho certeza, já faz algum tempo e eu não consigo mais lembrar do que motivou isso que do começou pouco foi. Fui *lá* para falar do futuro. Ficção

científica, viagem no tempo, androides, robôs, tecnologia, a coisarada toda. Temas que criam nosso imaginário sobre o futuro, quando se pensa em futuro, imagens a eles relacionadas quase sempre aparecem. Futuro e a escrita, de exercícios de escrita. Inscrever e escrever em qualquer meio e superfície, como se o escrever fosse um gesto de fuga, fugir para o futuro pela escrita, mesmo sabendo que muitos de vocês nem rabisco de letra sabiam. Mas fugir para que, de que, para onde? De *lá*? Penso na ironia dessa afirmação, sendo aí o que aí é. E não deixa de ser interessante que fuga em música pode ser a variação de muitas vozes (polifônica) de um mesmo sujeito (motivo principal), o entrelaçar dessas vozes. E não é mais ou menos isso que tínhamos feito até que... tudo emudeceu? Não era isso que se ouvia no que ficou gravado daqueles dias, sobreposição das nossas vozes variando sobre o universo? Digo que queria continuar, que talvez se realize-se ao menos uma parte do que pensei cá comigo antes de pôr o pé *lá*, teria saído daí com sensação de que nem tudo é em vão, e que certas coisas, mesmo interrompidas que foram, permaneceriam daquele instante antes dele perecer por completo no esquecimento inato das coisas do tempo.

Como não pensar nas histórias que poderiam ter sido contadas, coisas que poderiam ter vindo ao mundo nesse espaço que abrimos em conjunto, e que não foram por conta... mas não há como saber, não é mesmo? Sem lastima, o que há é isso, um começo que do começo não passou, meio dúzia de expectativas, e o que foi possível fazer, coisas que, com o tempo, já não anunciarão nem enunciarão mais nada. E talvez seja esse o seu mais digno fim, não ser atestado de uma condição, não mais que rastro sutil de nosso breve encontro.

Então aquele era dia de jogo, lembramos algumas vezes, a hora já passada do início. Uns entravam e saiam, outros, uma espiada pela porta a procura de uma sala com televisão. Eram uns dez que viraram uns cinco próximo ao fim. Antes, bem antes de estar ali, matutava sobre o tempo e a escrita, o modo como faria para unir esses dois temas. Tinha pouco mais que o interesse em conversar sobre isso, de colocar algo no meio e abrir espaço para esse tema vir à tona. Assim, envoltas que estava com isso, dia antes de ir para *lá*, separei um trecho de um livro sobre viagem no tempo, *A máquina do tempo* de H.G Wells, escrito em 1895, (124 anos atrás), e selecionei duas partes de dois filmes, adaptações feitas deste livro, um de 1960 e outro de 2002 (59 e 17 anos antes, respectivamente), por fim ainda, decidi de última hora que passaria um curta-metragem com a mesma temática, que hoje (2 anos depois) lembrei que se chama “Destino” de

Fabien Weibel³⁴ de 2012 (de 7 anos antes). Sobre escrever, sem saber pensar algo novo, escreveríamos uma carta endereçada ao futuro.

“Vamos supor que a gente tenha essa mesma máquina do tempo, e vai sentar e escrever, como se fosse aquela máquina ali a gente vai por uma carta dentro da máquina e ir muitos anos do futuro(...) e a gente pode imaginar que essa máquina vai voltar e trazer uma carta resposta pra essa carta do futuro. Então o que a gente mandaria para o futuro? O que você perguntaria de hoje para alguém que não está aqui, daqui a cem, duzentos anos, pode ser pergunta, mensagem, qualquer coisa.

O trecho, tanto do livro como do filme, corresponde a uma cena em que o viajante do tempo aciona a alavanca da máquina do tempo pela primeira vez, viagem sem volta em direção ao incerto do futuro. A mesma cena narrada de forma distinta, com recursos narrativos e técnicos distintos, com intervalo de tempo distinto. Essa marcação narrativa, essa diferenciação nas formas de dizer e mostrar uma mesma cena, seria o fio condutor que nos levaria do tempo a escrita, a pluralidade da escrita, as diversas formas de dizer algo, achava.

No entanto é o meio que se habita, é nesse intervalo e abertura que a gente se encontra com o outro, e onde, de alguma maneira, a educação se passa. É nesse meio, nós em roda, e não mais que quatro, e que antes me soaram de forma dinâmicas, agora lidas em voz alta, tomaram um ar enfadonho não muito depois de lida a segunda. Sei que só terminei de lê-las como forma de completar o que havia planejado, e a cada palavra ele ia perdendo o estupor e sentido de estar ali. Antes delas, só de colocar o tema “viagem no tempo” em roda, já havíamos saído e entrado no universo, o funcionamento do universo, Stephen Hawking, as estrelas, a ciência, o buraco negro, os foguetes, a vida fora da terra... cada vez mais longe, mais longe de lá, uma conversa interessada em algo tão longínquo, tão fora dali, tão pouco palpável, mais ou menos a mesma relação que a personagem livro tinha com o futuro ao ligar pela primeira vez a máquina do tempo, tudo que havia depois lhe competia fabular.

“em 2070 os chineses têm um plano de colonizar o espaço, achar um meio, uma vida láfora, uma vida no espaço. (uma vida lá fora, não deixa de pensar nessa frase, como se o fora fosse qualquer fora, e todos os foras que existem, e cada mais longe, como se ecoasse infinitamente na vastidão sideral) Mas isso já existiu na terra, quando... imaginava que a terra era quadrada, as grandes navegações iam até certo ponto e voltavam para não cair no abismo do infinito. E depois de Galilei (...), as grandes navegações começaram a ir mais longe e descobrir novas terras. Então essa história da colonização fora do

³⁴ Que pode ser visto em: https://www.youtube.com/watch?v=wEKLEeY_WeQ&feature=emb_title

planeta terra é uma coisa que pode acontecer futuramente. (...) não existe planeta (...) eu acredito que essa ideia (...) então nesse tempo, encontrar novas terras, desbravar novos horizonte gera uma ficção, um tipo de ficção”

Em geral, em filmes dessa temática, o desejo de voltar está ligado ao de desfazer algo para que não ocorra outra vez no presente. Daí a premissa inicial do filme “Máquina do tempo” de 2002³⁵, onde o que move a personagem é a morte da amada, a perda de algo que se deseja restituir, reaver. No entanto, aqui, o tempo é implacável, o que findou não volta, e nossa personagem, mesmo exitoso a rever a amada num tempo pretérito, consegue retornar através da máquina que inventa para tal, e descobre que inevitável é sua morte (ocorrida em decorrência de um assalto), que o que é do destino é imutável (por voltar no tempo, por tentar corrigi-lo, acaba inevitavelmente causando a morte dela em outra circunstância). Permanece a máquina, como resultante de sua busca, e a narrativa que se desenrola com referências mais ou menos pontuais a obra homônima que se inspirou. A personagem segue rumo ao futuro quase como fuga de um passado de desalento. Porém, próximo à obra clássica, no filme de 1960³⁶, nossa personagem é movida não por um desejo de retorno, corrigir algo, mas sim por a curiosidade com o povir, e de fato ele só avança, e o que lhe move (em primeiro momento) é o que ele deseja saber e não o que quer salvar, e assim a narrativa segue desenrolando-se de forma similar ao livro de Wells que a inspirou.

Em dado momento do livro nosso viajante responde ao um psicólogo incrédulo que lhe afirma estar fora da razão qualquer tipo de viagem, “viajo pela lembrança vívida de algo, deslocando-me no tempo à medida que rememoro, o espírito se ausenta, não estou de corpo presente”, como se diz. E não é um pouco disso que faço agora, madrugada adentro quase três anos depois, revisitando um texto como emaranhado de tempos distintos? Com qual razão? Qual a finalidade? Talvez descolocar-se para um instante que não este, um momento que não este, dentro e fora de si, e habitar um lugar onde um assunto se inicia, um fio, que vira trama, cultivar esse lugar, abrir espaço para que algo se crie, poderia ser o ponto comum entre o livro, o que tentamos realizar, e o modo como digo disso anos depois, e se estendermos um pouco mais, o lugar onde esse trabalho coloca a Educação.

A leitura de um pequeno trecho de livro (umas três páginas que parecem intermináveis), alguém diz que que ouviu algo parecido. De repente surge uma revista,

³⁵ Máquina do Tempo (2002) dirigido por Simon Wells, Gore Verbinski.

³⁶ A máquina do Tempo (1960) dirigido por George Pal.

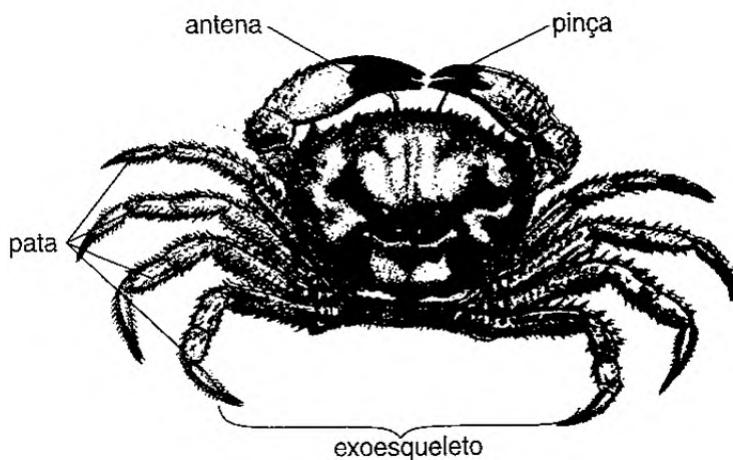
uma caixa de bombom, a lembrança do jogo, e um comentário leva a outro, e cada vez mais longe vamos indo, para fora dali, para dentro do universo. Será essa então a fuga? Esse instante onde o interesse ausenta o real, e passado e futuro deixam ser o que importa, mesmo sabendo que depois *lá* continue sendo *lá*, e aqui permaneça sendo aqui? Para além do tremor do corpo, para além do espaço circunscrito, da rotina, da permanência? Ignorar isso seria ignorar sua condição, essa que não me atinge de pronto? Essa que não sei, mas que, por estar aqui, e não *lá*, poderia fazer-me arauto e dar asilo, e com isso, existência a mesma fora de *lá*? Ou, de outra forma, se a despeito dela, sabendo o que ela implica, o que me interessasse fosse simplesmente, por aqui estar e não *lá*, abrir espaço e tentar garantir, ao menos pelo efêmero instante que for, que *lá* seja um pouco menos *lá*, e aqui, um pouco menos aqui.

“Uma resposta bem simples, por exemplo, nós em 365 dias damos uma volta no sol, e a lua também faz uma volta em torno da terra” (...) “28 dias” (...) “28 dias”. (...) “o sol também faz uma volta em torno de si mesmo, quantos dias será. O sol está aqui e ele faz uma volta e vai parar lá de novo, todos os planetas tão rolando em volta dele, quanto tempo ele leva para dar uma volta?” (...) “eu sabia! (...) “tem que existir também né. E aí também outra coisa, como é que o sol faz esse movimento, que o estudo lá do (ensino) médio, a gente vai lá para o espaço, e a gente vai ver sempre vê mesma direção as mesmas estrelas” (...) “Pra vocês terem uma ideia, que a força que a gente faz para levantar essa cadeira, é muito mais que a gente pensa, pois esse 0,005 mg de atmosfera, que são toneladas e mais essa cadeira” (e levanta a cadeira assim, e pelo jeito que levanta, se vê sem ver o volume da atmosfera que incide sobre ela) (...) “Será que o material que eles usam na nave espacial é um material específico?” (...) “Como será como é o material da nave espacial da NASA”

Assim, se era do futuro que tinha interesse, dos atravessamentos que ele produz (expectativa, projeção, meta, desenvolvimento, progresso, ansiedade, depressão, descompasso, ficção etc.), e nos efeitos que provoca quando colocado em par com a Educação, um movimento de pesquisa, e de interesse, foi procurar trabalhar com aqueles que são tidos como “sem futuro.” “Sem futuro”, pois são todos aqueles que não tem encaixe, que não se sabe bem o que fazer, não são úteis a uma determinada construção do futuro, esse que exige e produz sujeitos ativos, nunca satisfeitos, conectados, resilientes, consumidores, trabalhadores, prestativos, joviais, saudáveis, audazes, e que se tornam aquilo que a sociedade espera que eles se tornem, mesmo falando “seja aquilo que você quer ser”, como se todas as oportunidades tivessem aí, ao alcance de todos, basta perseverança, objetivo, planejamento, “minha meta é conquistar”, moldes de papelão tremulam ante a tempestade que se anuncia. Desde que, desde que... Loucos, desvairados, vagabundos, desempregados, pessoas em situação de rua, idosos, convalescentes,

moribundos, detentos de um hospital de custódia e tratamento psiquiátrico (a lista é grande). De outro modo também, os que nascem sem presente, as crianças, jovens (aqueles cujo apostila já é feita desde o berço). Os “sem futuro” para retomar o título do trabalho, como aquilo que não tem serventia, dado ao fracasso, que não vale investir, sem retorno (exemplos contrários são usados a exaustão como prova de superação, esforço etc.), como era quando se olhava de fora lá para dentro, uniformes sem nome, sem rosto, sem histórias a contar para *adiar o fim do mundo...*

Dia desses, aprendi de um amigo, versado que era no desenho, que perspectiva também era para o lado, que alguém sem perspectiva pode ser tanto alguém sem um rumo ou caminho, alguém sem futuro, como também alguém que não se move para o lado, ensimesmado, pois perspectivar tinha a ver com olhar de diversos ângulos ou formas alguma coisa. E ele disse isso assim, dois para lá, dois para cá, e se foi pela noite assim, ladeando o mundo pelas beiradas.



Uma sociedade que não cuida de suas crianças

é uma sociedade que não tem futuro.

Sem escola, sem recreio

é porque esquecer-se do extermínio faz parte do extermínio



Terremoto na Turquia: quanto tempo é possível sobreviver sob escombros?

697.620 r

Ou mudarmos ou seremos dizimados

Avalanche de lama interrompeu futuro de 42 crianças em Petrópolis

Geração nem-nem: sem estudo, sem trabalho, sem futuro

E O QUE SOBRA PARA O FUTURO

Eventos extremos de frio e calor são 'sinais preocupantes'

49,7°C no Canadá, onda de frio no Brasil, encheres na Alemanha... Tudo está conectado às mudanças climáticas

Mate o seu PASSADO para salvar o seu FUTURO!

Ele nunca vai ouvir aquela história de 'país do futuro'.

EXTERNO

Frescor do subsolo

passam de 21.000

"Esperança é a primeira que morre"

Estudo cruel com ratos indica que, sem esperança, animais morrem mais depressa

Investi errado, o que faço agora?
Podcast dá dicas, ouça

Sem barulho, sem futuro

A geração sem futuro

Sem limites, sem futuro!

rastreamento sem futuro

Aquecimento global de 1,5°C pode levar até 14% das espécies à extinção

Remédio antigo e sem futuro

Quatro sinais de que você tem um emprego sem futuro

Um negócio sem futuro

mais de 40 mil crianças

Quase 100 crianças

INDÍGENA

Uma empresa sem pós-vendas é uma empresa sem futuro

Cortava sempre à máquina. Retilíneo, austero, correto. Sem erro o mantinha aparado. Impecável, sem friso, sem onda, sem volume. Pragmático, preciso, curto, certeiro. Até as arestas eram feitas a régua, simétricas, niveladas. E sustentava aquilo como aquilo lhe definisse. E nem passava a semana já se sentia outro, o espelho já o rejeitava, evitava até mostrar-se para não deixar a mostra seu descompasso assimétrico capilar. Nada lhe podia fugir do controle, e naquele que frequentava semanalmente, lhe garantia preciso: tinha mudado de profissão, fora engenheiro em outros tempos. Aposentado, exercitava o ofício do aparo do fio com a mesma maestria e primor dantes. Porém a eternidade não é dom dado aos filhos do barro, que feito pó que se retorna, embrenhara sutil com o ar, e das vias as vias, inoculado de forma nasal no primogênito que herdara o dote, a retidão e a rinite congênita, num desses atos ligeiros e fortuitos, que caso não estivesse ele a exercer naquele instante a profissão hereditária, e caso aquele não fosse este que preza a precisão uniforme dos pelos da cabeça, pouco caso se faria desta feita. Fato é, que de fato, fato foi. Precisamente fato não, falha, abrira-lhe uma falha, e onde dantes havia controle, precisão e congruência, agora havia uma brecha, brecha não, falha. Anos passou a fio tentando esconder aquela que lhe aparecia, mas de toda a custa, se mantinha ali, teimosa. Cobriu a touca, mas esquentava, deixou crescer, usou toda sorte benzedura, mas ela ali persistia como clareira. Raspou para começar outra vez, mas ela assim ficava mais evidente, enclave no seu deserto capilar. Até pensou em sair assim, vai ver ninguém nota, se passar ligeiro e ressabiado ninguém lhe dirige o olhar e fala “olha aquelezinho com a racha na cabeça”. Vai ver nenhuma criança sem pudor não lhe aponte o dedo e ria alto da reluzente e protuberante falha, aquela maldita falha, aquela que acabou com a sua certidão, seu sucesso, com o que ele era e não é mais. Antes dela tudo era certeiro, fazia tudo com êxito, ordem, planejamento invejável. Tudo era a imagem e semelhança dessa couraça que lhe cortinava a cabeça, anteparo seguro entre céu e o cume zenital do seu corpo. Porém agora, tudo era falha, erro, incerteza. Se algo acontecia, culpa da falha, se uma louça quebrava, culpa da falha, se queima o arroz, culpa da falha, se o time perdia, culpa da falha, se dava com o dedo da quina, culpa da falha, se ficou sozinho, culpa da falha, culpa falha, culpa da falha. Se ao menos... E anos passou no batente da porta praguejando, soluçando, amaldiçoando a todos aqueles que sustentavam belas madeixas, os calvos, deixava passar. Tudo culpa dessa pequena erosão sem sutura que causara no seu ser, aquela que deixara seu semblante irreconhecível, aquela que o transforma em outro, esse outro que agora ele assumia, pé por pé para fora, e cada vez mais distante, a exibir, esbelto e com orgulho, sua pequena intempérie cefálica.

Do que não tem mais lugar

Usei a imagem da jangada para evocar o que está em jogo nessa tentativa, nem que seja para dar a ver que ela deve evitar ser sobrecarregada, sob pena de afundar ou de virar, caso a jangada esteja mal carregada, a carga mal distribuída [...] uma jangada, sabem como é feita: há troncos de madeira ligados entre si de maneira bastante frouxa, de modo que quando se abatem as montanhas de água, a água passa através dos troncos afastados. Dito de outro modo: não retemos as questões. Nossa liberdade relativa vem dessa estrutura rudimentar, e os que a conceberam assim – quero dizer, a jangada – fizeram o melhor que puderam, mesmo que não estivessem em condições de construir uma embarcação. Quando as questões se abatem, não cerramos fileiras – não juntamos os troncos – para constituir uma plataforma concertada. Justo o contrário. Só mantemos do projeto aquilo que nos liga. Vocês veem a importância primordial dos liames e dos modos de amarração, e da distância mesma que os troncos podem ter entre eles. É preciso que o liame seja suficientemente frouxo e que ele não se solte. (DELIGNY, 2013, p.90)

Entrei *lá* com todas essas coisas na cabeça: abrir espaço, experimentar, habitar a incerteza, escapar do futuro, realizar oficinas, fazer uma tese, escrever, realizar um doutorado, publicar, começar um novo tema de pesquisa... *uma jangada de muitos troncos*, pesada demais para se sustentar sobre a água. Relutei o quanto pude em usar aquele espaço como *locus* de pesquisa, chamá-los de sujeitos de pesquisa ou pesquisados, e esses nomes todos. Não tinha a intenção de tornar a sua particular estada em uma experiência mais palatável ou poética, transformar sua existência em material, nossas conversas em discurso, cada manifestação em denúncia de sua situação, ou essas coisas. Encontrar, coletar e sair, sem retorno algum, sem correspondência alguma.

Meu receio era que tudo que fizemos ou faríamos *lá*, chegasse aqui sem rosto, sem eco da voz, alheio, que eu fizesse as deles, palavras de ninguém, dos seus desenhos a expressão maior de nossas angústias, de sua escrita, testemunho grafado de nossas falhas ou respostas não objetivas para nossos impasses deletérios. Como não se apropriar de sua loucura, monetizar sua desgraça, usar sua dor para se autopromover, para fazer carreira, para saciar o ego, para dar-se autoindulgência, ser porta voz de sua miséria, interpretar deles até o silêncio, dar sentido aos seus espasmos, conceituar sua agonia, buscar resposta em seu sorriso, ser arauto de sua condição?

Dizem que não se trata de fazer para eles, por eles, que isso seria tirar-lhes o protagonismo, a capacidade de elaborar, de agir, que talvez seja mais interessante fazer com eles, junto deles, mas onde, se já não estão nem aqui? Eles estão *lá*, são todos os outros aqueles que padecem, aqueles que povoam o noticiário, exemplos cotidianos de

nossa baixeza, uma grande categoria de pessoas sem nome, contorno e sem futuro. Mas, e nós? Nós não, um nós sem eles. Um nós genérico, geral, uma grande categoria de incongruentes que só se agraga por artifício da linguagem. Ainda podemos nos compadecer do outro, tomar distância disso tudo e apregoar o que for preciso sobre o que talvez nunca nos perto passe, pois até mesmo a desgraça, esta usada como atestado geral de nossa ruína e anseio combativo de nossos mínimos e publicizados esforços, nós relegamos. Talvez assim, desta forma, poderemos, olhos marejados, admirar com grande deslumbramento esse lugar meio fictício, meio irreal, depósito de nossas crenças, em que ainda haveremos de chegar, e, no raiar desse novo tempo, a igualdade será tamanha que já seremos indistintamente equânimes em nossa multiplicidade, e habitaremos esse mundo vindouro nos confundindo uns com os outros.

Porém nada disso se deu, pois pouco mais da primeira oficina não passou, e o que poderia ter sido só se pode especular, não sem um pouco daquela sensação de fracasso que permeia todas essas coisas interrompidas. Ficou o começo e o eco que reverbera hora ou outra, feito um marcapasso que ritma nosso prosseguimento e dá impulso quando nos parece que algo já falha (as cartas para o futuro, a gravação do áudio da oficina, um ou outro material, e o que fica encarando, o que o tempo não apaga e que transformei, a meu modo, no conjunto de imagens e texto que abrem esse capítulo).

O que nos acontece quando algo se instaura sem ser percebido, de súbito? O que sobram das coisas que não tem mais contexto, não tem mais lugar? O que fazer com essas que carecem um pouco do prosseguimento que não se deu, da guinada que não se empreendeu, da angústia que não cessou, da expectativa que não se cumpriu? Olhar para elas ver o que elas me dizem? O que demandam? Algo simples, uma resposta objetiva, um resultado, a classificação do time, notícia da família? Todavia, não são respostas que pedem, talvez sejam desejos que fazem aflorar, faltas que dão a ver, dizem da condição de quem as escreve, daqueles que as remetem. Me pergunto o que sobrarão delas depois que isso tudo passar? Para onde vão esses diversos começos que não passaram da pretensão, do ímpeto inicial, da promessa? Qual o lugar dessas coisas inacabadas, abandonadas, relegadas? Em qual lugar devem estar guardadas as várias iniciativas, tendências, metodologias, tecnologias, apetrechos e adereços que certa vez alguém disse que finalmente iriam instaurar o novo na tradicional educação, que iriam salvar o mundo? (esse que tento dar fim desde o começo). Essas que foram abandonadas, incorporadas, subvertidas, esquecidas de alguma maneira, e agora quase ninguém mais as suporta, e

quase tudo já cheira a algo guardado a muito tempo. O que sobra disso que com o tempo adquire a pecha de ser sem futuro?



Baratas ciborgues são criadas por cientistas japoneses para ajudar em desastres

Como dizer do que é radicalmente sem futuro preservando essa característica que a expressão evoca? O que não fornece nenhuma lição para tirar, nenhum pensamento, nada que inspire, nos de alento, nada para explorar e dizer sobre potência da impotência, sobre o futuro dos sem futuro, fazer crítica ao progresso e conceituar sobre a existência dos que subsistem, e transformar qualquer frase dita em lema, qualquer acontecimento em fato, qualquer resposta dada em revelação. Isso não seria manter o (os) sem futuro nesse lugar em que ele já está? Lugar em geral das nossas desilusões, do que não conseguimos, dos nossos fracassos, do que não se quer olhar, do que não corresponde aos nossos anseios, do que não nos engrandece, do que não dos motiva, daquilo que não agraga, que não gera engajamento, nem superação, e, como é comum dizer, isso tudo que não vale o investimento. Também do lugar do não acesso, da subsistência, da relegação, da margem, da subvida, da vulnerabilidade, da inexistência, da miséria... Me pergunto qual seria o limite entre o silenciamento de suas vozes, já silenciadas, e o apagamento de sua existência, já em grande parte apagada, e o uso delas para endossar esse lugar que já lhes é negado.

Penso se dar finalidade ao sem futuro – um fim que atua como forma de atenuar nossa aversão ao sem propósito, ao sem enquadramento nesse futuro que a tudo engloba na utilidade e a tudo conclama partição — não seria retirar dele justamente o que lhe resta: o de não tomar parte em nenhum ideal, de não compor mirada para nenhum horizonte, de não subsidiar nossas mais tenras averbações, de não servir de novo parâmetro para nossas metas, de não corroborar nossas incertezas, de não ser alívio para nossas angústias, nem resposta para nossas indagações, tão pouco matéria para pretensão

de nossos artistas, nem de fazer rima para nossa poesia, nem de lucro a nossa literatura, nem de notícia para nossos jornais, menos ainda de criar imagem para nossa loucura, nem de baliza para nossas desgraças, nem de motivo para nossa política, nem de flâmula para nossa militância, nem de comburente para nossa revolta, nem aposto para nossa educação, nem de subsidio para nossos debates, nem de desafio para nossa didática, ou provação para nossa pedagogia, nem de alicerce para nossas teorias, nem de rumem para nossa solidão, nem de comprovação de nossa sagacidade, de atestado para nossa competência, de motivo para nossa atuação, de transtorno para nossa insônia, muito menos de paralisia para nossa estagnação, de inspiração para nossa mudança, de influência para nossos jovens, alvo de nossa simpatia, nem de tolerância para nossa condescendência, nem de estatística para nossa incompetência, sequer limite para o permissivo, história para superação, disputa para nossas desavenças, também não para atiçar nossa fissura, nem de motivo para nossa bondade? Escapar a toda finalidade, de todos que querem lhes dar bom uso, daqueles que querem sanar a desgraça, canalizar sua consciência, apontar sua exploração, preencher sua incompletude, educar os seus desígnios, lhes dar um rumo, um propósito, uma função, um lugar.

O que falar para os afogados no Mar Mediterrâneo, para os fuzilados nas fronteira, para os desmembrados, para as comunidades dizimadas pela lama do minério, para os imigrantes ilegais, os que fogem, as crianças yanomami, dos que convalescem sem ar, dos mais de seiscentos mil mortos, ou dos cinco milhões até essa semana, os que morrem de fome, os exterminados, os esquecidos em asilos, para mãe enlutada da favela, para o suicida, para o depressivo, para os viciados, para os violentos, os inválidos, os moribundos, os bárbaros, crápulas, os vermes, os despotas acanhados, os desempregados, os desesperados, os sem educação, o que dizer a esse nosso ‘sargentinho’ interno que aflora vez ou outra e que renegamos existência, para os que beiram a extinção, aos jovens sem perspectiva, o que dizer aos que ficam? Em que ainda se agarrar? O que move alguém (ou algo) quando já não lhe resta coisa alguma, e pouco se sabe o que a faz parar em pé? O que sobra quando não há qualquer perspectiva de porvir? O que sobra quando o último fio de esperança é dilacerado? Esperança essa que nos faz acreditar que estamos indo a algum lugar, que justifica nossos esforços, que algo melhor nos aguarda, que isso tudo é passageiro, que isso tudo passará, e que, a despeito de toda desgraça, de todo desalento, de toda dor, de toda frustração, o luto, a raiva, ainda há algo que faça a vida persistir de algum modo, mesmo que o depois seja quase sempre um estado de angústia permanente, de espera ininterrupta, de existência negada, ainda assim há de haver algo a aprender,

qualquer lição a tirar dessa condição de inumanidade a que são relegados todos os que permanecem sem futuro. E o que sobra?

Cada nova empreitada, cada ponto de partida, cada movimento inicial, se desenrola à espera do fim, sempre o mesmo fim, nada se finda ou se sustenta ou se edifica. O que se repete é que fracassam, não porque um dia chegaram a almejar ser outra coisa, pelo contrário, seu êxito é justamente esse: saberem-se sempre inacabadas, nunca fazer cumprir a promessa que nunca se fez, a expectativa que nunca se teve, a meta que nunca se traçou. São feitas e refeitas com os cacos de algo que nunca chegarão a ser, pois antes do prenúncio da forma, tudo rui, e há pouco tempo entre o aviso e o soterramento. Assim é que cultivam um certo orgulho quase secreto por coisas sem futuro. Quem ouvirá isso que não é um lamento, mas uma exaltação?





E O QUE SOBRA?



Talvez seja isso: sentir que quando ela se foi, todo um mundo se foi junto com ela. Um mundo do qual ela fazia parte, que a formou, um mundo que moldou a dureza de sua vida, e que agora, continuará sem ela. E que já não é mais o mesmo mundo, e que a falta que ela irá fazer é do tamanho da sua inigualável e única existência. E que ela não estará mais lá, e que agora só sobrará sua ausência. E que por mais que nos de conforto a ideia de que dela segue na nossa, segue um pouco em cada coisa que ela colocou no mundo, ela mesmo não estará aqui. E sei que aos poucos irá sumir do mundo cada objeto, cada memória, cada gesto, cada cacoete. E que tudo isso foi sumindo desde o primeiro sopro até o último que lhe levou arfado. E por isso acho que todas as suas imagens serão imagens mudas, um corpo parado na pose, no tempo. Talvez seja isso: chegar a um ponto da vida que a única certeza é essa, que ela finda, vagarosamente, sem surpresa. Um dia se está aqui, como sempre esteve, e depois, assim, não está mais, não há mais quem visitar. E a vontade é de ter visto mais um pouco, de ter estado mais um pouco, mais próximo, convivido mais, sentir juntos a passagem das coisas, para cultivar esse apego de persistir, só para ver o que acontece aos outros que vem depois da gente.

Um mundo em dissolução



Estas são as últimas coisas, escreveu ela. Uma a uma, vão desaparecendo para nunca mais voltar. [...] Nada perdura, compreende? Nem mesmo os pensamentos. O que desaparece acaba [...], mas vou em frente [...] pouco importa o que digam, a única coisa que conta é permanecer de pé. (AUSTER, 1987, p 7)

São essas as primeiras palavras do livro “*No país das últimas coisas*”. No decorrer da narrativa acompanhamos a narradora que nos conta essa história, em sua busca pelo irmão que sumiu. Ela começa e permanece o romance imersa nesse país ficcional das últimas coisas, onde, por algum motivo, tudo está desaparecendo, as coisas simplesmente estragam, somem, desvanecem, são destruídas, as vezes de súbito (e num susto nos lembramos de que tudo há de sumir por completo em algum momento) outras lentamente, (as coisas vão se desfazendo, estragando, ruindo, ao ponto de ninguém estranhar sua inexistência). Não se sabe bem como esse desaparecimento começou, e quando se viu, nada mais era concertado, nada tomava o lugar daquilo que ruía, nada de novo despontava. O que resta a esse país é o apagamento daquilo que um dia foi basilar a sua existência, de tudo aquilo que um dia o constituiu, cada pequeno fragmento de coisa, cada traço, cada rua, cada prédio, cada objeto, em outras palavras, é um país deixando de ser.

No decorrer da narrativa acompanhamos a personagem viver tanto no agora, na circunstância que, lentamente, vamos perdendo junto a ela a certeza de que um dia se foi diferente, e a memória só guarda um pouco mais que o suficiente para sobreviver, repetições da vida encarnada no corpo.

O mundo que Auster cria partindo dessa premissa está em paulatina dissolução, um mundo de coisas esquecidas, onde não resta mais nada exceto abraçar o sem futuro da existência que se dissolve, como uma vida de puro instante. Se nada se guarda, nada se perpetua, resta as personagens que permanecem de pé tentar lidar com um mundo enquanto ele rui, fazer durar cada objeto como único (como um dos personagens que etiqueta com nome cada objeto para não esquecer a serventia, e no fim, acaba esquecendo de como se lê); cada encontro como último (pessoas entram e saem da história como se nunca tivessem estado por lá); e de si, segurar ou deixar ir todo o traço constitutivo, pois se sabe que, no fim, não lhe restará nenhum nome, nem resquício de sujeito que um dia foram, nem rastro de individualidade que um dia as singularizou (passamos o livro inteiro sem saber o nome da personagem principal). No limite esse é um mundo de genuíno estranhamento.

O que autor nos apresenta é uma dessas histórias que acontecem na linha limítrofe entre o desaparecimento de um mundo e o surgimento de algo além dele, algo inconcebível. Aqui o novo não é o acréscimo de algo inédito, dado pela substituição, superação ou atualização do que ele parece suceder. Nem avanço na direção de qualquer transformação inovadora, nem retorno a um estágio pretérito, pelo contrário, o novo chega como força dissoluta. As coisas simplesmente vão ruindo, e no fim, restará somente uma pilha de escombros, que no livro é usada para construir um muro, que inconcluso, separa o país de um exterior que só se apresenta na memória vacilante da personagem principal.

Dentro dessa temática distópica em que se pode inserir o romance de Auster, pode-se dizer que tal história é tributária de tantas outras que versam de alguma forma sobre o fim, que lidam com hipóteses catastróficas, cada uma a sua maneira. Grosso modo, há aquelas localizadas antes do fim, lidando com um anúncio inevitável e as formas de contorná-lo; as depois do fim, e vemos o que sobrou e como se reorganiza esse novo mundo; por fim, durante o acontecimento, em que o fim é vivido no instante, e o mundo se desintegra aos poucos.³⁷

O que me interessa aí é a possibilidade de fabulação³⁸. O que aconteceria a nós

³⁷ Para uma reflexão ampliada da temática do catastrofismo e dos diversos tipos de fins que permeiam o antropoceno cf.: STENGERS (2015) e DANOWSKI (2014).

³⁸ Aqui aproximando-se Pelejero (2019) que na esteira de Deleuze diz que a “fabulação é um dos modos de conceituar essas experiências que fazemos com o tempo, e também com a linguagem e a verdade, com o corpo e as imagens, com o devir e a história, com o possível e o real (...) o que se faz ao fabular não é afirmar algo que não é real (...) é afirmar que o real não se esgota nas totalizações estratégicas do sistema da representação - trazendo à tona tudo aquilo que é negligenciado ou depreciado, omitido ou descartado: todos esses elementos dos quais o sistema da representação não quer ou não pode dar conta” (PELEJERO 2019, p. 158)

quando tudo o que constitui aquilo que cremos, que somos (todo esse arcabouço que de algum modo justifica e modula muitas de nossas ações) não parar mais de pé. De outra forma, não se trata de elucubrar sobre a hipotética realização ou não de tal evento (nossa capacidade de prever), nem os gestos heroicos que se fazem para o evitar (nossa capacidade de reagir), nem o tom alarmista que flerta com a conservação (nossa capacidade de sensibilizar), nem o apego moralizante às coisas significativas (o familiar e a família são quase sempre colocados como algo a ser salvo ou a se querer por perto), mas o de ressaltar o quanto frágil pode ser aquilo em que o mundo se assenta, e o que ocorre a nós quando uma situação sem parâmetro se instaura, por outro lado, tirando aquilo que parece excesso, é pensar o que ainda mantém o mundo coeso.

É ver o que sobra da gente quando não se tem mais chão, o que sobra quando tudo desvanece, o que sobra quando o que resta é somente um corpo para suportar o que vem, e que talvez nem ele resista. E se sobrar só o corpo e aquilo que o compõe, quanto dura toda a estrutura? Todos os anos de formação, aprendizado, tudo isso que ele externaliza em relação? Não é um pouco nisso que a educação se assenta?

Especulamos outra vez e digamos que se consiga formar isso, esse ser que é só futuro, especulativo, integral como se diz hoje em dia. Ser que é a imagem mesma de nossas esperanças, de nossas crenças, daquilo que um dia serão todos os formados por uma época, o quanto dura essa estrutura quando seu mundo some? Quanto dura sua integridade, sua benevolência, sua polidez, sua humanidade, o respeito, a cidadania, a equidade, a empatia, a alteridade, sua educação... e todas as características e competências formativas que integram a inteireza desse ser que virá? Num mundo que desvanece, o quanto, e em que, o corpo se sustenta antes de se entregar de vez às forças que o fazem esmorecer? Talvez o trecho abaixo nos de uma pista de como encarar os escombros, juntar os cacos daquilo que resta, e permanecer em pé.

Pois já nada é o que era. Há pedaços disto e pedaços daquilo, porém, nada combina com nada. Mesmo assim, curiosamente, no limite de todo esse caos tudo começa a se fundir novamente. [...] A partir de certo ponto, tudo se desintegra em detritos, poeira ou migalhas, e o que você obtém é algo novo, uma partícula ou um aglomerado de matéria que já não pode ser identificada [...] um fragmento do mundo que já não tem lugar [...]. Tudo se desfaz em pedaços, mas nem todos os pedaços se desfazem, pelo menos não ao mesmo tempo. O trabalho consiste em pesquisar essas pequenas ilhas de integridade, imaginá-las combinadas com outras e estas últimas com outras ainda, e assim, criar novos arquipélagos de matéria. (AUSTER, 1987, p. 27 - 28)



Alheamento

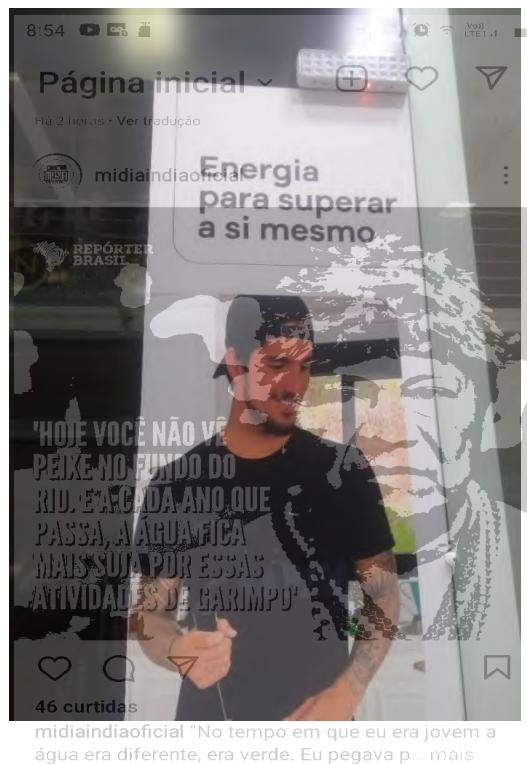
Toda terça feira o jornal local tem um pequeno espaço para mostrar as famílias de pessoas desaparecidas. A câmera passa lentamente, vê-se as fotos bem de perto, rostos há muitos anos que sumiram, outros ainda ontem estavam aqui, e aqueles que foram encontrados. É um pedido de súplica, para que se retorne ao lar, por um sinal, uma pista que indique o paradeiro daqueles que foram e não querem voltar, daqueles que ficaram pelo caminho, e dos que perambulam ainda a espera de que alguém os ache e faça retornar. Por um tempo eu olhava aqueles cartazes, aqueles rostos que não se sabe a forma mantinham, ou se ainda permaneciam lívidos por aí, e me indagava se algum dia cruzei distraído por algum deles, e por qualquer vacilo deixei passar o rosto e o rastro de um desaparecido. Anos fiquei pensando quando figuraria ali um rosto conhecido, de alguém próximo, familiar, ou mesmo o meu, e eu, do alto do meu descaminho, olharia para televisão e não podendo reconhecer nem mesmo a mim, saberia que, enfim, havia me perdido por completo, ao ponto de não haver mais um si ou um onde para voltar, só sobrando esse estranhamento, e uma ausência sem nome.

Auspicioso agouro

Já é madrugada, fecho a tela, a tevê, a janela, chega do mundo por hoje, mas eis que dou com Álvaro de Campos na estante, uma outra pessoa do Fernando Pessoa, abro sem pretensão e folheio, e na penumbra ele não me deixa esquecer “*Sei que me espera qualquer coisa, mas não sei que coisa me espera. Como um quarto escuro. Que eu temo quando creio que nada tem. Mas só o temo, por ele, temo em vão. Não é uma presença: é um frio e um medo. O mistério da morte a mim o liga. Ao brutal fim do meu poema.*” (CAMPOS,1993)

São acontecimentos de momentos distintos esses, e um a um, vão compondo essa temporalidade difusa que se torna texto. Poderíamos dizer, a partir do contexto em que me encontro enquanto escrevo (que já não é esse em que corrijo e tento reavivar o que significava cada palavra para além do texto), é que essa aparente “perda” que o sem futuro encarna, e que atravessa esse trabalho, parece ser sintomática e gestada por diversas vezes nesse período em que se ergueram e fracassaram, uma a uma, todas as promessas modernas de desenvolvimento, de melhora. Ao longo do século XX, futuro e progresso tornaram-se sinônimos, e cultivados com afinco, cada conquista acumulada e celebrada, se sustentou soterrando corpos ancestrais de *vida já não útil*. Com maior ou menor intensidade, ao longo de último século, deram baliza a muitos esforços, desculpa a atrocidades, consolo a nossas angústias, crença a nossa fé, rumo aos nossos mais desvariados projetos. Sobre como isso afeta os povos indígenas enquanto forma de estar no mundo suscetível ao desaparecimento, Ailton Krenak, importante liderança indígena que tem proferido diversas falas nesse sentido, nos conta que:

Nós estamos, devagarzinho, desaparecendo com os mundos que nossos ancestrais cultivaram sem todo esse aparato que hoje consideramos indispesável. Os povos que vivem dentro da floresta sentem isso na pele: veem sumir a mata, a abelha, o colibri, as formigas, a flora; veem o ciclo das árvores mudar. Quando alguém sai para caçar tem que andar dias para encontrar uma espécie que antes vivia ali, ao redor da aldeia, compartilhando com os humanos aquele lugar. *O mundo ao redor deles está sumindo.* Quem vive na cidade não experimenta isso com a mesma intensidade porque tudo parece ter uma existência automática: você estende a mão e tem uma padaria, uma farmácia, um supermercado, um hospital. (KRENAK, 2020, 56 - 57)



Até se pode afirmar, sem pouco receio, que o futuro (a crença, a aposta, a necessidade ou a falta de), foi assunto pautado com força ao longo do século passado - manifesto nas diversas formas que ele pode assumir, (promessas de desenvolvimento, crença de uma sociedade justa, na revolução, ou no catastrofismo, na insegurança pós-guerra, nas mudanças climáticas, a exploração da Terra e finitude da vida etc.). É possível dizer que de alguma maneira essa sobrevalorização do futuro como promessa renovada e perdida diversas vezes ao longo do século XX, se dá, entre muitas coisas, pelo largo aumento de nossa capacidade transformação, interferência e consumo do mundo de forma global e irreversível oriunda do estágio atual do capitalismo, como modo de organização política, econômica e social das relações, e por isso consumidora de cada forma de vida. Talvez seja justamente por saber que somos mais capazes de realizá-lo (um fim ou um futuro que muito se teme, mas que vira e mexe desponta), que temos mais temor do que não tem controle, o que não tem parâmetro, do incerto, e a tudo se precisa conhecer, categorizar, fundamentar, replicar, mesmo o futuro, mesmo a educação, cada vez mais lada fortuita conjectura que parametriza cada passo dado, como uma coreografia sem um corpo³⁹.

³⁹ “A vida é fruição, é uma dança, só que é uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária” (KRENAK, 2020)

De forma resumida, se pode dizer que o desdobramento disso aponta para uma época de profunda fluidez de relações (econômicas, sociais etc.) e mediada cada vez mais pela virtualidade do meio informático e seus modos de existência e funcionamento (em rede, dinâmico, plural e heterogêneo, porém cada vez mais individualista, homogeneizante, autocentrado, personalizado).

Nessa linha, tal quadro de incerteza coloca o futuro no lugar onde geralmente é colocado, como algo além, transcendental ou abstrato (deus, pátria, dinheiro, o progresso etc., que não deixam de serem virtuais), que dá sentido e impulsiona nosso estar no mundo, algo maior.

(Sigo fiel ao meu destino, ele está lá, eu o aguardo com a esperança plena de que mais dia menos dia ele irá de chegar, o que me foi prometido é o que move meu sacrifício, se é de fé que ele se alimenta, lhe sirvo inabalável, o que importa é me manter no caminho⁴⁰).

De outro modo, esse lugar do futuro pode ser vinculado ao agir do próprio sujeito, algo mais tangível (*sou mestre responsável pelo meu próprio destino, toda mudança perpetrada em mim é a transformação concreta que empreendo no mundo*) e que ao menos na última década se atualiza rotineiramente como imperativo, “seja a melhor versão de você mesmo”, como se qualquer transformação desejável fosse única e exclusiva incumbência do homem, de sua evolução, que a tudo muda, tudo modifica pelo querer.

(Sou melhor hoje do que fui ontem, alcanço e almejo todo meu potencial quando não me limito a ser o que sempre fui, posso mais, e ao passo que mais posso, mais amplo esse lugar intangível).

No primeiro caso, quando alicerçado no além, ela calca isso que chamamos de esperança, e desloca nossa crença de que algo melhor há de vir em um ponto que sempre está além de nós mesmos, mas que funda e sustenta nosso agir. No segundo, quando vinculada ao agir e a vontade humana, deposita nele a responsabilidade e a força da mudança, tira-lhe tudo, e o que sobra é o fato e o fardo de ter que encarar a si mesmo, e

⁴⁰ Nesse capítulo as partes de texto em *italico* e entre parênteses, quando não referenciadas, fazem referência a mudança de tom e pessoa do resto do texto. Servem para evocar e reforçam aquilo que pretendo frisar nesse capítulo, proferidas por esse sujeito ficcional que afirma de forma categórica sua própria transformação, sua vida torna-se um empreendimento, e as relações que estabelece dotadas de investimento que espera retorno. Parte dele encontra-se no discurso neoliberal meritocrático, e de alguma forma, como produto último nas mudanças no escopo da educação desde 2016 pelo menos, notadamente a BNCC e da reforma do ensino são alguns exemplos.

saber-se inacabado, finito⁴¹.

Do futuro, diz-se, que se especula, se constrói ou se controla. De toda forma, quanto mais próximo, mais possível ele fica, como firme passo dado antes dos pés; quanto mais além, mais o possível se torna provável, e uma linha se traça daqui até *lá*; na distância, já não há bem justa medida, e uns barganham com a incerteza, outros confabulam a inexatidão, uns se agarram ao aqui, pois nem isso tem garantia, outros o imaginam longínquo, tão distante que a imagem se esfacela entre os dedos, e torna-se agouro.

O si mesmo e o mesmo de si

Há muito vi um filme com Arnold Schwarzenegger: ele, um pai de família, piloto de aeronave meio helicóptero, não lembro bem. Era um desses filmes ambientados em algum lugar do futuro, um futuro não tão distante que gerasse estranhamento, não tão próximo que não fosse absurdo. O cão da família morre e ele, relutante, leva para clonar (a clonagem de animais domésticos no filme já virou prática cotidiana, e a de humanos, ainda era proibido). Ele desconfia o novo cão clonado, receia que ele possa virar outra coisa, mesmo parecido que é com o outro que morreu, ele nega sua existência, reluta, pouco se afeiçoa. Creio que por alguma razão (uma conspiração quem sabe) Arnold sofre um acidente e é dado por morto, sofre um acidente com sua aeronave de trabalho. Então ele volta vivo para casa e vê outro igual a ele tomando seu lugar. Ele desconfia, reluta, observa. Em outra cena eles se encontram: um clone, ambos intuem. Nisso se estabelece uma trama, um conflito. Um afirma ao outro “eu sou o real, você é a cópia, você é outro”, porém não há como saber, são exatamente idênticos. Agora em dobro, eles se veem enredados em uma trama maior (uma empresa de clonagem humana, um cientista megalomaníaco, e sabemos bem o fim. Ação, clímax, desfecho, alguém sempre morre). Resta a cena, aquela cena, que talvez não exista: tubos enormes no laboratório, réplicas de si mesmo ele vê flutuando em um líquido-plasma-vida, incubadas em dormência absoluta, servindo a um propósito maior. E ao vê-las, perplexo, e observando sua identidade única se desfazer, talvez no seu mais íntimo ele saiba: se ele é alguma delas,

⁴¹ “O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento numa certa realidade: é ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer essa autorreflexão pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação. *A Educação é uma resposta da finitude da infinitude!*” (FREIRE, 2011, p. 33 – 34, grifo nosso).

ou se houve alguma vez esse verdadeiro “eu”, talvez isso agora fique em suspenso, e o que resta agora é saber de si.

Do resto

É o capitalismo que sobra, diz Fisher (2020, p. 13), “quando as crenças colapsam ao nível da elaboração ritual e simbólica, e tudo que resta é o consumidor-espectador, cambaleando tropeço entre ruínas e relíquias”. É a exploração crua e inexorável, a objetificação e a desumanização que se transfigura como única realidade que sempre existiu, pois fagocita o passado (e assim escreve, inscreve e justifica e perpetua a sua existência), e sempre existirá, pois coloniza o futuro, tornando-o mero espaço de condescendência dado para apaziguar nosso desconforto e nos manter um tanto inertes crendo que alguém a de fazer algo de bom (exemplos espaçados nos dão razões para acreditar). Assim ele transforma nossa revolta em resignação, nossa potência em apatia, nossa mobilização em conformismo. Assim, como realidade única, ele exaure o futuro de qualquer perspectiva, pois, em grande parte, é capaz de deslocá-lo do nível de elaboração e construção coletiva concreta para um difuso nível do desejo individual que pode manejá-lo com maior destreza. De outro modo, nos faz crer no poder de mudança individual, apontando para nossas falhas, nossas crenças limitantes, e até podemos nos contentar com nossa retórica, pois ele usará nossas palavras mais eloquentes como liga que amalgamará qualquer sinal de ranhura em sua fundação.

Pontua Fisher (2020) que o capitalismo absorveu tanto todo a exterioridade que restam poucos lugares para onde se alastrar, e assim, pouco a pouco, coloniza, como vírus, até no mais íntimo de nossas relações, até no mais interno de nosso corpo biológico, todas as tramas de nosso discurso. O capitalismo não precisa mais negar a exploração, ela a escancara na nossa cara. O capital não precisa de defensores, pelo contrário, afirma-se no suplício convalescente do mundo e na reiteração imagética de corpos mutilados das crianças, a mãe que segura o filho morto, o pai e a filha afogados do rio, um corpo infantil largado na praia Europeia, pessoas revirando o caminhão de lixo, ao mesmo tempo dos mil exemplos de bondade que aliviam nosso suplício. Alguém em algum lugar fará algo de bom. Assim é que vai se criando esse hábito mórbido de normalizar o absurdo, de fazer esquecer o intolerável, ao ponto de nos tornar impassíveis à notícia, e todo o luto, o peso, aquela sensação de derrota total, de impotência e revolta, duram até a próxima imagem de gatinho ou qualquer dancinha da internet, ou a próxima notícia acompanhada

da mudança súbita de expressão do âncora do telejornal. Retirar qualquer possibilidade de ação, de alternativa, transformando-as nessa conformidade absoluta que absorve até a mais bravia das nossas indignações, que desmonta até a mais elaborada de nossas críticas, que subverte até a mais certeira de nossas ações; mas que isso, ele vai além, pois ao menos da virada no milênio para cá, vem nos con clamando a participação, de modo que transforma nossas críticas em colaboração construtiva, nossas ações em somatória, sua expansão em nosso crescimento, e desta forma transforma aquela impotência frente a um mundo em declínio, sem futuro, nesse convite unilateral para protagonizar, como coadjuvante, essa balela misto de farsa e tragédia que povoa nosso futuro. E assim ficamos a esperar que nossa foto figure emoldurada como funcionário do mês⁴².

Em certa medida, precisamos disso para tudo isso funcionar, esse misto de grande desalento perpétuo e de impulso impetuoso que tudo pode, desde que o salto não ultrapasse a medida do pula-pula. É preciso que nos façam sentir vazios, incompletos, para nos venderem o conteúdo que nos falta; insignificantes e desalentados, para que nos possam vender a salvação, nosso caminho para superação, metas para nossa procrastinação, estratégias para vencer na vida... como se cada uma delas fossem características limitadoras de nossas individualidades, o que é outra forma de nos responsabilizar pelas mazelas do mundo.

Se não consegues, tente outra vez, se não progrides, se esforce, se não perseveras, se planeje, se sua vida não anda, faça isso e isso, eu te mostro o caminho, mas são suas as pernas a trilhá-lo, não esperes pelo salvador, empreenda para transformar, constrói por ti mesmo a escada para o paraíso. Não há tempo a perder, cada minuto tem que funcionar conforme a meta, um passo por vez em direção ao propósito, cada coisa absorvida tem que agregar ao crescimento individual, cada relação é entendida como um investimento. Saber transformar o indivíduo em uma empresa e manejar aquilo que é condição coletiva de exploração, dada pela funcionalidade inerente ao próprio sistema, foi uma das grandes conquistas da fase neoliberal do capitalismo na virada do século.

Na esteira do que pontua Fisher, pode-se afirmar que o capitalismo soube manejar as forças e os desejos nas mais diferentes esferas, sobretudo, na sua fase pós 1980, quando se tornou quase sinônimo de real e por isso ele o chama de realismo capitalista. Assim, ele incorpora e transforma a oposição que lhe é feita (como aquela de reiterar todo o absurdo sintomático da exploração necessária para sua existência, ao ponto de nos deixar

⁴² Referência util ao romance os Supridores de José Favero (2020).

tão impassíveis, que até podemos almoçar em frente à desgraça alheia sem qualquer ojeriza) e assimila e subverte diversas características de resistência (quando atacaram sua solidez, tornou-se tão fluido e descentrado, tão movente e dinâmico, que podemos socá-lo à vontade, pois socaremos tanto o ar que ele nos vencerá pelo cansaço, isso se não esmurrarmos nossa própria cara, vez ou outra).

É passando por alguns desses pontos que Fisher (2020) diz, retomando o slogan do discurso de Margareth Thatcher, que a grande marca desse período (e justamente o que precisa ser combatido) talvez seja a de que “não há mais alternativa” (TINA), e que assim, com o aparente fim das grandes propostas, o capitalismo foi capaz de manejar nossas mais pungentes imaginações políticas, reduzindo-as a não mais que uma birra juvenil ou sonho utópico que serve somente como promessa discursiva, ou uma pequena mesada dada à nossa rebeldia, que ele resolve vez ou outra a toque de chinelada. De toda forma, o capitalismo soube redirecionar, a despeito das pequenas insurgências que pouco lhe tiram lasca, essa grande crença futura em alguma alternativa possível (deslocando o eixo do futuro) e solapando, desde a terra, qualquer lugar, mesmo que transcendental, que emule o paraíso.

Talvez por aí passe o que Fisher (2020) chama de “lento cancelamento do Futuro”, não o término do mundo em forma de extinção, por exemplo, mas como fechamento, não há outro mundo para além desse limitado e regido pelas formas capitalistas de exploração da vida, dos modos de agir e pensar, social, política e economicamente. Nada dele escapa, não há saída, todos os caminhos levam ao mesmo fim, não há alternativa. Só porque não enxergamos a parede não quer dizer que não haja perímetro, ou limites. A sensação é de que parece já não haver mais nada de novo, o que restaria seria a repetição daquilo que um dia já foi inédito (na forma de releitura, revisitação, repaginação, referência etc.), um reatualização do passado sobre o futuro, um frescor nostálgico do advir. Ao mesmo tempo, e não à toa, é que também se nota, em suas várias facetas, um certo apelo a novidade, a inovação, ao empreendedorismo, a proatividade, a busca por soluções, a motivação, que fazem transparecer, de algum modo, essa urgência, e sobretudo controle, daquilo que surge como novo.

De outra maneira, como aquilo que desponta inédito enfada tão logo surge, é preciso que a todo momento paire esse sentimento de que algo novo está por vir, e assim a mudança (o novo que o futuro encarna) vai se apresentando quase sempre ligada ao consumo (em geral relacionamos que o futuro chegou quando ligado ao advento de alguma tecnológica), da inovação, da produção, do que da elaboração, prática, ou

estratégia e horizonte político⁴³. Seria então a captura do futuro como horizonte voltado ao progresso, como promessa postergada, cujo rumo pavimenta o que difere e deixa vagando nas margens aqueles sem rota, e na sombra aqueles que confabulam. Um misto de descrença, fracasso, resignação e esperança (a da espera, a da fé, e a do combate).

Um futuro que se realizava em discurso, mas que parece não se concretizar em fato; tão longo, que a esperança se fez espera, e a espera, enfado, e o enfado, descrença, e a descrença, abandono, e desse abandono o capital se adonou, abraçando e alargando esse aparente hiato ideológico. Aí, a falta de perspectiva foi tomada de assalto e empreender individualmente alçado à lema, pois, sutilmente, concretiza esse anseio por mudança, mesmo que pequena, de que algo em nossa vida há de avançar em alguma direção. Foi preciso traçar um longo caminho para transformar nossa aparente exaustão coletiva em uma egóica superação privada, “sem delírio e uma boa dose de confiança cega, o capital não poderia funcionar” (FISHER, 2020, p. 64).

Com base nisso até podemos afirmar que o que capitalismo fez foi fechar o futuro em uma aparente abertura circunscrita em seus próprios mecanismos, em seus próprios termos – transformando qualquer alternativa em delírio utópico, ou em metas individuais ou em pactos e compromissos transnacionais (como os firmados entre nações onde se visa diminuir globalmente algum dano ao meio ambiente) ou ainda escanteando-as (ou aniquilando) no mais recôndito e molecular confim (como as incontáveis revoltas, as comunas, as zonas autônomas, as ocupações, organizações autogestionárias etc.) – tratando de abafar, subverter, reordenar e absorver qualquer traço de futuro cuja ponta da flecha aponte para sua própria cara.

No entanto, e o que não agrega? E o que não colabora para o progresso, o que nada adiciona, cujo corpo não faz grude, o que é incongruente, sem utilidade, o que não constrói o futuro, que o rejeita, que não engradece, e dos sem futuro? Se a quase tudo ele dá utilidade, se a quase tudo ele se aproveita, se abona, como pensar partindo do resto, do que sobra?

⁴³ Ou de outra maneira, agora ligado a momento no qual escrevo essas linhas, a eleição brasileira de 2022, que reflete o que a algum tempo se gesta na obscuridade, onde aquele futuro alardeado pelo campo político progressista vem sendo tomado de assalto pelo conservadorismo de extrema direita, e se transforma em retrocesso.

Esses dias

Esses dias mesmos, ela deu por querer desenhar. E passava horas ali, inventando histórias, rabiscando, folha por folha até deixar só o toco do giz de cera. E a gente procura no mais cotidiano dos gestos o germe de futuro, a floração da vontade, e vê em cada pintura que ela faz, cada rabisco que ela deixa, cada marca no papel, como manifestação de que lateja dentro dela algo, e pensa: vai ser artista. E compra lápis bom, uma resma de folha, e cola desenho na parede, e os exibe como a mais extraordinária das pinturas, e procura aulas na internet, e mostra outras crianças fazendo o mesmo. É o futuro dela nascendo ali. Mas eis que passa um tempo, muitas folhas ainda brancas, e no lápis novinho nem toca mais, foi fazer outra coisa.

O novo e a sobra



É lugar-comum a frase que diz “sem educação, não há futuro”, é quase como um consenso que atrela o investimento em uma na melhoria possível da outra, carência de uma é tomada como motivo depreciativo da outra. De toda forma, é sempre uma aquisição de longo prazo, e, portanto, muito se espera retorno, e há uma porção de gente querendo ser os beneficiários desses dividendos. É dentro dessa lógica invisível, e que se perpetua até ao menos a vida adulta, que o que nasce (o que está porvir, a criança, a juventude etc.) é inserido ao pisar pela primeira vez em uma escola (ou algo a ela correlato) como instituição que condensa no imaginário coletivo, no discurso político ou pedagógico, essa atribuição que a sustenta, essa de esperançar futuros melhores, mas que o retorno ela não tem garantias de consignar.

Todavia, e se pensarmos na frase ao revés, que “sem futuro, não há educação”, como isso soaria? Se tomarmos o futuro em termos de novidade, como movimento em direção ao que ainda não existe (a despeito de expectativas, previsões, controle e

capitalização), e a Educação como modo desvelar um mundo aos que vem⁴⁴, esse que lhes é anterior, e que por sua chegada também se refaz no novo que aí surge, um mundo sem ambos talvez seria um mundo ausente do novo, um mundo estéril, fadado à repetição reiterada do mesmo, um mundo sem mudança. Por outro lado, um mundo ausente de futuro seria um mundo sem perspectiva, condensado num presente sem escape, dilacerante, real, um aqui, um já, um agora, que poderia ser tanto um fechamento completo do porvir ou uma abertura ante todos esses futuros realizados somente dentro do espectro do possível, já dados. Se não há futuro, resta encarar o hoje de frente, diríamos.

É sobre isso que Mark Fisher (2020) está falando quando evoca o filme *Filhos da Esperança* (2016), obra de caráter distópico, cuja catástrofe que faz desenrolar a narrativa tem por tema a esterilidade geral, visto que já não nascem mais novos no mundo. A narrativa aqui é típica: fazer levar de um lugar perigoso a outro mais seguro uma mulher negra e grávida que, pelo que se sabe, talvez seja a única, e que gesta em si algo como a esperança de retomar o futuro de um mundo de onde ele já está ausente. Não à toa, de forma rasa, a mensagem de um novo começo para um mundo em ruínas talvez seja o alento esperançoso que emana na última cena, quando, perdidos à deriva, os personagens são resgatados por um barco chamado *Tomorrow* (amanhã). Na sua reflexão sobre a temática do filme, o autor pergunta: “quanto tempo pode durar uma cultura sem o novo? O que acontece quando os jovens já não são mais capazes de produzir surpresas?” (FISHER, 2020, p. 11).

Dobro a pergunta: o que acontece ao mundo em que já não há novidade, já não há abertura para a novidade? O que antes ainda nos pegava no susto, agora pouco abala, e quando chega, já é incorporado de forma rotineira. Não qualquer novidade, mas aquela que pode ser tomada como o ainda não pensado, o ainda por fazer, o que ainda está em latência, o que ainda não existe, essa abertura radical do futuro não abraçada pelo inovar que, colocado ao lado do empreender, transforma o novo nesse frescor útil que disfarça o odor nauseante daquilo que já apodreceu.

⁴⁴ Penso aqui no que Arendt (2000) diz sobre preservar o novo, o que surge como novidade de cada recém-chegado ao mundo, e preservar o mundo, ter responsabilidade para com mundo, para que o novo pelo novo, não o destrua.

SORTE DO DIA:

Muitas situações podem te abalar, mas só a esperança pode te destruir.

Um mundo sem o novo, e, portanto, de certa maneira, um mundo sem futuro (uma forma de conceber o futuro) seria também um mundo sem mudança, sem alento, onde a imaginação torna-se resignada e sobra pouco além de amanhecer tantas vezes quantas for possível antes de esmorecer por completo. Se não há qualquer depois, se já não é possível pensar qualquer alternativa, se em algum momento mais nada restará, se o futuro foi aglutinado ao presente um tanto hedonista em excesso, é mais fácil, como diz o autor, ecoando a famosa frase de Jameson “imaginar o fim do mundo que o fim do capitalismo”.

E o que nos resta?



O que me intriga não é que tudo esteja ruindo, mas que tanta coisa continue a existir. Demora muito para que um mundo desapareça, muito mais do que a gente pode imaginar. A vida continua a ser vivida, e cada um de nós é a testemunha de um pequeno drama. É verdade que já não existem escolas; é verdade que o último filme foi exibido a cinco anos; é verdade que o vinho é tão escasso atualmente que só os ricos podem adquirir. Mas será isto o que chamamos de vida? *Deixemos que tudo morra e, então, vejamos o que resta. Talvez seja esta a mais interessante das questões: ver o que acontecerá quando já nada existir, e se sobreviveremos também a isso.* (AUSTER, 2010, p. 23, grifo nosso)

Deixar que tudo morra, e então, e ver o que nos resta. Outra volta. Outra vez mais. Quantas delas já foram? Ando repetindo coisas. Lembro da escola, das aulas, de um outro

capítulo. O fim do mundo era o tema delas, e eis eu aqui novamente averbando o fim outra vez. Na sua evocação da vida vegetal, (COCCIA, 2018, p. 17) diz que mundo é “força física que atravessa tudo o que se engendra e se transforma”, portanto, afeito ao encontro, fricção, respiro, atravessamento, toque. Poderia ter encerrado tudo, abandonar e dizer que entre nós, naquelas aulas (que abrem o capítulo 3), não se estabeleceu um mundo nem para dar para dar fim, ou que talvez, que naquele 2018, não havia mundo para partilhar, e que, como é comum de dizer, não habitávamos o mesmo mundo. Todavia, isso não é inteiramente verdade, ocorre que o mundo, esse que se dá em relação, “sopro dos viventes”, da mistura, como diz o autor, não se faz somente do toque sutil das coisas que se traspassam ou interpenetram, mas também de choque, de ruptura, de estranhamento, de colisão. E tudo isso realiza o mundo, a coesão aparente do que é aproximativo, do que se junta, gruda e faz forma na heterogeneidade gravitacional de si e do outro, e o que se dissipá, irrompe e se forma e disforma na colisão. De toda forma, são muitos resquícios que compõem esse corpo que se faz mundo num mundo de muitos corpos.

Muitos preâmbulos fiz para chegar aqui, tentando até então, fazer ecoar o sem futuro diante das forças que pretendem apagá-lo em excesso (das projeções, das expectativas, dos quereres e dos planos), essas que comprimem o futuro e o tornam agregado de um presente sem espera, condição e consequência desse presente. Dá para afirmar que um dos efeitos disso é a transformação de um porvir latente num amontoado de dados, algoritmos, repetições, padrões de ação e efeito. De outro modo, na busca de estabelecer o futuro dentro do espectro do possível, do previsível, do controlável, do moldável, o que se faz é retirar dele a ambivalência, a imprevisibilidade, a radical abertura à dissincronia, ao descompasso, o que ainda não podemos nem medir, nem prever, nem controlar, de outra forma, é justamente no seu excesso que ele se apaga.

Se Educação e Futuro são tomados como correlatos um do outro, como seria pensar uma Educação sem Futuro, não atrelada e corresponsável pelos nossos designios, quando o novo tivesse espaço para se realizar como único? Se a Educação tem sido preenchida por um excesso de Futuro, de vínculo com o Futuro, ou vice-versa, e se isso, em grande medida, acaba produzindo o fechamento de ambos a qualquer potência radicalmente desviante e desagregadora, ou sua captura e envergamento pela utilidade, pela contribuição construtiva, a participação, destrinchada e esmiuçada pelo conhecer, talvez seja interessante escapar pela redução, fazer um movimento de retirada, como no romance de Auster. Se quase tudo em Educação (ou nos processos formais que a

envolvem) perpassa, de certa forma, uma finalidade oclusa que é quase sempre jogada para posteriori⁴⁵, sendo, portanto, relegada e responsável de alguma maneira pela construção do Futuro, e essa tarefa sustenta e ressalta sua importância, como seria pensá-la sem essa demanda? De outra forma, quando não há Futuro no qual se sustentar, o que sobra à Educação, no que ela se afirma?

Se para a realização de um Futuro hipotético e almejável, e só tornado possível mediante a mais Educação, (mais investimento, mais competências, mais metas), um Futuro entranhado como expectativa e que regula a vida do novo ser que nasce, desassociar um do outro, talvez, liberaria a Educação de realizar um trabalho que é por sua natureza inconcluso e inalcançável. De outra maneira, talvez, liberaria o Futuro para realizar-se em abertura, sem ser mera correspondência e efeito categórico e previsível de nossas ambições hodiernas. Mas isso, só me cabe especular, pois é de fazer realizar no mais ínfimo germe do novo que nasce, um futuro que outros já pensaram por ele (mesmo na aparente abertura de um “seja o que quiser ser”, circunscrição limitada no espectro do possível e tolerável, do que agraga) que a Educação se realiza e se efetiva, se assegura e se regula, se mede e se baliza.

É nesse passo que evoco essas imagens, acontecimentos, obras, que podem ser atreladas de alguma maneira ao sem futuro (algo sem chão, sem perspectiva, algo não levado a sério, fracassado, que não vale investir, sem finalidade, mas também como o fim dos fins, o fim do mundo, da existência, do conhecido, do que nos dá sustento etc.). Perpassa a maneira como essa tese foi feita, repetitiva, fracassada, respigada, em *loop*; o excesso de futuro, e os muitos lugares onde ele toma existência e que compõem o capítulo dois; as aulas sobre o fim que fracassaram, e o jogo fiz apara falar, a minha maneira, do fracasso e dos fracassados em educação, e que são parte do capítulo três; das oficinas realizadas com internos de um Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP)⁴⁶, as cartas para o futuro feitas pelos mesmos em uma oficina, o tema proposto (a viagem no tempo), os materiais que produzimos, os que escolhi para apresentar o tema (filme, trecho de livro, reportagem), as expectativas quanto a elas, o fracasso de vê-las interrompidas em virtude da pandemia e o modo como isso tudo toma outra realidade a

⁴⁵ Penso em quando uma criança pergunta a um adulto para que serve tal conteúdo ou reprimenda ou castigo ou ensinamento, e se diz que um dia, quando crescerem, elas saberão; ou ainda, quando um dia minha filha perguntou o porquê de nós a ensinarmos a ser boa, a respeitar, a arrumar suas coisas, a comer verduras, e todas essas coisas que os pais ensinam ou corrigem nos filhos... e eu não consegui responder.

⁴⁶ No segundo semestre de 2019 realizei algumas oficinas com os internos do HCTP em conjunto com amigos, oficineiros e companheiros de grupo de pesquisa, Luiz Guilherme Augsburger e Helena Paula Zanin, e que compõem parte inicial do capítulo quatro. A eles meu caloroso abraço.

partir da escrita do capítulo quatro. De algum modo também, todo planejamento frustrado, a sensação de não saber o que fazer, de não saber dar prosseguimento, que tomou de assalto este trabalho, quase como espelhamento do que passa ao mundo em decorrência da pandemia de Covid-19 (e com eles todas as metáforas do imprevisto, da perda de um mundo, do luto, e o tom de aparente desalento que transpassa cada palavra que digito). No entanto, como falar de algo tão variável, que cada um padece à sua maneira? Portanto, se me agarro a essas imagens é para tentar dar conta de dizer de algo que me escapa, do qual a linguagem não dá conta de averbar, essa de perder o mundo, o chão, o futuro, e buscar algo no que se agarrar, ou o que preservar, para não desabar de vez. Como não transformar tudo em paralisia e persistir em pé sem uma perspectiva aparente, sem qualquer lugar de chegada? Talvez seja essa uma tentativa.

Ser e deixar de Ser

Você me diz que⁴⁷, como o rio, o futuro já está aqui, ancestral, que flui aos igarapés, nos mananciais, que desce vivo, sempre vivo, serpenteando, e um fio de água sem nome junta em confluência, correndo, banhando terra, ganhando espaço, e ali uma criança brincado, e acolá o barco, o peixe, uns bichos, tudo assim sem limite, porque rio não obedece a fronteira, desliza na terra, no céu, nas arvores, nos corpos Diz que quando matam um rio, quanto represam o rio, quando envenenam o rio, é a vida que flui nele, a vida que ele compartilha no seu desague que se está matando, a ancestralidade que ele carrega, o futuro fluido que dele aflui. E que o medo é tanto, de que matem tudo, de que suguem o traço de vida das coisas, de que acabem com o mundo, que esse medo vira paralisia, e nos faz descrecer, e nos faz parar de sonhar o sonho a partir da terra. Do menor e obscuro dos seres até a impávida montanha, todos tem vida, espírito, todos são presença, compartilham o mundo que não encerra no mundo que nos dizem estarmos dando cabo. Que é preciso saber fazer alianças, junções, contágios, entre todos os seres que aqui estão, e aqueles novos que ainda vem, esse ser que “já existe, que não precisa de uma fôrma, que nos informa é quando chega ao mundo”. Não é uma questão de respeito, mas de fricção, de fruição da vida na sua radical alteridade.

E achei interessante isso, pois não é isso que faço o tempo todo? Não é isso que justifica meu ofício? Não é o que professo sem crer? Que uso de desculpa, aviso, barganha

⁴⁷ Faço aqui uma conversa com KRENAK (2020)

ou chantagem contra o desinteresse? Um canto de sereia que induz a motivação? Não é o futuro, que você diz estar neles, posto que ao nascer eles anunciam, que tenho como meta? Não é de formar, instruir, conscientizar, ensinar, lecionar, esclarecer, explicar, preparar... a esses novos para o futuro, causa primeira do meu labor, meu trunfo? Não é de melhorá-lo promessa recorrente que faço a eles e a mim, que me faz permanecer nessa função dadivosa de esperançar?

Como fazer cindir um do outro? Não sei e você me diz que ao invés de produzir um futuro deveríamos *“recepçãoar essa inventividade que chega através das novas pessoas”* e *“considerar que dali emerge uma criatividade e uma subjetividade capazes de inventar outros mundos”*. E fico pensando nisso, e olho para cima, corro a tela nessas páginas que passaram, e tento achar um pouco disso aqui e ali, e tento lembrar desses cinco anos, dos mundos inventados, dos que já se foram, dos que tentei dar um fim. E olho para o lado e ela está ali, empilhando pedaços de bonecos, juntando restos de brinquedos quebrados com tocos de madeira, um dúzia de grampos, alguns lápis, umas folhas, uns fios, um bolo de roupa por dobrar, e arrasta cadeira, e pega o lençol, e pendura coisas por ai, e da sala vai criando um mundo, e a luz da manhã tá tão bonita, e todas essas coisas respondem a ela, todas tem vida, são presença, todas são o mundo agora, que vai da sala para o quarto, do quarto para o banheiro, e chega aqui pertinho, se alastra, se espraia, e quando dou por mim, meu mundo de cá se junta com o dela, nessa brincadeira de ser deixar de ser.

6_ REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodoro. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ARAÚJO, Emilia Rodrigues (Org.). **O futuro não pode começar: actas da conferência, Braga**. Braga: Núcleo de Estudos de Sociologia da Universidade do Minho, 2005.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ASSIS, Machado de. **A cartomante e outros contos**. São Paulo: Editora Moderna, 1995.

AUGÉ, Marc. **Para onde foi o futuro?** Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. Campinas, SP: Papirus, 2012.

AUGSBURGER, Luiz Guilherme. **Que pode a amizade?** Movimentos cartográficos e educação em terras de clausura. 206 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em Educação, Florianópolis, 2017.

AUSTER, Paul. **A invenção da solidão**. Tradução de Rubens Figueiredo. 1^a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

AUSTER, Paul. **No país das últimas coisas**. Tradução: Luiz Araújo. São Paulo: Best Seller, 1987.

BARTHES, Roland. **Aula** (aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciado dia 7 de janeiro de 1977). Tradução de Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Ed. Cultrix, 1975.

BECKETT, Samuel. **Companhia e outros textos**. Tradução de Ana Helena Souza. São Paulo: Globo, 2012.

BIGNOTTO, Newton. O medo do acaso. In: NOAVAES, Adauto (Org.). **Mutações: o futuro não é mais o que era**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2013. 544 p. il.fotografias.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 19. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

CAMPOS, Álvaro de. **Livro de Versos**. Fernando Pessoa. Edição crítica. Introdução, transcrição, organização e notas de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1993.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (CMMAD). **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1988.

CORRÊA, Guilherme C. Oficina: novos territórios em educação. In: PEY, Maria Oly (Org.). **Pedagogia Libertária**: experiências hoje. Rio de Janeiro: Imaginário, 2000.

CORRÊA, Guilherme. **Educação, comunicação, anarquia**. Procedências da sociedade de controle no Brasil. São Paulo: Cortez, 2006.

CRARY, Jonathan. **24/7**: Capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2014.

CULTIVE RESISTÊNCIA. Zênite - **Escritos para acabar**. 2016. Disponível em: https://faccacficticia.noblogs.org/files/2015/08/ZENITE_2016_Final.pdf.

DANOWSKI, Débora; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e Barbárie e Instituto Socioambiental, 2014. 176 p.

DELEUZE, Gilles. O atual e o virtual. In: ALLIEZ, Éric (Org.). **Deleuze Filosofia Virtual**. Tradução de Heloísa B. S. Rocha. São Paulo: Ed. 34, 1996, pp. 47-57.

DELIGNY, Fernand. **Jangada**. Cadernos de Subjetividade, vol. 10, no. 15, pp. 89-90, 2013.

DELIGNY, Fernand. **Semente de crápula**: conselhos aos educadores que gostariam de cultivá-la. n-1 edições, 2020.

DUPUY, Jean-Pierre. Chorar as mortes que virão – Por um catastrofismo ilustrado. In: NOAVAES, Adauto (Org.). **Mutações**: o futuro não é mais o que era. São Paulo: Edições Sesc SP, 2013, p. 544. (il. fotografias).

FALERO, José. **Os Supridores**. São Paulo: Editora Todavia, 2020.

FERRAZ, Silvio. **Livro das sonoridades** [notas dispersas sobre composição]. Rio de Janeiro: Ed. 7 letras, 2004.

FISHER, Mark. **Realismo Capitalista**. É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. (Revisada e atualizada).

FREITAS, Michele Martinenghi Sidronio de. **O lambe-lambe como potencializador de aprendizagens em fuga**. 159 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2016.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade da transparência**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2017.

HERZOG, Werner. **Conquista do inútil**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. 6. ed. Piracicaba: Editora Unimep, 2011.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, Edição do Kindle, 2020.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**: neoliberalismo em ataque ao ensino público. São Paulo: Boitempo, 2019.

MARCONDES, Pyr. **Como prever o futuro: aprenda aqui em 15 minutos**. Ou deixe para lá. Proxxima, 9 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www.proxxima.com.br/home/proxxima/blog-do-pyr/2019/01/09/como-prever-o-futuro-aprenda-aqui-em-15-minutos-ou-deixe-pra-la.html>.

MARTINS, Fabiana; NETTO, Maria; KOHAN, Walter (Org.). **Encontrar escola**: o ato educativo e a experiência da pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014.

MIGLIORIN, C. **Imagem-experiência**: os catadores e a catadora de Agnès Varda. In: Compós, 2006, Bauru. Anais do XVIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2006.

MINOIS, Georges. **História do futuro**: dos profetas à prospectiva. Tradução de Mariana Ecchalar. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

PELLEJERO, Eduardo. **Justiça poética**: palavras e imagens fora de ordem. São Paulo: Carcará, 2019.

PEY, Maria Oly. **Oficina como modalidade educativa**. Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação, v. 15, n. 27, p. 35-63, jan./jun. 1997.

PEY, Maria Oly. **Pedagogia Libertária**: experiências hoje. Rio de Janeiro: Imaginário, 2000.

PREVE, Ana Maria H. **Sexualidade, quem precisa disso?** A trajetória de uma oficina. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

PREVE, Ana Maria Hoepers. **Mapas, prisão e fugas**: cartografias intensivas em educação. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

RIBEIRO, Danilo Stank. **Da oficina, do ofício, do oficineiro**. 245 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em Educação, Florianópolis, 2018.

STENGERS, Isabelle. **No Tempo das Catástrofes**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TAVARES, Gonçalo M. **Atlas do corpo e da imaginação**. Lisboa: Editorial Caminho, 2013.

TETLOCK, Philip E.; GARDNER, Dan. **Superprevisões**: a arte e a ciência de antecipar o futuro. Tradução de Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2016.

VARDA, Agnès. **Os respigadores e a respigadora**: documentário. França: FRA, 2000. Filme (82 min), color.

WELLS, H. G. **A máquina do tempo**. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 1994.

WOLFF, Francis. A flecha do tempo e o rio do tempo – Pensar o futuro. In: NOAVAES, Adauto (Org.). **Mutações**: o futuro não é mais o que era. São Paulo: Edições Sesc SP, 2013.